

Universidade de Brasília
Centro de Excelência em Turismo

BRASÍLIA: TURISMO, MISTICISMO E RELIGIOSIDADE

José Luiz Xavier
Orientadora Dr^a Deis Siqueira

Monografia apresentada ao Centro de Excelência em Turismo da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do certificado em Curso de Especialização para Professores e Pesquisadores em Turismo e Hospitalidade.

Brasília, DF
Dezembro, 2003

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Centro de Excelência em Turismo
Curso de Especialização para Professores
e Pesquisadores em Turismo e Hospitalidade

BRASÍLIA: TURISMO, MISTICISMO E RELIGIOSIDADE

José Luiz Xavier

Banca Examinadora:

Orientadora: Professora Doutora Deis Siqueira

Membro da Banca

Brasília, DF
Dezembro, 2003

José Luiz Xavier

BRASÍLIA: TURISMO, MISTICISMO E RELIGIOSIDADE

Comissão Avaliadora

Orientadora Professora: Dr^a Deis Siqueira

Brasília, DF
Dezembro, 2003

ESQUINA DO MUNDO

Brasília não tem esquina
E por isso se destina
A prosseguir...não parar.
Para alcançar o futuro,
Na travessia do escuro,
É preciso navegar.

A esquina ficou pequena,
Na trajetória serena
Da Capital do milênio.
Parece que é sua sina,
Ser, talvez, a grande esquina,
Ser ribalta, ser proscênio

Do futuro que chegou.
A nau aqui se ancorou....
Dela desceu a esperança.
Desceu trazendo o porvir
Que, altaneiro, há de luzir
Despojado da lembrança

Das coisas velhas, perdidas,
Lá no passado, esquecidas,
Nas esquinas da saudade.
Aqui, tudo é diferente...
O caminhar para frente
Tem saber de eternidade.

O céu imenso....o horizonte,
Da inovação sendo a fonte
Para o poder de criar...
Sol que a todos ilumina,
Brasília vai ser a esquina,
Para o mundo se encontrar.

Newton Rossi

À minha filha Edna e esposa Dora, que possam desfrutar de Brasília, de uma forma diferente, com uma visão mística e religiosa ampla. Contribuindo este, para o conhecimento do que a capital em que habitamos, tem a oferecer. Pois só com este conhecimento adquirido, é possível desfrutar de lugares, às vezes escondidos e não divulgados, como os existentes em Brasília. E também, que elas possam crescer junto comigo, espiritualmente, nesta caminhada.

Agradeço a Deus que em todos os momentos se faz presente na minha vida.

Agradeço a minha esposa Dora, que caminha ao meu lado e me ajuda a suportar todas as dificuldades que surgem no decorrer de nossas vidas.

Agradeço aos meus mestres, que infinitamente não se cansam de ensinar.

RESUMO

O Turismo, no sentido estrito da palavra, de realizar viagens por lazer, pode ser observado desde os primórdios dos tempos. Os povos, tais como os sumérios, gregos e romanos já o executavam, com o intuito, inicialmente, de conquistar terras, e assim aumentar o poderio entre si. Mas com o passar do tempo, essas conquistas abriram caminho para o intercâmbio de conhecimentos e muitas descobertas. Na Idade Média, as viagens tornaram-se uma forma de difundir as várias doutrinas religiosas e para a expansão do desenvolvimento comercial. Na Era Industrial, ou Idade Moderna, o Turismo começa a ser realizado como forma de lazer. Progressivamente, firmando-se, como um meio de ampliar conhecimentos, e atualmente, uma maneira de fazer aumento de divisas ao setor econômico do País.

Este trabalho constitui-se numa pequena viagem através dos tempos, desde a Era Antes de Cristo, até o surgimento da cidade de Brasília, no centro do Planalto Central do Brasil; e como a mesma tornou-se, nos últimos anos, a Capital do Terceiro Milênio, com todo o misticismo que acompanha sua história, iniciado com o sonho de Dom Bosco. Nesse contexto místico, um roteiro de viagem foi idealizado, com o intuito de revelar ao turista, que aqui se encontra, porque Brasília é conhecida como a Terra Prometida, e dar-lhe motivos suficientes para aqui sempre retornar.

ABSTRACT

Tourism, at the meaning the Word as to realize leisure travel, can be notice since of the beginning of the time. Sumerians, greeks and romans people did it, with the objective to achieve lands, and to increase the power amongst themselves, at the first. But after, this achievements opened the doors to the knowledge exchange and many discoveries. In the Middle Age, the travels became an diffusion way to the several religions doctrine and to spread the commercial development. In the Industrial Era, or Modern Age, the Tourism begin to be realized like a leisure way. Progressively, it settled like a way to broaden the knowing, and nowadays a form to increase the country economic activity.

This study is a little journey across the times, since before Christ untik to arise the city of Brasília, in the center of the Planalto Central of Brazil; and how it became, in the last years, the Capital of the Third Millennium, with all the mysticism that ists history has, had begun with Dom Bosco dream. In this mystic context an guidebook was created to show to the tourism, that is here, whay Brasília is known as the Promise Land, and give it enough reasons to, always, go back.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	01
2. OBJETIVO	03
3. CONCEITO DE TURISMO	05
4. EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO TURISMO.....	07
4.1 - A VIAGEM ATRAVÉS DOS TEMPOS	07
4.1.1 - Idade das Trevas - Idade Média	09
4.2 - A PARTIR DO RENASCENTISMO	11
4.3 - THOMAS COOK PARA O TURISMO	16
4.4 - A EVOLUÇÃO DO TURISMO NO SÉCULO XX.....	17
5. O PROFISSIONAL DE TURISMO	20
6. TURISMO SUSTENTÁVEL	22
6.1 - A QUALIDADE NO TURISMO	23
7. O CÓDIGO MUNDIAL DA ÉTICA NO TURISMO.....	28
7.1 – A GESTÃO DO TURISMO NO BRASIL	30
8. AS POTENCIALIDADES TURÍSTICAS DE BRASÍLIA.....	33
9. BRASÍLIA, A CAPITAL DO TERCEIRO MILÊNIO	39
9.1 – ALTO PARAÍSO, O CHAKRA CARDÍACO DO PLANETA	44
9.2 – BRASÍLIA MÍSTICA, É A TERRA PROMETIDA	47
9.2.1 – O Místico e o Esotérico	51
9.3 – RELIGIOSIDADE E ESTILO DE VIDA.....	52

9.3.1 - Religiosidade	52
9.3.2 - Novo Estilo de Vida, Novos Valores	54
9.4 - RELIGIÃO E RELIGIOSIDADE NA CONTEMPORANEIDADE	56
9.4.1 – As Diversas Doutrinas do Terceiro Milênio	59
9.5 – TURISMO E RELIGIOSIDADE	60
10. BRASÍLIA EGÍPCIA	64
10.1 – AKHETATON <i>VERSUS</i> BRASÍLIA	65
10.2 - MOERIS E PARANOÁ.....	68
10.3 – A ARQUITETURA DAS CIDADES	69
10.4 - OCULTISMO e SIMBOLOGIA.....	74
10.4.1 - Estrela de Davi.....	75
10.4.2 - O Triângulo das Comunicações.....	78
10.4.3 - O 4 na Praça dos Três Poderes	78
10.4.4 – A Catedral.....	79
10.4.5 – O Cemitério.....	81
10.5 - NUMEROLOGIA.....	81
10.5.1 - O Santuário Dom Bosco	83
10.6 - OUTROS DADOS	83
10.7- TEMPLO DA BOA VONTADE	84
10.8 - DE KEOPS AO TEATRO NACIONAL	86
11. ROTEIRO TURÍSTICO DA BRASÍLIA MÍSTICA.....	88
I - CATEDRAL	88
II - SANTUÁRIO DOM BOSCO	89

III – IGREJINHA	91
IV – MESQUITA DO CENTRO ISLÂMICO DO BRASIL	92
V – TEMPLO BUDISTA DA TERRA PURA.....	93
VI – SEICHO-NO-IÊ	94
VII – CATEDRAL SANTA MARIA DOS MILITARES, RAINHA DA PAZ	95
VIII - ORATÓRIO DO SOLDADO	96
IX – COMUNHÃO ESPÍRITA	97
X – ERMIDA DOM BOSCO.....	98
XI - IGREJA MESSIÂNICA MUNDIAL.....	99
XII – TEMPLO DA ORDEM ROSA-CRUZ.....	100
XIII - IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA	101
XIV - TEMPLO DA BOA VONTADE	101
XV - CIDADE ECLÉTICA.....	105
XVI - CIDADE DA PAZ.....	106
XVII - O VALE DO AMANHECER.....	106
XVIII - PLANALTINA (DF)	109
XIX - PIRINÓPOLIS (GO)	111
XX - CIDADE DE GOIÁS (GO)	114
XXI - CORUMBÁ DE GOIÁS (GO).....	115
XXII - LUZIÂNIA (GO)	116
11.1 - OUTROS LUGARES COMPLETAM O CONCEITO MÍSTICO DE BRASÍLIA.....	118

I - PLANETÁRIO.....	118
II - MUSEUS.....	119
11.2 - ALÉM DA FRONTEIRA	119
CONCLUSÃO	121
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	128
ANEXOS.....	133

INTRODUÇÃO

Este trabalho é uma revisão bibliográfica sobre o ponto de vista do turismo místico em Brasília, desde a sua fundação até os dias atuais, construído a partir, sobretudo, conforme registrado pela literatura existente sobre o tema.

A atividade turística vem se confirmando como uma fonte de divisa das mais atrativas para o país, haja vista que, o seu desenvolvimento favorece o crescimento sócio-econômico e também cultural.

Brasília é uma cidade mística, portanto tem trazido muitos turistas, tornando-se um atrativo turístico para a cidade. Ancorada na visão futurista do Padre Salesiano Dom Bosco, em 1883, Brasília é conhecida também como a capital da esperança, a cidade prometida.

O Brasil é um país fértil para esse tipo de turismo, mas, infelizmente, as autoridades responsáveis não conhecem ou ignoram o potencial desse segmento. É considerado ainda, o maior país místico do mundo depois da Índia.

Místico vem de mistério, vem das culturas antigas, onde viviam os sacerdotes e magos que eram os responsáveis por guardar os conhecimentos dos mistérios do divino e do cosmo.

Muitos templos e seguidores, apreciadores do misticismo aqui na Capital se fixaram, bem como nas proximidades, como outras cidades goianas e mineiras, provocando deslocamento de pessoas praticantes e simpatizantes do misticismo religioso.

Brasília, por ser a sede do Governo Federal, é estimulada pelos mais diversas pessoas, tanto brasileiras como estrangeiras, que desejam conhecê-la e desfrutar de sua magia, que apresenta várias dimensões, tais como arquitetônica, panorâmicas, ambientais e de liberdade.

A exemplo de outras capitais como Washington, Paris e Roma, há possibilidade de transformar Brasília num centro de referência para turistas brasileiros e estrangeiros, uma vez que a cidade possui museus, monumentos, galerias de arte, teatros, entre outros lugares, visando, assim, aumentar o tempo de permanência, seja para negócios, ou para simplesmente conhecê-la. Para isso é necessário criar atrativos turísticos, que é a função dos profissionais do turismo de Brasília.

Uma análise mais detalhada de Brasília mostra a existência de uma grande variedade de opções de lazer que poderia ser aproveitada pelo turista, tais como: belezas naturais do cerrado (cachoeira, grutas, hotéis fazenda, etc.), monumentos (arquitetura, civismo, etc.), além de novas religiosidades. A religiosidade é ainda, pouco trabalhada pelo turismo local.

No estado em que se encontra atualmente, o turismo brasiliense apresenta uma série de carências, tanto em suas estruturas físicas, profissionais como técnicas. Na maioria das vezes, as ações que visam o desenvolvimento do turismo esbarram na falta de continuidade política ou na falta de recursos humanos e financeiros. Observa-se, ainda, a falta de informações que identifiquem o real potencial turístico de Brasília.

2. OBJETIVO

Este estudo acadêmico tem como objetivo corroborar para o desenvolvimento de turismo místico de Brasília, destacando a contribuição que os lugares que se ligam à imagem “Brasília Cidade Mística” exercem sobre a prática do turismo local.

Além disso, esta pesquisa inova, ao analisar a potencialidade turística desses lugares como forma de desenvolver não só um segmento do turismo – o turismo místico, ou esotérico -, mas também o turismo como um todo, visto que os espaços sagrados são também expressivos por sua arquitetura, beleza e pelos valores culturais transmitidos por meio de seus símbolos.

Esta pesquisa estuda, e analisa também, a possibilidade de criar um corredor turístico - a partir de Brasília-, para o turista visitar lugares místicos, próximos ao Distrito Federal. Criar um *cluster* místico para desenvolver o turismo na Capital Federal. Quando o turista vier a Brasília, saberá que há outras opções no seu roteiro turístico, além dos convencionais.

Objetiva ainda, verificar a importância da imagem mística de Brasília no que tange ao enriquecimento do turismo local, oferecendo aos demandantes do turismo, condições compatíveis de usufruir benefícios e conhecimentos do sagrado e do divino, ligando à imagem de “Brasília – Cidade Mística”, a sua potencialidade turística, não somente na direção do místico, ou esotérico, mas também uma ampla visão de conhecimento geral, tendo em vista que os espaços sagrados são também expressivos

por sua arquitetura, beleza e pelos valores culturais transmitidos por meio de seus símbolos.

O trabalho re-desbravará um corredor turístico, na intenção de seu desenvolvimento na capital federal. Destacam-se os pontos turísticos mais importantes que podem ser encontrados em Brasília e no Planalto Central, suas vias de acesso terrestres e localização no roteiro.

3 – CONCEITO DE TURISMO

A palavra turismo não apareceu na língua inglesa senão no começo do século XIX. A palavra *tour* estava mais associada à idéia de uma viagem ou turnê teatral do que à idéia de um indivíduo viajando somente por prazer, que é a acepção em uso atualmente. A décima edição do *Webster Collegiate* define o turista como aquele que viaja em busca de lazer ou cultura.

O turismo pode ser definido como a ciência, a arte e a atividade comercial especializada em atrair e transportar visitantes acomodá-los, e atender, com cortesia, a suas necessidades e desejos.

Turista, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), é o visitante que permanece mais de uma noite e menos de um mês. Viagens de negócios e convenções também se incluem nessa definição.

Para muitos países em desenvolvimento, o turismo é responsável por uma porcentagem relativamente alta do PIB, além de ser uma maneira de equilibrar a balança comercial com outros países.

Turismo significa coisas diferentes para pessoas diferentes. Um hoteleiro, por exemplo, provavelmente diria que o turismo é magnífico porque traz hóspedes que lotam os quartos dos hotéis e os restaurantes. Um funcionário do governo, entretanto, o definiria como um benefício econômico, com mais dinheiro entrando no país, estado ou cidade.

Turismo é maior indústria do mundo, uma atividade cuja expansão e dinamismo encontram-se em relação direta com o interesse do consumidor. Essa afirmação estará correta se todos os componentes inter-relacionados forem colocados sob um único grupo: Viagens, Acomodações, Alimentação e Lazer.

Segundo o *World Travel and Tourism Council* (WTTC), a indústria do turismo e das viagens possui as seguintes características:

- Maior indústria do mundo, com rendimento bruto de mais 3,8 trilhões de dólares em 1997 e uma expectativa de 7,1 trilhões para o ano de 2007;
- Maior contribuição industrial do mundo, responsável por mais de 10% do Produto Interno Bruto (PIB) dos Estados Unidos;
- Emprega mais de 262 milhões de pessoas, 10% da força produtiva mundial; e
- Tem expectativa de crescimento mais acelerado dentre todos os setores de trabalho do mundo.

O futurólogo John Naisbit afirma que no século XXI a economia global será dirigida por três megasetores da indústria de serviços: telecomunicações, tecnologia da informação e viagens e turismo.

4 - EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO TURISMO

4.1 - A VIAGEM ATRAVÉS DOS TEMPOS

As viagens sempre acompanharam o ser humano como se fossem um movimento físico e de idéias. Elas aparecem na história, representando uma das mais remotas atividades. O homem parecia estar condenado a viajar para cumprir o seu rito de fé. (BARBOSA, Ycarim , 2002:11,14,19, 22,31)

As viagens foram sempre praticadas por seres que praticavam caça e coleta. Na Idade Antiga, a invenção da moeda e o desenvolvimento do comércio por volta de 4.000 AC, marcaram provavelmente o início da era moderna das viagens. Consta-se que os sumérios são considerados os criadores das viagens.

A primeira grande viagem da história supõe-se que, iniciou-se com Moisés, ao longo do deserto, conduzindo o povo de Israel até a Terra Prometida.

A cultura grega é um exemplo bem nítido da importância viagens dos gregos. Deslocavam-se pelos mares, desertos e montanhas realizando os desejos dos deuses. O povo grego realizou contínuas e freqüentes viagens a seus santuários, celebrando simultaneamente competições atléticas e imortalizando algumas de suas cidades como Delfos, Atenas, Corinto e Olímpia (Bermúdez, 1997:36)

Os gregos davam muita atenção às estradas que levavam aos lugares sagrados, principalmente aos dos grandes festivais. O mais antigo e importante dos quatro grandes eventos de sua sociedade eram os Jogos Olímpicos, que aconteciam a cada quatro anos em homenagem a Zeus, em Olímpia. Para esses locais faziam vias mais

largas, adequadas ao tráfego de veículos. Com isso, construíram uma razoável rede de vias que davam acesso aos lugares mais procurados pelos viajantes. Os jogos olímpicos, herança da Grécia antiga, atravessaram o tempo, perderam seu caráter mítico e hoje constituem um dos grandes baluartes do turismo mundial.

Dos egípcios pode-se dizer que há uns cinco mil anos realizaram os famosos e talvez os primeiros cruzeiros fluviais do mundo. Os fenícios também se caracterizaram por sua grande atividade comercial, apesar de não deixar relatos das suas viagens, contudo, fizeram presença inconfundível na arte da navegação, realizando grandes viagens atingindo o Oriente. (Mesquita, 1986:32)

Pode-se dizer que a civilização maometana também fazia sua peregrinação. De acordo com o Islã, todo árabe deveria fazer, pelo menos, uma vez na vida, uma peregrinação a Meca. Assim se sacralizaram os caminhos para Meca, que as guerras santas (uma espécie de cruzadas islâmicas) defenderam até em nossos dias, com toda a fé própria da sua religião (Mesquita, 1986:13).

Na Roma Imperial existia para a elite um padrão bastante amplo de viagens voltadas para o prazer e para a cultura. Desenvolveu-se uma infra-estrutura de viagens, tornando-se possível viajar desde as Muralhas de Adriano até o Eufrates. O destino mais popular era a Baía de Nápoles, na Riviera Italiana¹. Construíram vários tipos de veículos de transporte e uma vasta rede de comunicação por meio de estradas. Uma delas, a Via Appia, teve início em 312 AC.

¹ A menos de 200 quilômetros de distância de Roma. (Feifer, 1986:10)

Os romanos aprenderam as técnicas de construção de estradas, de pontes e de aquedutos com os etruscos, esse povo misterioso que viveu onde é atualmente a Toscana. Apreciavam ainda, os famosos templos no Mediterrâneo, particularmente as pirâmides e os monumentos do Egito. Eles viajavam nas ocasiões de festejos e dos jogos olímpicos. Os banhos medicinais eram outra grande modalidade muito apreciada pelos romanos, algum tipo de “*spa*”, que eram locais de descanso e divertimento.

O colapso do Império Romano, no século V (ano 476), marcava a entrada de uma nova era, a Idade Média, e abalava profundamente as viagens com finalidade de lazer e turismo na Europa.

4.1.1 – Idade das Trevas – Idade Média

No período da “idade das trevas”, apenas as pessoas aventureiras iriam enfrentar os riscos de uma viagem. As estradas herdadas do povo romano se deterioravam com o decorrer do tempo, a carruagem como único meio de transporte havia sido suspensa e somente pesados e desconfortáveis veículos transitavam pelos abandonados caminhos medievais.

Na Idade Média apareceu a cidade feudal como receptáculo de importantes festas religiosas, conseguindo atrair peregrinos procedentes de distintos pontos geográficos. Por causa dessas festas, chegavam mercadores de outros lugares para intercambiar e vender mercadorias, formando o embrião do que seriam mais tarde as feiras. Paulatinamente, nasciam os primeiros grupos de viajantes que se deslocavam de

suas residências habituais para outros lugares; uns, por motivos religiosos, outros por motivos comerciais. (Bermúdez, 1997:38)

Na Idade Média, surgem as Cruzadas² nas lutas contra os muçulmanos. A Europa medieval conheceu, nos mil anos de sua história, uma infinidade de santuários, cuja procura variou conforme a moda e a ação propagandística de seus guardiões. Já no final da Idade Média, um número crescente de peregrinos viajava para os principais templos, na Europa; a viagem volta novamente a ter um caráter similar ao tempo do Império Romano. Entretanto, predominavam as de âmbito religioso, e o aspecto de viagens de prazer perdeu o interesse. (McIntosh, 1975:11)

As viagens de peregrinos cristãos de todas as camadas sociais iam a Terra Santa, a Roma, a Jerusalém, a Santiago de Compostela³, a Canterbury, que eram os lugares mais visitados. Roma - em razão das relíquias dos apóstolos Pedro e Paulo -, e Jerusalém, para as pessoas daquela época, constituía o centro do mundo. Essa peregrinação pela terra de Cristo, simbolizava na vida do cristão medieval, um exercício de piedade para o enriquecimento espiritual, como pagamento de promessa, como meio para obtenção de uma cura pelo contato com as relíquias sagradas ou, ainda, como forma de expiação de graves pecados. Neste caso, ela era imposta pela Igreja (Mello, 1989:16).

No Renascimento, era preciso de oito a nove meses para fazer a viagem a Jerusalém. Lentidão e incerteza constituíam a sorte do peregrino, juntando-se a isso o

² As Cruzadas movimento armado para a defesa de lugares santos da cristandade, se iniciaram em 1095 e duraram mais de 200 anos, estimulando um intercâmbio cultural que, em parte, contribuiu para o Renascimento.

Movimento armado para a defesa de lugares santos da cristandade.

³ Compostela constituiu o lugar mais popular de visita de peregrinos, porém, Roma tinha mais prestígio. Após o saque a Constantinopla, em 1204, Roma passou a possuir mais relíquias cristãs do que qualquer outra cidade no mundo. Esses monumentos eram os grandes símbolos que atraíam os peregrinos. (Feifer, 1986:40)

desconforto e a falta de higiene (Urbain, 1993:122). A motivação para se submeter a esses sacrifícios era a fé.

Essas viagens eram de natureza estritamente religiosa e, portanto, como os cristãos se viam obrigados a empreendê-las⁴, elas estavam distantes do aspecto de lazer.

Afirma Mesquita (1986:12):

“Pior ainda era o itinerário do Santo Sepulcro em Jerusalém, cuja cristianização custou à vida de muitos milhares de cruzados, alienados pela sagrada indulgência e pela ganância de avultados saques⁵.”

4.2 - A PARTIR DO RENASCENTISMO

Pode-se definir como marco para uma modelagem e representação turística mais organizada, a fase renascentista, visto que o incentivo à ciência e às artes, provocou uma revolução nos hábitos e no comportamento do europeu mais abastado, que em função do seu “*status*” passou a utilizar as viagens como uma forma de explorar novos lugares e, na mesma dimensão, demonstrar maior capacidade econômico-financeira, além de um maior cabedal de conhecimentos em relação às pessoas que não podiam realizar as mesmas proezas devido ao baixo poder aquisitivo, quando comparado aos burgueses, classe social que já despontava hegemonicamente na Europa nesse período, e disputava o poder temporal com a Igreja.

⁴ As viagens às Terras Santas eram impostas pela igreja, não permitindo ao peregrino escolha.

⁵ A prática imposta pela igreja se generalizou tanto, nos séculos XI e XII, que o número de criminosos penitentes nas rotas dos santuários cristãos chegou a pôr em risco a segurança dos demais peregrinos, forçando o clero a restringir a aplicação de tal penalidade.

O período das grandes descobertas no Renascimento rompeu com os horizontes estreitos das comunidades medievais e mexeu com a inquietação e a agitação do homem da Renascença. O espírito de averiguação da Renascença gerou um grande interesse em conhecer o mundo que os cercava. Todos os tipos de estudos geravam grande interesse nesse mundo que acabava de florescer. Com o surgimento da Idade Moderna, aparecia uma dupla vertente no sentido de viagem; num primeiro momento, as viagens dos descobrimentos tinham um sentido expansionista: ampliação dos territórios europeus além-mar. Desta forma, num processo irreversível, a idéia de se organizar viagens para fins comerciais, bélicos ou não, já era uma realidade na sociedade européia.

Em 1552 (segunda metade do século XVI), foi elaborado na França, por Charles Estiene, o primeiro guia de estradas, com roteiro e descrição de vários espaços atrativos para a prática turística. Quase 60 anos depois, no início do século XVII, por volta do ano de 1612, apareceram outras publicações direcionadas para sensibilizar e orientar aqueles que tinham interesse por viagens. Dentre elas pode-se citar o manual de guia turístico, denominado *Of Travel* (Das Viagens), escrito por Francis Bacon, com roteiros e indicações para viajantes de todas as modalidades e tipos. Num segundo momento, ocorreu a expansão das fronteiras culturais, surgindo o *Gran Tour* das classes privilegiadas, a precursora do turismo.

Francis Bacon considerava o viajante de um *Grand Tour*⁶ como um “mercador de luz” – experiência de um turista que vai ao exterior para alargar os conhecimentos⁷.

O propósito tradicional do *Grand Tour* era educacional, voltado pra visitas históricas e lugares culturais, observando ainda maneiras e costumes das nações estrangeiras (Withey, 1997:08). O caráter da própria excursão modificou-se, e do “*Grand Tour* clássico”, com base em observações e registro neutro de galerias, museus e artefatos altamente culturais, passou-se para o “*Grand Tour* romântico”, que presenciou a emergência do turismo voltado para a paisagem e de uma experiência muito mais particular e apaixonada da beleza e do sublime. (Maccannel, 1976:20)

O movimento de viajantes no solo europeu fez com que surgisse casas de hóspedes, pousadas e alojamentos onde passar a noite e comer, situados nas estradas, cidades e nas zonas portuárias mais importantes. Essa mania de viajar do jovem europeu se estendeu através do tempo e ainda hoje é comum entre eles. Os jovens europeus têm as viagens como um enriquecimento cultural e espontâneo, as quais recebem incentivos do governo por meio de descontos concedidos aos estudantes, dentre outros⁸.

Essas inovações associadas à nova estruturação urbana provocaram mais facilidades para os deslocamentos de diversas pessoas, gerando mais contatos entre os povos e uma maior troca de informações.

⁶ O *grand tour* começou no século XVI, atingindo o auge no século XVIII. Era restrito principalmente aos filhos de famílias ricas, com propósitos educacionais, sobretudo de jovens recém-saídos de Oxford ou de Cambridge, duas das mais conceituadas universidades inglesas.

⁷ Os filhos dos nobres, burgueses e comerciantes ingleses deveriam completar os conhecimentos culturais adquiridos em seu país com a realização de uma grande viagem pelos países de maior fonte cultural do velho continente e conseguir, assim, a consideração cultural que a sociedade impunha na Idade Moderna. Após percorrer o mundo, esses jovens estariam preparados para ser um membro da classe dominante. (Bermúdez, 1997:40).

⁸ WALKER, John R. **Introdução à Hospitalidade**, 2ª Ed., 2002:32-33

As descrições dessas viagens constavam de livros ou eram publicadas nos jornais e em breve se transformavam numa nova moda para os letrados e intelectuais. Nesse renovado gênero literário eram enaltecidas as belezas paisagísticas, o patrimônio histórico e cultural, a gastronomia, o conforto das estalagens e hospedarias, as vias de comunicação, os melhores meios de transporte⁹. E, para que outros lhes pudessem seguir os passos, resolveram aqueles turistas mais ilustres e experimentados escrever não só as suas memórias de viagens como também alguns guias turísticos, nos quais apontavam conselhos indispensáveis e indicações úteis para quem viaja (Mesquita, 1986:24).

O grande divisor de águas na história da humanidade foi a Revolução Industrial¹⁰, quando houve verdadeiras e definitivas transformações na qualidade de vida e, acima de tudo, nos meios de comunicação e transportes, trocando-se a carruagem pela locomotiva, tornando mais rápidas as viagens e oferecendo mais tranquilidade, conforto e proteção para os viajantes.

A Revolução Industrial foi o despertar da classe média diante do transporte relativamente barato. O surgimento da indústria aérea comercial após a Segunda Guerra Mundial e o subsequente desenvolvimento da era dos jatos na década de 1950 assinalaram o rápido crescimento e a expansão das viagens internacionais. Esse crescimento conduziu ao desenvolvimento de uma nova indústria, o turismo (Theobald, 1997:03). Nos últimos tempos, surgem múltiplos tipos de viagens: as viagens de negócios, de eventos e de cunho religioso. E a essência do interesse prioritário do turismo passa a ser cada vez mais, a busca pelo maior lucro.

⁹ O primeiro sistema de transportes coletivos surgiu, também, na França por volta de 1600 (século XVI), durante o Reinado de Francisco I, proporcionando mais comodidade e segurança aos usuários.

¹⁰ Ocorrida aproximadamente por volta de 1760 – segunda metade do século XVIII -, na Inglaterra.

De acordo com LAGE E MILONE (2000), a história do turismo, nos moldes atuais, começa, efetivamente, na segunda metade do século XIX, a partir do ano de 1841, quando foram organizadas as primeiras atividades turísticas, devido à intervenção de personalidades exponenciais da sociedade inglesa, como: Tomas Cook, Henry Wells, George Pullmann¹¹, Thomas Bennet¹², Louis Stangen e César Ritz¹³.

Uma das grandes invenções, a estrada de ferro, teria um papel muito importante na história das viagens, sendo o marco da criação de uma das mais importantes atividades da era moderna, para o turismo.

Na metade do século XIX, a construção de ferrovias diminuiu consideravelmente o tempo e os custos de viagem. Os primeiros sinais dessa revolução foram sentidos por volta de 1840, quando a construção de ferrovias na Grã-Bretanha¹⁴, no Nordeste europeu e nos Estados Unidos estava em andamento. Houve um considerável desenvolvimento econômico na tecnologia de transportes e de comunicações. A ferrovia e a travessia de distâncias tornaram possível para um grande número de pessoas fazer excursões à noite, nos fins de semana e mesmo excursões mais longas. O telégrafo e, mais tarde, o telefone tornou possível coordenar viagens do escritório e de casa, assegurando serviços e passagens confiáveis. A partir da máquina a vapor e a eletricidade o espaço de tempo diminuiu, transformando a viagem em um prazer (Rifkin, 20012:119).

¹¹ George Pullmann organizou a primeira viagem turística a bordo de uma locomotiva, com padrão de primeira classe, propiciando mais conforto e prazer aos que se dispusessem a fazer um deslocamento mais requintado e por preço diferenciado dos cobrados naquela época.

¹² Thomas Bennet, funcionário da Embaixada inglesa, na Noruega, organizava viagens para os ingleses que visitavam este país. Alguns anos depois, Bennet criou uma agência de viagens disponibilizando aos interessados uma infraestrutura apropriada para os clientes.

¹³ César Ritz foi um dos primeiros empreendedores hoteleiros.

¹⁴ A primeira ferrovia totalmente com trem a vapor e a primeira a transportar um significativo número de passageiros teve início em 1830, ligando Liverpool a Manchester, reduzindo o tempo de percurso pela metade entre as duas cidades (Withey, 1997:96).

4.3 - THOMAS COOK PARA O TURISMO

O grande ícone do turismo, o primeiro agente de viagens do mundo, Thomas Cook¹⁵, nasceu em 1808, em Melbourne, na Inglaterra, período em que Napoleão era senhor da Europa e a Inglaterra passava por uma revolução na agricultura e na indústria, que a tornaria uma grande potência mundial. Esse enriquecimento do país criou um ambiente propício para novas oportunidades em negócios.

Cook criou as viagens em grupos, dando os primeiros passos para aquela que seria a primeira e a maior agência de viagens de todos os tempos.

Thomas Cook deu início ainda, a um tipo de viagem de turismo de massa voltado exclusivamente para o lucro em larga escala¹⁶, resultante da popularização das viagens. Cook via nessa nova atividade, denominada turismo, uma forma de ganhos extraordinários.(Barbosa, 2002).

Dentre suas inovações pode-se citar:

- a) *Handbook of the trip* (o primeiro itinerário descritivo de viagens oficiais);
- b) *Tour* (excursão com cerca de 350 turistas, para a Escócia, em 1846);
- c) Organização e transporte de uma caravana com estada para 165 pessoas, a uma exposição mundial de artes em Londres, capital da Inglaterra, em 1851;

¹⁵ Thomas Cook, um jovem de 32 anos, foi o responsável pelas primeiras transformações nas viagens, com sua capacidade visionária, reduziu tarifas transportes de passageiros, aumentando a demanda.

¹⁶ As tarifas de trens, mesmo para curtas distâncias, eram consideradas muito elevadas para a classe operária. (Withey, 1997:136).

- d) A primeira volta ao mundo com um grupo de 9 pessoas. Viagem que durou 222 dias, coberto pelo *Times* em Londres;
- e) Cupom de hotel ou *voucher*, criado em 1851;
- f) Os deslocamentos periódicos, denominados viagens de férias.

4.4 - A EVOLUÇÃO DO TURISMO NO SÉCULO XX

Outra revolução no sistema turístico foi à invenção do automóvel no século XX. Essa inovação viabilizou deslocamentos mais constantes e independentes de um maior número de pessoas. Na mesma dimensão, pode-se mencionar o avião que reduziu, significativamente, a categoria tempo, propiciando maior rapidez e conforto ao usuário, apesar de ser um meio de transporte bastante restrito devido ao valor das passagens, ficando além das possibilidades de vários segmentos da população mundial.

Do ponto de vista organizacional e estrutural, os anos de 1925 e 1927, são muito importantes para a indústria do turismo. Em 1925, realizou-se o Primeiro Congresso Internacional de Associações Oficiais de Propaganda de Turismo. Dois anos depois, aconteceu o Congresso Internacional de Organismos Oficiais de Turismo, no qual foi criada a primeira organização voltada, única e exclusivamente, para esta atividade, denominada União Internacional de Organizações Oficiais para a Propaganda Turística, os dois eventos ocorreram na cidade de Haya na Holanda. A partir de 1938, devido a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), a entidade teve suas operações suspensas, sendo reativada após a Grande Guerra, em 1947.

Como desfecho das atividades iniciadas na década de 1920, surge, em 1947, a União Internacional dos Organismos Oficiais de Turismo (UIOOT), em Paris, na França, durante o II Congresso de Organismos Nacionais de Turismo. Neste evento procurou-se resgatar todo o histórico da Organização surgida em 1927. O principal objetivo desta entidade era divulgar e promover as empresas que operavam no sistema turístico mundial. Na mesma dimensão, pretendia-se congregar tanto os órgãos geridos pela iniciativa privada, como os administrados pelo setor público, procurando demonstrar os estágios e os rumos que o turismo tomava, na Europa e nos outros continentes. No entanto, na década de 1970, na cidade do México, durante a XXI Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), esta Instituição passou a chamar-se Organização Mundial do Turismo (OMT). Um pouco antes, em 1967, esta entidade ganha a condição de Organismo Internacional, vinculado à própria ONU.

Com as medidas e empreendimentos descritos acima, começaram a ocorrer mais investimentos, na área turística em todo o mundo. Assim, em 1931, o Departamento de Comércio dos Estados Unidos, publica uma obra chamada "*Promocion travel by foreign*", (Promoções de viagens para o exterior). O trabalho procurava justificar uma proposta de destinação de verbas para a atividade turística e no mesmo sentido a projeção do país no setor. Comenta-se que este acontecimento foi o marco para os EUA entrarem, definitivamente, na Indústria do Turismo, sendo hoje uma das maiores potências neste setor, comercialmente.

Ainda no continente americano, no ano de 1948, foi criada a Organização dos Estados Americanos (OEA), envolvendo diversos países das três partes da América (Cuba, apesar de ser um dos países latino-americanos, que tem um excelente fluxo

turístico, foi expulso da entidade em 1962, por pressão norte-americana, em função de ter aderido ao regime socialista soviético, em 1959).

A OEA possui, na sua estrutura um setor denominado Divisão de Fomento ao Turismo, vinculado à Secretaria Geral da entidade, tendo como principal função promover e organizar congresso, simpósios, reuniões e seminários ligados ao desenvolvimento e dinamização da indústria turística , agindo como um órgão fomentador de projetos direcionados ao setor em análise, via Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e Banco Mundial (conhecido como Banco Internacional para a Reconstrução e o Desenvolvimento (BIRD).

5 - O PROFISSIONAL DE TURISMO

A atividade profissional de turismo no Brasil vem crescendo fortemente e, envolvendo um número cada vez maior de diversos setores. A primeira impressão que se tem do curso de turismo é que as pessoas que se interessam por ele, querem apenas viajar, conhecer outros lugares, sombra e água fresca etc., Isso é um engano, pois o profissional de turismo tem entre suas prerrogativas planejar os serviços e infra-estrutura turística necessárias para que uma localidade possa emitir e receber as pessoas de uma maneira hospitaleira, estruturada e, fomentar o desenvolvimento econômico e social desta mesma localidade.

Estudar turismo é algo complexo e desafiador, porque ele é multidisciplinar e interdisciplinar. O profissional que está atuando ou está tentando se inserir no mercado precisa estar capacitado e capacitar-se com frequência, pois adquirindo outras informações e vivendo outras experiências, ele passará a ter a visão fundamental para resolver os problemas do dia-a-dia que surgirem no desempenho do seu trabalho.

O setor de turismo, na dinâmica da economia atual, desponta como um dos setores que mais produz riquezas e gera divisas para o País, tornando-se um dos fenômenos mais debatidos e estudados pela sociedade contemporânea.

O turismólogo, Bacharel em Turismo, ligado às mudanças rápidas e violentas do mundo globalizado precisa ter ousadia e um perfil profissional com características fortes e decisivas, tais como: formação crítica, ética profissional, habilidade administrativa

nos diversos campos de atuação, entender o contexto histórico do turismo, preservar o turismo enquanto ciência, lutar por um espaço melhor para a sua profissão.

Os verdadeiros turismólogos são os que, a partir do primeiro momento que escolheram o turismo como profissão jamais voltarão a ver o turismo com a visão de turista. Todas as vezes que visitarem uma determinada localidade turística, analisarão a mesma com olhos críticos e aguçados. Viver o turismo é passar a ter uma marcante e importante consciência global.

No contexto brasileiro, o setor de turismo precisa, verdadeiramente, de profissionais que vivam e compreendam as adversidades, prazeres e angústias que existem no mercado turístico e que, por meio de planejamento e estratégia, venham a trazer melhorias econômicas e sociais para as localidades turísticas, inclusive na preservação do meio ambiente. Atualmente, o turismólogo pode contar com uma diversidade de opções de trabalho, como: lazer, operadoras e agências de viagens, consultorias, palestras, planejamentos turísticos, hotelaria, hospitalidade, eventos turísticos e culturais, pesquisas, docência, entre muitas outras.

Os turismólogos são, sem sombra de dúvida, profissionais indispensáveis no atual mercado e, fundamentais para o desenvolvimento econômico e social de qualquer localidade turística. Capacitando-se, dedicando-se e, sobretudo agindo com ética profissional, os futuros bacharéis em turismo terão ótima perspectiva para sua vida profissional. (Gama, 2003)¹⁷

¹⁷ GAMA, James. **O setor de turismo**. Disponível em: <www.semarh.df.gov.br/site/cap13/06.htm>. Acesso em: 07 out. 2003.

6. TURISMO SUSTENTÁVEL

Segundo RUSCHMAN (1997)¹⁸, uma área só será sustentável se for voltada para a valorização do homem, para sua autenticidade e para a estabilidade ecológica no meio natural.

Considerado a indústria “sem chaminé”, que mais cresce nas últimas décadas, no mundo e devido à globalização, o turismo é o setor da economia mais falado por empreendedores que querem apostar suas cartas em um negócio lucrativo. Construção de hotéis, agências e criação ou descoberta de novas formas de explorar esta atividade, vêm a cada dia crescendo de forma surpreendente.

Antes, o turismo era desordenado, chamado de “turismo de massa”, que trazia consigo a massificação de todos os lugares que eram utilizados. A homogeneização das paisagens e culturas, a perda do olhar turístico. Nessa fase os turistas não tinham a percepção de que ao viajarem poderiam conhecer novas culturas e se integrar a ela de forma a se sentir parte da comunidade. Até a década de 60 a preocupação era de aumentar a demanda turística da região, não se importando com as conseqüências que essa massificação iria ocasionar.

Logo, conclui-se que deve ser conservada a cultura local, valorizando suas origens e o potencial existente, a fauna e flora, além de inserir a comunidade nesse processo, tornando-o auto-sustentável seja efetivamente posto em prática na segmentação do turismo, este passa por sua fase de glamour a sustentável. O Eco-

¹⁸ RUSCHMANN, Dóris. **Turismo e planejamento sustentável**. Papirus: Campinas, 1997.

turismo vem, ultimamente, sendo a atividade que está trazendo a possibilidade de tornar essa prática sustentável.

Sustentável ou não, o Eco-turismo vem crescendo com tudo e cada dia tendo novos adeptos em todo o mundo. Isto é bom para o Brasil, pois é um país com riquezas ecológicas deslumbrantes. Locais propícios e destinados a fazer e desenvolver várias atividades turísticas. Locais ainda não conhecidos e locais que trazem em seu nome um reconhecimento mundial como o Pantanal e a Amazônia, riquíssimos pólos turísticos conhecidos mundialmente pelas maravilhas naturais existentes. Sua fauna e flora exóticas estimulam a visitação e contemplação.

A cadeia produtiva do país é impulsionada pelo turismo. Entretanto, é importante estar atento para que a atividade turística não seja vinculada à depredação ambiental, como ocorre hoje no Egito (pirâmides, esfinge e comércio clandestino de antiguidades), bem como avanço urbano sobre os sítios arqueológicos na planície de Gizé. (Lopes, 1994:45) ¹⁹

6.1 - A QUALIDADE NO TURISMO

A partir do “boom” da globalização, a qualidade dos bens ou serviços gerados é fundamentalmente determinada pela participação do cliente, e não mais apenas definida pela ótica de quem produz. Por isso mesmo, diferenciais de atendimento a serem criados, no sentido de influenciar o comportamento do cliente, como a qualidade do

¹⁹ LOPES, Ataíde Rodrigues. **O ABC do Turismo**. Noções Básicas. Brasília, 1994.

produto e do atendimento, se revestem da maior importância, correspondendo assim, às expectativas do adquirente, o turista.

A cultura tradicional torna-se um forte obstáculo de mudanças. Nesse sentido para incorporar a qualidade como objetivo final de uma organização, é necessário conhecer a realidade cultural, identificar a necessidade de alterações e compor uma estratégia de atuação no sentido desejado.

As áreas de serviços em que se insere o turismo dependem, fundamentalmente, do pessoal de frente, que atende diretamente o cliente e constrói, simultaneamente, a imagem do produto e da organização. Nada poderá ser obtido sem existir uma forte cultura voltada para a qualidade de atendimento e a participação de outras pessoas que se encontram na retaguarda ou acima, na escala hierárquica do pessoal de frente.

Quando o turismo é tido como prioridade de desenvolvimento, ter ações respaldadas numa cultura comunitária que torne desejável a presença de visitantes e mobilize os cidadãos para o seu melhor atendimento, passa a ser fundamental criar oportunidades de consumo, assim como de lazer, e a permanência do turista seja agradável. A busca da qualidade em um destino turístico, país, estado ou cidade, implica num esforço comum de todos os que lidam, direta ou indiretamente, com o turista, no sentido de apresentar-lhe, adequadamente, seus atrativos e bem atendê-lo.

A busca da qualidade pressupõe a existência de alguns condicionantes básicos:

- A consciência da comunidade para a importância da atividade turística como viabilizadora de seu desenvolvimento e distribuição de riquezas;
- O consenso sobre o conceito de seu produto turístico, de forma a torná-lo o mais adequado possível à utilização dos visitantes;
- O convencimento da necessidade de se possuir um custo competitivo, em nível internacional;
- A existência de uma cultura comunitária pró-turismo, que demonstre a satisfação da população no desempenho da atividade turística e, conseqüentemente, na boa recepção ao turista (a hospitalidade); e
- A capacitação profissional para desempenho das atividades voltadas ao atendimento do turista.

Dessa forma, qualquer esforço no sentido de se buscar a qualidade de um destino turístico deve ser desenvolvido por iniciativa da própria comunidade, ou com grande envolvimento de sua parte. Alguns passos podem ser colocados ao desenvolvimento de um programa de qualidade em um destino turístico, considerando-se necessária, a própria aferição da existência dos condicionantes básicos supra-referidos, como forma de provocá-los, estimulá-los ou reforçá-los.

Um trabalho conseqüente na direção da qualidade do produto turístico exige, como ferramenta para a tomada de decisões, um programa de pesquisa permanente, por meio de ações periódicas, capaz de avaliar:

- O volume do fluxo turístico, assim como a receita gerada;
- O perfil do turista que visita o destino, de forma a promover a adequação gradativa entre o produto e o nível do consumidor desejado;
- A evolução do nível de satisfação do visitante com o produto oferecido, frente às suas expectativas anteriores em destinos competitivos;
- O nível de percepção dos elos prestadores de serviços locais sobre a qualidade oferecida ao turista em seu atendimento e das medidas adotadas no sentido da sua melhoria;
- A existência de mecanismos de resposta imediata, capaz de gerar as ações necessárias à correção e superação dos pontos de estrangulamento identificados naquelas pesquisas.

Finalmente, é fundamental também, o desenvolvimento de uma ampla campanha de educação e motivação interna para a melhoria dos padrões de comportamento naquilo que diz respeito à correta utilização dos equipamentos comunitários e atendimento ao turista. Em suma, um programa que objetive a busca da melhoria da qualidade no atendimento turístico deve possuir um amplo apelo e engajamento comunitários, pois seu sucesso dependerá da existência de uma cultura não

apenas empresarial, mas social, que eleja o turismo e a qualidade de sua operação como valores básicos orientadores das decisões e ações de todos os que nela se envolvam. Desta forma poderão os destinos turísticos, principalmente os emergentes, competir em um mundo onde o mercado consumidor torna-se cada vez mais exigente e seletivo. (GÓIS, 2003)²⁰

Com o produto turístico composto por um conjunto de serviços utilizados pelo turista, simultaneamente, durante sua permanência em um destino, a má qualidade de qualquer desses, afeta a avaliação do todo e compromete os demais. Explorar o turismo implica, principalmente, em não ludibriar o turista.

²⁰ GÓIS, Fernando – Bahiatursa - Disponível em: <estudosturisticos.com.br> Acesso em 18/10/03.

7. O CÓDIGO MUNDIAL DA ÉTICA NO TURISMO

O Código Mundial de Ética do Turismo²¹ cria um marco de referência para o desenvolvimento responsável e sustentável do Turismo Mundial no início do novo milênio. O Código inclui dez artigos²² definindo as “regras do jogo” para os destinos turísticos, governos, promotores, operadores, agentes de viagens, trabalhadores do setor e os próprios turistas, revelando novas idéias que refletem a mudança da sociedade nos finais do século XX.

Em face à previsão de que o Turismo Internacional triplicará o seu volume nos próximos vinte anos, o Código Mundial de Ética do Turismo ajudará a minimizar os efeitos negativos do turismo no meio ambiente e no patrimônio cultural, aumentando, simultaneamente, os benefícios para os residentes nos destinos turísticos.

Por meio da ética no turismo reafirmam-se a visão da contribuição deste para a expansão econômica, a compreensão internacional, a paz e a prosperidade dos países, bem como para o respeito universal e a observância dos direitos do homem e das liberdades fundamentais, sem distinção de raça, sexo, língua ou religião. A ética no turismo permite contatos diretos, espontâneos e imediatos entre homens e mulheres de culturas e modos de vida diferentes. O turismo representa uma força viva a serviço da paz,

²¹ Fruto duma vasta consulta, os dez artigos do Código Mundial de Ética do Turismo foram aprovados por unanimidade pela Assembléia Geral da OMT, em Santiago do Chile, em Outubro de 1999.

²² Ver Anexo I – Código Mundial de Ética do Turismo.

bem como um fator de amizade e compreensão entre os povos do mundo (João Paulo II – 2001)²³.

A ética faz convencer de que respeitados alguns princípios e observadas certas regras, um turismo responsável e sustentável não resulta incompatível com a crescente liberalização das condições reinantes no comércio de serviços e ao abrigo das quais operam as empresas deste setor, sendo possível, neste domínio, conciliar economia e ecologia, ambiente e desenvolvimento, e abertura às trocas internacionais e proteção das identidades sociais e culturais.

Considerando que neste processo todos os agentes do desenvolvimento turístico – administrações nacionais, regionais e locais, empresas, associações profissionais, trabalhadores do setor, organizações não governamentais e outros organismo da indústria turística – bem como as comunidades receptoras, os órgãos de informação e os próprios turistas exercem responsabilidades diferenciadas, mas interdependentes, na valorização individual e social do turismo, e que a ética identifica os direitos e deveres de cada um, contribuirá para a realização do objetivo maior, a satisfação de todos. O código de ética é na verdade um instrumento que reúne um conjunto de princípios interdependentes²⁴ na sua interpretação e aplicação. Envolvendo compreensão dos valores éticos no intuito de primar pelo bem comum da comunidade.

²³ Ver anexo II – Mensagem de João Paulo II.

²⁴ Faz referência nominal aos seguintes instrumentos: Declaração Universal dos Direitos Humanos (10/12/1948); Pacto Internacional dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais (16/12/1966); Pacto Internacional dos Direitos Civis e Políticos (16/12/1948); Convenção de Varsóvia, sobre o transporte aéreo (12/12/1929); Convenção Internacional da Aviação Civil de Chicago (7/12/1944) bem como as Convenções de Tóquio, Haia e Montreal com ela relacionadas; Convenção sobre as facilidades alfandegárias para o turismo (4/07/1954) e o protocolo associado; Convenção sobre a proteção do patrimônio cultural e natural mundial (23/11/1972); Declaração de Manila sobre o Turismo Mundial (10/10/1980); Resolução da 6ª Assembléia Geral da OMT (Sofia) adotando a Carta do Turismo e o Código do Turista (26/09/1985); Convenção relativa aos Direitos da Criança (26/01/1990); Resolução da 9ª Assembléia Geral da OMT

Os agentes do desenvolvimento turístico devem considerar a ética como condição essencial para o desempenho da atividade, com base na qual os atores do desenvolvimento turístico devem reger a sua conduta no limiar do século 21.

7.1 - A GESTÃO DO TURISMO NO BRASIL

O turismo não é só a existência dos recursos naturais e culturais. É necessária a incorporação de fatores estruturantes que elevem o nível de atratividade e competitividade dos produtos a fim de garantir o crescimento dos fluxos turísticos.

A multidisciplinaridade do setor, os impactos econômicos, sociais, ambientais, políticos e culturais gerados pelo Turismo exigem um processo de planejamento e gestão que oriente, discipline e se constitua em um poderoso instrumento de aceleração do desenvolvimento no âmbito municipal, regional e nacional.

No atual governo de Luiz Inácio Lula da Silva, foi criado o Ministério do Turismo, o que atendeu diretamente a uma antiga reivindicação do setor turístico. O Ministério, como órgão da administração direta, terá as condições necessárias para articular com os demais ministérios, com os governos estaduais e municipais, com o Poder Legislativo, com o setor empresarial e a sociedade organizada, integrando as

(Buenos Aires), relativa às matérias de facilidades das viagens e segurança dos turistas (4/10/1991); Declaração do Rio de Janeiro sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (13/06/1992); Acordo Geral sobre o Comércio de Serviços (15/04/1994); Convenção sobre a Diversidade Biológica (6/01/1995); Resolução da 11ª Assembléia Geral da OMT (Cairo) sobre a prevenção do turismo sexual organizado (22/10/1995); Declaração de Estocolmo contra a exploração sexual de crianças com fins comerciais (28/08/1996); Declaração de Manila sobre os Efeitos Sociais do Turismo (22/05/1997); e Convenções e recomendações adotadas pela Organização Internacional do Trabalho em matéria de convenções coletivas, de proibição do trabalho forçado e do trabalho infantil, de defesa dos direitos dos povos autóctones, de igualdade de tratamento e de não discriminação no trabalho.

políticas públicas e o setor privado. Desta forma o Ministério cumprirá com determinação um papel aglutinador, maximizando resultados e racionalização de gastos. Para tanto inicia seu projeto pelo Plano Nacional do Turismo sob tais aspectos²⁵:

- Transformação do turismo em fonte geradora de novos empregos e ocupações, proporcionando uma melhor distribuição de renda e melhor qualidade de vida às comunidades;
- Contribuição para multiplicar os postos de trabalho no território nacional, podendo interferir positivamente no âmbito da violência urbana, fortalecendo a segurança da população;
- Transformação de agentes da valorização e conservação do patrimônio ambiental (cultural e natural), fortalecendo o princípio da sustentabilidade;
- O Turismo será um instrumento de organização e valorização da sociedade, articulando seus interesses econômicos, técnicos, científicos e sociais com o lazer a realização de eventos, feiras e outras atividades afins;
- Programas de Qualificação profissional elevarão a qualidade da oferta turística nacional, fator essencial para inserir o país competitivamente no mercado internacional;
- O Turismo atuará como mecanismo instigador de processos criativos, resultando na geração de novos produtos turísticos apoiados na regionalidade, genuinidade e identidade cultural do povo brasileiro, fortalecendo a auto-estima nacional e a das comunidades;

²⁵ **Plano Nacional do Turismo** – Diretrizes, Metas e Programas – 2003 – 2007. Ministério do Turismo, 2003.

- A partir das novas políticas sociais, o turismo configurar-se-á como uma das mais eficazes expressões do uso do tempo liberado do trabalhador, contribuindo para a sua saúde física e mental;
- Ao ser fortalecido internamente pelo exercício contínuo e sistêmico de consumo pela sociedade brasileira, deverá criar as condições desejáveis para estruturação de uma oferta turística qualificada capaz de atender melhor o mercado internacional;
- Para alcançar as metas desejáveis no balanço de pagamentos, exigirá normatização e legislação adequada com vistas à facilitação e ao aumento da entrada de turistas estrangeiros;
- Por sua dinâmica, necessita de uma constante troca de informações entre os destinos turísticos, a oferta e os mercados consumidores, o que requer investimentos constantes em marketing.

Com base nas premissas acima citadas, é que foi criado o Plano Nacional do Turismo, que é o instrumento de planejamento do Ministério do Turismo que tem como finalidade explicitar o pensamento do governo e do setor produtivo e orientar as ações necessárias para consolidar o desenvolvimento do setor do Turismo.

O Plano Nacional do Turismo prevê o comportamento e a prática do Turismo pautados por padrões éticos concretos, e ainda, obedece aos princípios gerais contidos no Código Mundial da Ética no Turismo – Organização Mundial do Turismo.

8. AS POTENCIALIDADES TURÍSTICAS DE BRASÍLIA

As fontes de renda e emprego de Brasília, no momento, são insatisfatórias face as suas necessidades orçamentárias e sociais, pois depende, em grande medida, de recursos financeiros repassados pelo Governo Federal. Na impossibilidade de criação de grandes indústrias, a mão-de-obra local se concentra no setor de prestação de serviços, sendo alimentado pelo alto poder aquisitivo da população local, representado por uma parte relativa de servidores públicos.

Por ser uma atividade com alto grau de geração de renda e empregos, há um grande otimismo quanto à possibilidade do turismo ser uma das principais alternativas, senão a mais satisfatória, para o desenvolvimento econômico local da capital federal, dando novas demandas de serviços, e exigindo baixo investimento.

Segundo a EMBRATUR, em 2000, o turismo em Brasília teve 1,1 milhão de pessoas que visitaram a capital federal, e a previsão para dados de 2002 seria de quase 2,4 milhões. (EMBRATUR, 2000)²⁶

Os números apresentados revelam uma boa aceitação do turista quanto à imagem de Brasília. Entre outubro de 2001 e janeiro 2002, em cinco pontos turísticos, de 109 turistas e visitantes entrevistados, 98,2% afirmaram ter uma boa imagem de Brasília. Mesmo diante de aspectos negativos apontados por esses turistas (política, conservação dos monumentos, distâncias, pobreza na periferia/pedintes, estrutura turística, clima,

²⁶ EMBRATUR. **O turismo como atividade estratégica**. Brasília, 2000.

violência), todos, ou seja, 100% afirmaram ter a intenção de voltar a Brasília outras vezes²⁷.

Quanto aos fatores que mais agradam aos turistas, 27,5% fizeram referências a sua paisagem (jardins, áreas verde, arborização), o que é reforçado pela maneira como definiram Brasília enquanto cidade diante de seus aspectos positivos: agradável, monumental, verde, moderna, mística/religiosa, cultural, privilegiada, bonita, do presente e do futuro, fria/sem alma, turística, diferente, hospitaleira, maravilhosa, superior.

Os turistas (43,1%) em Brasília não conseguem desvinculá-la da imagem de capital do país. Desta forma, por mais que outros aspectos de Brasília sejam desvendados, a referência à “Brasília Esplanada” sempre é presença inevitável em sua imagem.



Foto: Martin Fiegl²⁸

²⁷ EMBRATUR. **O turismo como atividade estratégica**. Brasília, 2000.

²⁸ RICHTER e FIEGL – **Brasília 60 Colorfotos**. p. 16.

O reconhecimento de novas faces de Brasília tem contribuído para um novo impulso do turismo brasileiro. Pessoas com os mais diversos interesses têm visitado Brasília, a fim de conhecer outros lugares da cidade, escondidas sob a fachada da Esplanada dos Ministérios.

Mesmo ainda não contribuindo para um grande fluxo de turistas, é verificado que o interesse de se conhecer Brasília vai além daquele descrito por sua vocação político-administrativo, crescendo cada vez mais, paralela a “Brasília Capital” a “Brasília Cidade”.

Da interação de sua população com o seu espaço planejado, surgem novos e velhos lugares, dando outros sentidos à definição do que é Brasília. A exemplo disso, o Lago Paranoá que, após ser despoluído, vem sendo apresentado como um lugar de grande potencial turístico, já servindo ao lazer dos brasilienses,

Neste sentido, a população vem descobrindo novos lugares para o lazer, desmentindo a máxima de que “não há nada para se ver ou fazer em Brasília”; aquecendo a velha imagem de cidade fria e entediante. Em consequência dessa descoberta de Brasília, o turismo brasileiro ganha novos elementos, assegurando a diversificação de seus atrativos turísticos, apresentando um diferencial de diversidade atrativa.

O turismo local em Brasília é mais reconhecido por suas potencialidades do que por sua realidade; o turismo em Brasília é incentivado em grande parte pelo tráfego de pessoas que vêm a negócios ou para participar de eventos. (BC & VB, 2003)²⁹

²⁹ De acordo com o BC&VB, este grupo de pessoas representa 54%, contra 41% de turistas que vêm à visita ou a passeio. Brasília **BRASÍLIA CONVENTION & VISITORS BUREAU. Turismo.** Jornal Correio Braziliense. Caderno de Economia. Brasília. set., 2003.

Esta vocação para turismo de negócios e de eventos não causa nenhuma surpresa, pois, enquanto sede do Governo, Brasília possui muitos acontecimentos na área de negócios e política. Assim, o turista está mais interessado no conhecimento da arquitetura e do Poder.

Principais motivos da vinda do turista a Brasília³⁰:

- Trabalho/Negócios;
- Visita/Passeio;
- Participação em Eventos;
- Saúde, e
- Místico/Religioso.

Na tentativa de diversificar esse quadro, o governo de Brasília trabalha com a possibilidade de transformar a Capital da República num centro de “turismo cívico e cultural”, nos moldes do que ocorrem nas capitais Washington, Paris e Roma. O Governo do Distrito Federal – GDF, acredita que a capital brasileira possa ser transformada num centro de referência aos turistas internos e do exterior.

Com seus pontos atrativos como museus, galerias de arte, teatros e demais centros culturais, arquitetura moderna com seus traços arrojados e de conhecimento internacional, Brasília é considerada, pelos arquitetos e estudantes de arquitetura como uma imensa galeria de arte a céu aberto:

³⁰ Ibidem

“Não bastasse o céu psicodélico nos tempos de seca, as cachoeiras que a rodeiam, o horizonte sempre limpo, Brasília é, acima de tudo, uma cidade monumental. Monumentos recheados de histórias e obras de arte. É difícil para o brasiliense, seja de nascimento ou de coração, não Ter carinho ou predileção por algum deles.”

(CORREIO BRAZILIENSE, 06/04/2000)

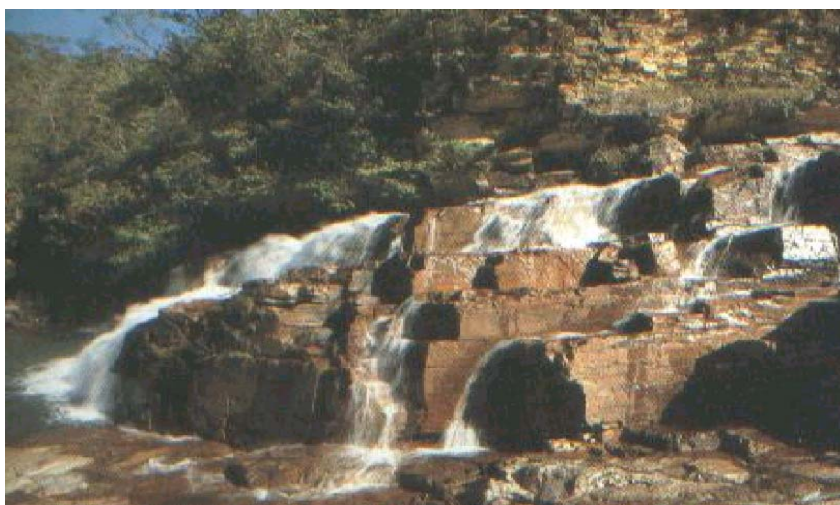


Foto: Juan Pratginestós³¹

Também há outros atrativos turísticos situados a poucas horas de Brasília, tais como cavernas, grutas e cachoeiras. Há os hotéis fazenda³², que se utilizam à estrutura de transportes da capital federal, para oferecer seus espaços para realização de eventos empresariais. Outro atrativo de Brasília é o de caráter místico. Cidade localizada numa região alta e cristalina, a capital federal é destino ou ponto de passagem de pessoas procedentes de outras regiões do Brasil e do exterior, com modos de vida alternativos,

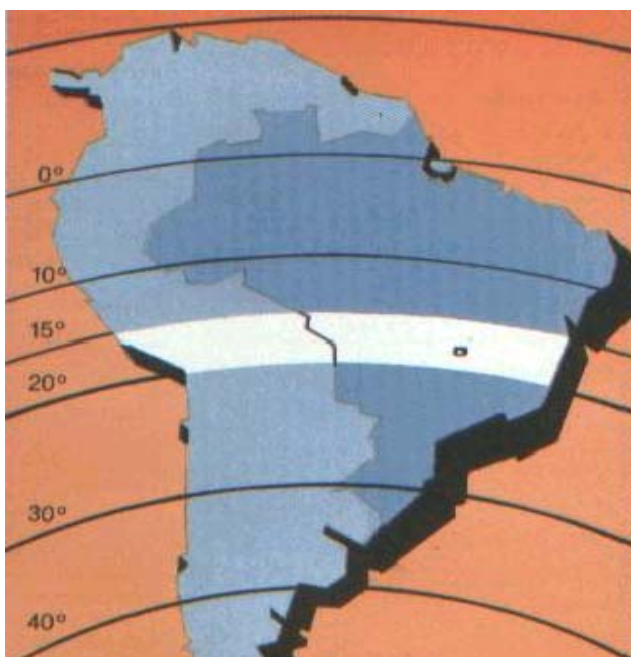
³¹ SEBRAE/DF – Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Distrito Federal – Turismo e Serviços – **Brasília Coração Brasileiro** – 2 ed, 1995. p. 37.

³² Os Hotéis Fazenda que circundam a capital federal, são representados pela Associação de Turismo Rural do Distrito Federal, o mais organizado grupo do setor.

místico-esotéricos, resultando na presença de diversos lugares místicos e religiosos, tais como templos e igrejas, tanto em Brasília quanto no seu entorno, o que influi diretamente no desenvolvimento do turismo local.

9. BRASÍLIA, A CAPITAL DO TERCEIRO MILÊNIO³³

A transferência da capital para o centro do país foi um sonho antigo de muitos brasileiros, projeto que constou em definitivo na Constituição de 1892³⁴.



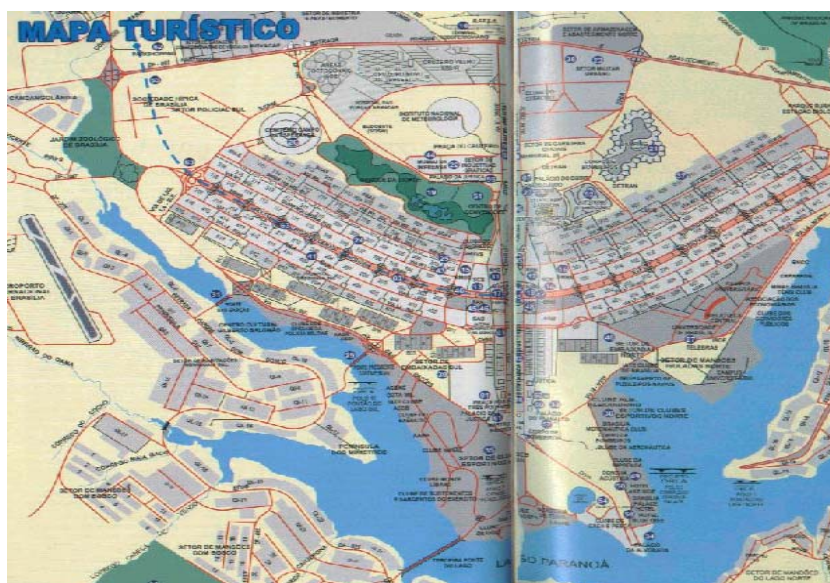
Fonte: SEBRAE/DF – Turismo e Serviços – Brasília Coração Brasileiro³⁵

³³ Este item do trabalho está ancorado, em boa medida nas investigações realizadas pela Pesquisa *Sociologia das Adesões. Práticas místicas e esotéricas no Distrito Federal*, desenvolvida no Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília, com apoio contínuo do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq e coordenada por Deis Siqueira. Dentre várias publicações contendo resultados desta pesquisa, destaca-se, de autoria da coordenadora, o livro, *As novas religiosidades no Ocidente. Brasília, cidade mística*. Brasília: Editora da UnB, 2003.

³⁴ SIQUEIRA, Deis - *As Novas Religiosidades no Ocidente*, 2003, pág.38.

³⁵ Turismo e Serviços – *Brasília Coração Brasileiro*. SEBRAE/DF, 2 ed, 1995. p. 10.

O Presidente Juscelino Kubitschek³⁶, quando em campanha eleitoral, em Goiás, em 1954 teria declarado: *“Se for eleito, construirei a nova capital e farei a mudança da sede do governo. Essa será minha missão. Minha fé é mais forte que meu bom-senso”*. A partir daí foi se tornando cada vez mais popular a profecia do jovem padre salesiano Dom Bosco, feita em 1883, de *“entre os paralelos 15º e 16º, no planalto central do país, se concretizaria uma grande civilização, uma “Terra Prometida”, a bordo de um lago, onde correria leite e mel”*³⁷. A capital, e seu grande lago foram inaugurados em 1960.



Fonte: Brasília Tourist guide 2003/2004³⁸

³⁶ O jornalista e pesquisador de assuntos místicos Dioclécio Luz conta que ouviu da vidente mineira Efigênia o relato de que, em 1953, em Belo Horizonte, Juscelino lhe mostrou o mapa de uma grande cidade espacial que teria sido dado a ele por seres extraterrestres. Era o traçado de Brasília. Há quem relacione essa história ao fato de Lúcio Costa ter ganhado o concurso para desenhar o Plano Piloto apenas com esboços e um texto escrito à mão, concorrendo com projetos minuciosamente preparados. “ (...) não pretendia competir e, na verdade, não concorro – apenas me desvencilho de uma solução possível, que não foi procurada, mas surgiu, por assim dizer, já pronta.” (Lúcio Costa). KERN, Iara e PIMENTEL, Ernani Figueiras - **Brasília Secreta – Enigma do Antigo Egito** – Editora Pórtico – Brasília, 2000. 14 p.

³⁷ Citação incluída: SIQUEIRA, Deis. **As Novas Religiosidades no Ocidente**. Brasília, Cidade Mística. Universidade de Brasília: Brasília, 2003. 39p.

³⁸ **Brasília Tourist guide 2003/2004. p.17.**

Brasília nasceu a partir de dois grandes mitos de criação: a Cidade Utópica e a Terra Prometida. O primeiro está inscrito no planejamento urbano e na arquitetura futurista do Plano Piloto, que tem a forma de um avião ou de um pássaro em vôo, ou ainda em uma cruz. Nas asas localizam-se as residências. Na parte superior do corpo do aeroplano, o governo local e na parte traseira, os três poderes federais e a catedral. A maior parte da população vive nas cidades que crescem vertiginosamente ao redor do avião e que são chamadas de Cidades Satélites.

Brito³⁹ complementa essa combinação:

“Sob a alusão da Profecia de Dom Bosco, a capital brasileira, é descrita como a “Terra Prometida, de onde correrá leite e mel”, o que contribuiu, em parte, para o surgimento de diversos grupos místicos e esotéricos. Os lugares elaborados por estes, somados a outros presentes no projeto urbanístico de Brasília, conferem a esta cidade um ar de mistério, principalmente, através de suas diversas formas piramidais”.

O maior desejo dos fundadores da cidade estava imbuído no sonho e missão de inaugurar um novo tempo e uma nova civilização para o país, a partir da construção de uma capital ancorada no belo, na igualdade e na universalidade. Assim, os edifícios localizados nas asas foram planejados de tal forma que todos pudessem desfrutar da vista do lago, também construído para melhor abastecer a cidade. Um lago artificial, o Paranoá, com 49 quilômetros de extensão, quebra a aridez do Planalto Central. Em suas margens projetam-se algumas das atrações de lazer da capital do Brasil, que propiciam sobretudo a prática de esportes náuticos.

³⁹ BRITO, R.F. – **Turismo e misticismo em Brasília** – Dissertação de Mestrado, Pós-graduação em Geografia, Universidade de Brasília, Brasília, 2002. 84 p.

Sua inovação urbanística e arquitetônica é reconhecida mundialmente, e tendo sido declarada patrimônio da humanidade⁴⁰. Brasília foi planejada para ter grandes espaços, com vastas áreas verdes, proporcionando equilíbrio entre a natureza, as construções e o homem.

Os mitos sempre acabam por convergir nas profecias de Dom Bosco, que se tornou o padroeiro da cidade, e também nos fenômenos místico-esotéricos que designa Brasília como a Capital do Terceiro Milênio ou da Nova Era. De acordo com a astrologia, o nascimento de Brasília foi marcado por uma forte conexão entre o Sol e Netuno, o que, segundo os entendidos no assunto, determina uma inevitável vocação mística. Não são poucas as lendas, profecias e coincidências que transformam sua história em uma sucessão de acontecimento mágicos.

A profecia de Dom Bosco⁴¹ foi se materializando, e a capital nasceu. E no seu entorno, surge um número cada vez maior de grupos que possuem uma nova consciência religiosa composta por elementos cristãos e elementos gestados em outras tradições religiosas: cósmicos (energia universal, forças cósmicas ou unidade do cosmos); elementos de um eu sublimado (eu superior, eu maior, eu crístico) e valores reificados, como amor, liberdade, além das noções de carma, ecumenismo, energia e holismo, referenciada ao Terceiro Milênio ou na Nova Era. Essa nova consciência religiosa é

⁴⁰ Primeiro bem arquitetônico contemporâneo a ser considerado pela Unesco Patrimônio da Humanidade.

⁴¹ Dom Bosco foi apenas o primeiro grande personagem desse roteiro; o segundo, Juscelino Kubstschek, é hoje uma figura legendaria para muitos dos místicos da cidade. A egiptóloga Iara Kern, por exemplo, em seu livro “De Akhenaton a JK – Das Pirâmides a Brasília”, compara física, mental e espiritualmente o construtor de Brasília ao faraó Akhenaton, que há 3.500 anos construiu Akhetaton, cidade planejada para realizar uma transição religiosa no país. Ver também capítulo 10 deste trabalho.

centrada numa perspectiva de um novo estilo de vida, que se diferencia das religiões ocidentais tradicionais, isto é, as cristãs.

Esses grupos, conhecidos como místico-esotéricos, não se consideram religiosos, e também não são considerados como seitas, ou seja, que têm a marca da separação e da intensa vida e identidade comunitária de seus membros. Uma característica marcante desses grupos, é a grande circulação entre eles, representado por uma rotatividade das pessoas pelas práticas místicas, esotéricas e não convencionais.

É grande o número de pessoas que está construindo sua religião numa espécie de “*bricolage*”⁴², compondo, por conta própria, doutrina, práticas, rituais, que vão sendo incorporados a partir de vivências ou experiências em vários desses grupos místico-esotéricos e com as práticas não convencionais ou alternativas de cura, de autoconhecimento, em boa medida associadas aos valores e visões de mundo desses grupos.

Grupos como o da Cidade Eclética, do Vale do Amanhecer, e da Cidade da Fraternidade (em Alto Paraíso⁴³) surgiram junto com a capital e continuam a se multiplicarem fundados em sonhos e predestinações, baseadas em algum rio ou córrego ou alguma árvore específica. Entre estes, destaca-se o povoado de Alto Paraíso é considerado como o “*chakra*”⁴⁴ cardíaco do planeta”.

⁴² Trabalho, no sentido de, realizado por si próprio.

⁴³ Localiza-se a 230 km da capital, vizinha do Parque Nacional Chapada dos Veadeiros, área de reserva ambiental. Onde se concentra grande número de grupos místicos-esotéricos.

⁴⁴ Chakra, em sânscrito, significa roda, centro, plexo (encadeamento, entrelaçamento). A anatomia e a fisiologia hindus ensinavam que o corpo humano tem sete *chakras* principais, desde a base da coluna vertebral até o alto da cabeça. Utiliza-se a mesma compreensão para a Terra, que teria vários *chakras*. O chakra cardíaco seria onde bate o coração do planeta.

A maioria destes grupos chegou, a partir de 1990, no entanto há também grupos que se instalaram desde a década de 1960,

Místicos da região, afirmam existirem placas de cristal no subsolo, existam eles ou não na região, o *chakra* cardíaco do planeta, o planejamento urbanístico e a arquitetura ao Plano Piloto (forma e edifícios que lembram pirâmides, templos religiosos exóticos⁴⁵ em espaços privilegiados da cidade) continuam sendo símbolos que renovam a cada dia, sonhos e idealizações que marcam a cidade desde a sua fundação.

Na capital vem se tecendo um convívio, integração e sintetização de doutrinas, de crenças e de visões de mundo que nasceram na Índia, no Japão, no Tibet, no Egito, na Amazônia, formando uma pluralidade de regiões, de etnias, concretizando assim, a integração tão sonhada da profecia. O mito vira lenda e a lenda vai referenciando a construção da realidade.

9.1 - ALTO PARAÍSO, O *CHAKRA* CARDÍACO DO PLANETA

Alto Paraíso é a região do *chakra* cardíaco do planeta, ou seja, um lugar particularmente auspicioso para o processo de preparação para o Terceiro Milênio, bem como para as novas formas de convívio da humanidade onde estão sendo gestadas “as

⁴⁵ Esotérico diferencia-se de exoterismo, pois esse é caracterizado pelo ensino de conhecimentos prováveis e verossímeis, de forma acessível, a um público mais aberto.

prioridades de cura ... o remédio para o câncer ... e outras doenças". Associação Holística Vale do Sol⁴⁶. Afinal:

⁴⁶ Citação incluída: SIQUEIRA, Deis. **As Novas Religiosidades no Ocidente**. Brasília, Cidade Mística. Universidade de Brasília: Brasília, 2003. 85p

“A região do planalto central brasileiro é o chakra cardíaco do planeta, onde pulsa o coração da terra. Assim como o homem tem seus chakras, o planeta também tem os seus chakras, os seus vórtices. Fora desses chakras, existem outros lugares também de muita concentração de energia, porque os próprios mestres têm seus templos etéreos em determinados portos do planeta”.

Cavaleiros de Mairéya⁴⁷

O planalto central teria lençóis de cristal que vão servir futuramente para comunicações extraplanetárias e galácticas interdimensionais, que não deveriam nem ser exploradas, nem mexidas, porque se não, vai prejudicar um trabalho com a tecnologia futura. (Instituto Solarion)⁴⁸

Uma das comprovações desse privilégio é o fato de que na capital e na região concentra-se um grande número de grupos e de pessoas envolvidas no processo de preparação para a Era de Aquários.

O Instituto Solarion⁴⁹ trabalha no intuito de criar lideranças para o Terceiro Milênio. Sob a concepção de que foram orientados espiritualmente para a missão de abrir um *chakra* cardíaco planetário para pessoas que viriam chegar até o Instituto.

“ a vinda para Alto Paraíso foi por intermédio de muitas confirmações, que foram cada vez mais fortes,é como se fosse uma energia eletromagnética assim, que forma um cordão, um cinturão eletrônico...”

(Arcádia Irmandade de Luz Solar)⁵⁰.

⁴⁷ Citação incluída: SIQUEIRA, Deis. **As Novas Religiosidades no Ocidente**. Brasília, Cidade Mística. Universidade de Brasília: Brasília, 2003. 85p

⁴⁸ Ibidem 86p.

⁴⁹ O Instituto Solarion, foi construído em Alto Paraíso com o firme propósito de construir um jardim de frutas e de flores, criando um paraíso, na terra. Assim, todo o vale, onde funciona o Instituto, se transformaria em uma Arca de Noé, que pudesse ser transportado integralmente, quando da retirada inevitável que por vir, para naves mães que estão estacionadas em um plano “acima” como ilhas flutuantes.

O motivo à denominação de Alto Paraíso, diz respeito aos *chakras*, os pontos energéticos do corpo humano. A terra também tem esparramado por toda a sua área, pontos energéticos e na região do planalto central brasileiro é o *chakra* cardíaco do planeta, onde pulsa o coração da terra. É o maior platô de cristais do planeta. E segundo os Cavaleiros de Maitreya, qualquer energia que emanar a partir dali, com a potencialização do cristal, essa energia vai se multiplicar infinitamente.

Essas certezas são objeto de dúvidas, afinal se tratam de verdades reveladas com caráter divino, secreto, misterioso, enfim, verdades místicas ou esotéricas. Entretanto, vem ocorrendo em Alto Paraíso, um movimento de experimentalismo religioso, que é laboratório vivo para essas verdades.

A partir de 1990, chegaram em Alto Paraíso, inúmeros grupos místico-esotéricos, que após cinco anos se desagregaram formando novos grupos. Esses grupos apenas vivenciam Alto Paraíso como um todo, como comunidade certos da predestinação mística da cidade e da região⁵¹. A expansão recente dos grupos místico-esotéricos tem explicações centradas nas dimensões sócio-culturais. Nesse processo contínuo, há uma tendência cada vez maior no sentido da busca individual, com algumas práticas coletivas na busca da verdade, movidas por uma situação existencial em que predomina:

⁵⁰ Citação incluída: SIQUEIRA, Deis. **As Novas Religiosidades no Ocidente**. Brasília, Cidade Mística. Universidade de Brasília: Brasília, 2003. 87p

⁵¹ Autodenominam-se: Associação Cultural Brasil-China, Holística Vale do Sol, de Estudo Universal, Cavaleiros de Maitreya, Centro Eclético da Fluente Luz Universal, cidade da Fraternidade, Eclética, Collegium Lux, Espaço Holístico Lakshmi Vishnu, Fé Bahá'i, Filhos da Terra, Fraternidade da Cruz e do Lótus, Fraternidade Eclética Espiritualista Universal, Forças Mentais do Planalto, Fundação Arcádia, OSHO, Grupo Aglutinado da Nota sol, Instituto Branay, Solarion, Legião da Boa Vontade, Movimento Gnóstico Cristão Universal do Brasil na Nova Ordem, Ordem dos Quarenta e Nove, Espiritualista Cristã Vale do Amanhecer, Rosa Cruz-AMORC, Ponte para a Liberdade, Santuário Dourado, Sociedade de Eubiose, Fraterna do Lótus Sagrado, Internacional de Meidtação Teosófica, Sahaja Yoga, Templo da Sabedoria Jnana Mandiram. SIQUEIRA, Deis – **A labiríntica busca religiosa na atualidade: crenças e práticas místico-esotéricas na capital do Brasil**, Série Sociológica, nº 185, Brasília: Universidade de Brasília, Departamento de Sociologia, 2001.

- inquietações pessoais, angústias, insatisfações, caracterizando crises de identidades;
- ressentimentos centrados numa mágoa que pode estar vinculada ao sentimento de culpa, de desvalorização, de inutilidade;
- desilusão/desencantamento, que se origina nas diversas formas de descrença diante dos valores sociais, das instituições, das religiões, dos projetos políticos, caracterizando uma falta de sentido da vida.

Tais elementos parecem impulsionar as pessoas a buscas individuais caracterizadas pelo experimentalismo. “Experimenta-se de tudo”. Vivencia-se, nesta dimensão, uma condição mais libertária do ser humano, o que permite entrar e sair dos grupos com relativa facilidade, ou ainda, fixam-se em algum deles, mesmo que temporariamente. Esse procedimento experimentalista é de fato libertário: o indivíduo cria seus próprios caminhos.

9.2 – BRASÍLIA MÍSTICA É A TERRA PROMETIDA

“Brasília já nasceu mística.”

Legião da Boa Vontade⁵²

Assiste-se, na capital, a uma série de manifestações religiosas críticas, mas respeitosas e tolerantes com as tradições religiosas, sobretudo com a cristã. Identifica-se uma fuga do controle institucional, e recuperação de um simbolismo e de um mistério marcado por práticas mágicas (energia, vibrações, cores, cristais, pirâmides) e muitas

⁵² Citação incluída: SIQUEIRA, Deis. **As Novas Religiosidades no Ocidente**. Brasília, Cidade Mística. Universidade de Brasília: Brasília, 2003. 83p

vezes vinculado, mas não restringido ao *New Age*. Afirmar-se à presença do sagrado como princípio unificador de caráter ecumênico, o que inclui colagem e combinações de elementos de várias religiões ocidentais e orientais, tradição hermética, ciências, consciência planetária, paz mundial, ecologia e um grande trânsito pelos grupos, pelos rituais e pelas práticas alternativas ou não convencionais⁵³.

“Um lugar calmo e claro ... nesse planalto ... Aqui no planalto tem-se uma visão de 360 graus e se percebe mais cedo o sol, a lua, as estrelas, do que nas montanhas ... aqui se tem a sensação de horizonte única. Está-se mais em contato com o sol, com a lua, as estrelas, do que em qualquer outro lugar ... É uma cidade predestinada. Por isso tem tantos grupos místicos”

Santo Daime⁵⁴

Segundo Siqueira [19__]⁵⁵ os grupos se dividem em duas vertentes⁵⁶, os enfáticos que alegam a influência de natureza místico-esotérica sobre a cidade de Brasília ou sobre o Planalto Central. E outros que não enfatizam o místico-esotérico, mas destacam o privilégio ou a especificidade das características físico-geográfica da região: placa de cristal no subsolo, céu impar, berço das águas.

⁵³ SIQUEIRA, Deis – **Curso de Especialização para Professores e Pesquisadores em Turismo e Hospitalidade** – Universidade de Brasília – Centro de Excelência em Turismo (CET). [19__] 10 p.

Não-convencionais: acupuntura, massagens terapêuticas, tarot , métodos esotéricos, I ching, runas, astrologia, horóscopo, fitoterapia, reiki, johrei, chás curativos, iridologia, terapia, cristais, cartomancia, cura por intermediação de espíritos, cromoterapia, biodança, curandeirismo e homeopatia.

⁵⁴ Citação incluída: SIQUEIRA, Deis. **As Novas Religiosidades no Ocidente**. Brasília, Cidade Mística. Universidade de Brasília: Brasília, 2003. 82p

⁵⁵ SIQUEIRA, Deis – **Curso de Especialização para Professores e Pesquisadores em Turismo e Hospitalidade** – Universidade de Brasília – Centro de Excelência em Turismo (CET). [19__].

⁵⁶ O que não necessariamente, permanecem isolados, tendo em vista que há uma grande rotatividade entre os grupos, como descrito no capítulo 9.

Todas as características humanas ou raciais⁵⁷, toda tendência de raça, cor, credo, religião, fé, é encontrada em Brasília.

Em pesquisas realizadas a despeito do misticismo em Brasília, revelam que Brasília e a região do planalto central constituem-se em locais privilegiados no processo de passagem para o Terceiro Milênio. É significativo que dos 200 adeptos de grupos místico-esotéricos 76,0% do total consideram Brasília predestinada e 61,0% o Planalto Central predestinado.

É uma constante a referência à profecia do jovem padre salesiano Dom Bosco, de que se tratava de uma Terra Prometida:

“ ... na região de um grande planalto, vejo elevar-se uma terra de riquezas inestimáveis, as quais um dia serão descobertas. Vejo se elevar uma grande civilização sobre esse planalto, a bordo de um lago, entre os 15° e 20° paralelos. Lá surgirá uma futura Terra Prometida ... lá correrá leite e mel ... lá será de uma riqueza incomensurável”.

Dom Bosco

Lideranças dos grupos místico-esotéricos fazem referência à predestinação da capital referindo-se à Terra Prometida, Capital Profetizada, Civilização do Terceiro Milênio, Lugar de uma Raça e uma Nova Civilização.

“.. Dom Bosco foi um grande missionário, ele previu naquela época já, os paralelos ... o mel ia jorrar ... é justamente isso que nós estamos vivendo aqui. Brasília é isto, o que ele previu”

Ordem Espiritualista Cristã Vale do Amanhecer⁵⁸

⁵⁷ Em Brasília, por ser capital federal há um encontro de todas as raças, regiões do país e de povos de diferentes países do mundo, exemplo disso são as embaixadas, os organismos internacionais.

⁵⁸ Citação incluída: SIQUEIRA, Deis. **As Novas Religiosidades no Ocidente**. Brasília, Cidade Mística. Universidade de Brasília: Brasília, 2003. 84p.

Brasília já nasceu mística, partindo de uma cidade que já foi antevista e apontada como cheia de energia, carregada de uma série de coisas, uma providência divina, predestinada. Mesmo grupos com sede em Alto Paraíso, afirmam o privilégio e a importância da capital como ponto de irradiação. É o caso, por exemplo, de Satya Mila, do Instituto Solarion:

“... pode ser feita uma ponte rapidamente e a partir de um modelo que se desenvolva nessa região, a gente pode influenciar mais eficientemente ... A orientação espiritual que veio, era que eu também tinha que, no início, fazer um trabalho em Brasília, porque aí o projeto tomaria um voo mais alto e realmente, de fato, isso aconteceu”.

(Instituto Solarion)⁵⁹

E Iara Kern, mística bastante reconhecida na cidade, reafirmava no início da década de 1980 que *“Brasília seria, com certeza, tal como o afirmara D. Bosco, a capital do Terceiro Milênio, o celeiro do mundo, de onde jorraria, no futuro, leite e mel e haveria paz e fartura. No dia em que escavassem ao redor da cidade, encontrar-se-ia desde o urânio ao petróleo, tudo estaria traçado de acordo com a numerologia, o Tarot egípcio e a cabala hebraica”*⁶⁰.

Aos olhos místicos, toda a Brasília, tem um sentido especial. Por exemplo, o cemitério de Brasília é espiralado⁶¹, representando fonte de transformação e de evolução. Por sua vez, as grandes obras da cidade, localizadas em posições geométricas em forma

⁵⁹ Ibidem

⁶⁰ Ib. 85p.

⁶¹ A espiral representa a evolução do homem, de uma para outra faixa da espiral.

de uma estrela de David, simbolizariam os macrocosmos, os poderes executivo, legislativo e judiciário – federais e estaduais, estariam dentro de uma triangulação⁶².

Não apenas Brasília e o planalto central seriam predestinados, pois: “*afinal, o Brasil é o coração do mundo, pátria evangélica*”. Fraternidade Eclética Espiritualista Universal – Cidade Eclética. Mais ainda, segundo A Associação Cúpulas de S. Germain: “*A América é o berço do Terceiro Milênio e o Brasil está nessa*”.

9.2.1 – O Místico e o Esotérico

Segundo SIQUEIRA (2001)⁶³, misticismo é definido com a atitude humana que visa à união das pessoas com as forças sagradas, algo que se percebe íntima e profundamente, estando no geral, envolto pelo silêncio. O esoterismo remete-se em geral, a ensinamentos sobre a verdade religiosa reservados a poucos iniciados, é acessível àqueles que são, moral e intelectualmente preparados, sendo adquirível por meio de estudos, de meditação, de intuição, de cumprimento de instruções. Haveria aqui uma diferença razoável com o misticismo: na experiência mística, o divino “desce” ao homem, ao passo que no processo esotérico toda a iniciativa advém dos esforços do homem. O místico teria então um caráter mais passivo, enquanto o esotérico, um caráter mais ativo. Assim, tanto o conceito de misticismo quanto o de esoterismo estão marcados pelo segredo e por um certo elitismo. Poucos podem ter acesso.

⁶² Ver capítulo 10 deste trabalho – Brasília Egípcia.

⁶³ SIQUEIRA, Deis. **A labiríntica busca religiosa na atualidade: crenças e práticas místico-esotéricas na capital do Brasil**. Série Sociológica, nº 185. Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília: Brasília, 2001.

9.3 - RELIGIOSIDADE E ESTILO DE VIDA

9.3.1 - Religiosidade

Religião implica na existência de mediações entre as pessoas e os seres divinizados e a existência do sagrado: ligação com os antepassados, com o mistério, redenção, propósito divino. Por meio dela, atribuí-se sentido à vida, explanando algumas explicações, sobretudo no que toca à morte.

Por sua vez, religião articula-se com misticismo. Este pode ser definido como a atitude humana que visa uma união das pessoas com as forças sagradas, transcendentais, o numinoso⁶⁴, o mistério fascinante. O sagrado é composto pela dimensão racional, ou seja, a bondade e sabedoria de Deus. E esoterismo remete-se a ensinamentos sobre a verdade religiosa reservados a poucos iniciados. O conhecimento direto da verdade é acessível a pessoas preparadas sendo adquirido pelo estudo de alegorias e símbolos, meditação, intuição, cumprimento de instruções.

Cultura deriva de culto. Definitivamente, não se pode compreender uma cultura sem a compreensão da religiosidade e do próprio turismo, na contemporaneidade. Pois o homem sempre buscou a religiosidade, em forma de magia ou de religião de salvação e para tanto, sempre viajou e da viagem de peregrinação⁶⁵ nasceu o turismo, fenômeno típico da sociedade capitalista mais recente.

⁶⁴ Segundo Rudolf Otto (1869-1927), teólogo e filósofo alemão, o sentimento único vivido na experiência religiosa, a experiência do sagrado, em que se confundem a fascinação, o terror e o aniquilamento.

⁶⁵ O sentido etimológico de peregrino se remete a estrangeiro, aquele que vem de fora, que é de outro lugar. E como aponta STEIL, concordando com MACCANNELL (1973), um dos enfoques possíveis sobre o comportamento turístico

A expansão das novas religiosidades está referida nos grupos místico-religiosos, e delineia um quadro que se move na direção do auto-aperfeiçoamento, auto-realização e auto-deificação. Essa direção, resulta em constante experimentação, entrando em dimensões espirituais e psíquicas, corporais e intuitivas, tratando de se caracterizar como uma busca holística. A verdade última é construída pelo próprio sujeito experimentador. Assiste-se a uma pluralização da fé, ou a uma liberalização religiosa.

Espiritualidade ou caminho espiritual entendido como ênfase na busca de autoconhecimento e de auto-aperfeiçoamento, se remete ainda, a campos como a psicologia e a medicina, num movimento em que novos significados, estilos de vida, autoridades, competências, de bricolage moderna encontra-se em processo de legitimação.

A privatização da fé vem ocorrendo simultaneamente a psicologização das religiões. Os conteúdos religiosos tendem a se tornar benefícios psicológicos, entendidos como paz de espírito. (Berger: 1985:185-187)⁶⁶.

A religião entendida como paz de espírito, pode ser mais facilmente comercializada no intuito de angariar mais seguidores, ou pessoas que compreendam melhor as funções morais e terapêuticas da religião. Ocorre que, as instituições tendem a se acomodar nessas necessidades morais, terapêuticas e privadas das pessoas. Assim, os conteúdos religiosos estariam se desobjetivando, ou seja, estariam se desprovendo de seu *status* como realidade objetiva, tornando-se subjetivados. Ou seja, a realidade torna-

se assenta na idéia de que o turismo é uma atualização da peregrinação. Peregrinação, em seu sentido genérico, remete-se a viajar ou andar por terras distantes, andar por vários lugares.

⁶⁶ BERGER, P., **O dossel sagrado. Elementos para uma teoria sociológica da religião**. Paulinas:São Paulo, 1985.

se um assunto privado de cada indivíduo. A religião não se referiria mais como uma transposição do cosmos. E o indivíduo pode descobrir a religião na sua própria consciência subjetiva, em algum lugar de si mesmo. O processo se caracterizaria por uma transformação da cosmologia em psicologia. A história tende a se tornar biografia.

Orientando-se ainda pelo sociólogo Berger, pode-se afirmar que o psicologismo, em qualquer de suas tendências (freudiana, yungiana) permiti a leitura da religião como um sistema de símbolos, práticas, visões de mundo referido, na verdade, a fenômenos psicológicos. Essa ligação tem a vantagem de legitimar as atividades religiosas como psicoterapia. Assim, segue-se a reflexão do processo de psicologização da religião, anunciado por Peter Berger já no final da década de 1960, com dados também coletados em Brasília e região.

9.3.2 – Novo Estilo de Vida, Novos Valores

Na atualidade brasileira, a variedade e a multiplicidade das manifestações do religioso é referenciada por Sanchis (1997)⁶⁷, no sincretismo de movimentos ecológicos, feiras esotéricas, a nebulosa polivalente da Nova Era. Essa variedade e multiplicidade das manifestações do religioso penetram as mais diferentes vertentes e instituições, tais como Igreja Católica, o Santo Daime e a Umbanda, representando, assim por dizer, um novo

⁶⁷ SANCHIS, P. O **campo religioso contemporâneo no Brasil**, in Globalização e religião, Oro, Ari Pedro e Steil, Carlos Alberto (org), Petrópolis: Vozes, 1997.

estilo de vida, que o adepto é fortemente conectado com o consumo de práticas não-convencionais ou alternativas⁶⁸.

Os dados relativos à motivação para a utilização de práticas alternativas confirmam o forte trânsito e flexibilidades religiosas entre corpo-saúde-equilíbrio-psicologia-espiritualidade-místico-mágico-esotérico:

- a) melhor qualidade de vida e auto-conhecimento, na busca por integração cotidiano-espiritualidade. Procura por saúde dentro de uma perspectiva holística,
- b) busca por equilíbrio, cura sem intoxicação e paz interior. Busca pela integração corpo-espírito, paz espiritual, curiosidade e medicina preventiva.

SIQUEIRA [19__]⁶⁹ em sua pesquisa, revela que no que toca às crenças pessoais, há permanência de valores tradicionais (crença em Deus, Jesus Cristo, Virgem Maria) e simultaneamente uma adesão a novos valores, tais como reencarnação, carma, comunicação com espíritos, campos energéticos, divino em si mesmo, e telepatia e expansão de consciência.

Os consumidores de prática não-convencionais ou alternativa não se caracterizam por um público tipicamente adepto ou freqüentador⁷⁰ de grupos místico-

⁶⁸ Práticas alternativas: homeopatia (medicina oral não alopática, mais natural, sem efeitos colaterais), florais, meditação (objetiva fundamentalmente a aquietação da mente, indicando a busca por um cotidiano menos centrado na mente-racionalidade do mundo moderno ocidental. Uma prática mais autônoma, realizada pelo indivíduo e não por um médico, ou monge, ou sacerdote ou profissional).

⁶⁹ SIQUEIRA, Deis – **Curso de Especialização para Professores e Pesquisadores em Turismo e Hospitalidade** – Universidade de Brasília – Centro de Excelência em Turismo (CET). 13 p.

⁷⁰ A maioria dos buscadores de novas religiosidades tende a ter um nível educacional e de renda altos. Ressalta-se, no entanto que, os adeptos ou freqüentadores da Cidade Eclética e do Vale do Amanhecer não se encaixam nesta

esotéricos ou de novas religiosidades. A maior característica destes, é o efeito multiplicador de uma nova consciência e da busca de um novo estilo de vida, correlacionando-se com o não radicalismo religioso, confirmando-se assim, o alto grau de tolerância religiosa dos consumidores de práticas alternativas ou não-convencionais. Na medida que a religião e a religiosidade vêm-se concentrando na esfera do privado, adquirem características cada vez mais íntimas e emocionais (Brito, 2002: 114)⁷¹, concentrando-se no indivíduo, a experiência do sagrado e do religioso, que na sociabilidade da modernidade é garantido um lugar para as diferenças.

9.4 - RELIGIÃO E RELIGIOSIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

Um fenômeno da atualidade e analisado sob visão internacional é a diferença significativa entre as sociedades contemporâneas no que se refere às crenças religiosas e ao comportamento religioso das pessoas.

As crenças cristãs têm perdido sua plausibilidade na maioria dos países europeus e a prática religiosa decresceu continuamente no curso do século passado⁷². Este movimento parece confirmar a clássica tese sociológica segundo a qual a secularização e o desencantamento do mundo seriam concomitantes ao processo de modernização. Uma importante dimensão da mudança religiosa nas sociedades ocidentais

característica. No caso da Cidade Eclética não circula moeda e no Vale do Amanhecer, a renda da maioria dos adeptos não ultrapassa três salários mínimos. BRITO, R.F. – **Turismo e misticismo em Brasília** – Dissertação de Mestrado, Pós-graduação em Geografia, Universidade de Brasília, Brasília, 2002. 114 p.

⁷¹ Ver subitem 9.3.1.

⁷² Jagodzinski/Dobbelaere, 1993; Hollinger, 1996; Mardones, 1994; Zulehner/Denz, 1993; Mol, 1972; Siquiera, 2000; Mallimaci, 2000; Farias/Dantas, 2000; Rodrigues, 2000.

contemporâneas diz respeito à incorporação de crenças, práticas e métodos ocultos, místicos, espiritualistas, esotéricos, que se incluem ou se correlacionam com o Movimento *New Age*. Desde os anos sessenta, as atividades *New Age* e a literatura esotérica têm se tornado crescentemente populares, particularmente entre as novas gerações, atingindo de maneira bastante notória, os estratos com maior nível de escolaridade. A expansão deste movimento foi interpretada por CAMPBELL(1997) como uma orientalização do Ocidente. É conhecido ainda como um processo de reencantamento do mundo e redescoberta da magia (BINGEMER; 1998). O que esses processos revelam é que há uma busca tanto por religiosidade, quanto por caminhos explicativos desta.

Para se refletir sobre a religião na sociedade ocidental atual, é inevitável o reconhecimento da emergência de novas formas de religiosidade que indicam a vitalidade do religioso e da criatividade religiosa (Parker, 1997:43)⁷³.

A partir da década de 1960, esses novos fenômenos e temas se impõem, com uma rapidez diante das crises de paradigmas e questões ecológicas, do desenvolvimento sustentável, da territorialização e desterritorialização. Retornam ao místico, e surgem novas religiosidades; e em busca destas surge o turismo local. Essas novas religiosidades compõem um conjunto de novidades ainda não conceituadas, visto que estas caminham de forma lenta comparada com as transformações da realidade. Simultaneamente, assiste-se ao crescimento de várias formas de fundamentalismos, pois

73 PARKER afirma que os limites que separam religião de magia estariam desaparecendo e a religião não mais poderia ser identificada com igreja. PARKER, C – **Globalização e religião: o caso chileno** – in Globalização e religião, Oro, Ari Pedro e Steil, Carlos Aberto (org.), Vozes: Petrópolis, 1997. 43 p.

a religiosidade brasileira⁷⁴ caracteriza-se pela busca por adeptos que necessariamente se vêm em posição antidoutrinária, anticlerical e anti-hierárquica. Essa nova religiosidade e seus adeptos se revelam pelo sincretismo e bricolagem, pelo trânsito de práticas corporais, mágicas, místico-esotéricas, valores e significados. Daí elas poderem ser identificadas ou pensadas enquanto grupos místico-esotéricos⁷⁵. É importante ressaltar que há carência de estudos e de pesquisas sociológicas sobre a particularidade do fenômeno religioso, ocorrendo ainda uma situação típica da privatização da fé⁷⁶.

Essas práticas religiosas são voltadas ao bem estar físico e espiritual, de cura, de relaxamento. São todos caminhos de auto-deificação (divinizar), de encontro com o divino que está dentro de cada um, indicando a construção de um novo estilo de vida, de uma melhor qualidade de vida, o que confirma o processo de psicologização da fé ou da religião, embasados na concretização da socialização de novos valores, ainda que de maneira difusa, significados e visões do mundo, ancoradas nas novas religiosidades.

As mudanças de visões de mundo (homem-natureza, espiritual-físico, mente-corpo, holismo-unicidade, energia-carma) não estão se restringindo a grupos periféricos ou às novas religiosidades. Começam a atingir uma parcela crescente da população, rompendo fronteiras entre esotérico, religião, misticismo, e psicologia.

74 Religiões Tradicionais: catolicismo, várias formas de protestantismo, espiritismo kardecista e cultos afro-brasileiros. Novos Movimentos Religiosos, gestados & incorporados pelas religiões tradicionais: movimento carismático, Igreja Universal do Reino de Deus.

75 Não estão aí incluídos os cultos afro-brasileiros, o catolicismo, o espiritismo kardecista e os genericamente chamados de protestantismos, por se tratarem de religiões reconhecidas e em maior ou menor grau, institucionalizadas.

76 É a situação das experimentações em grupos diferentes, sempre na busca dos significados, valores, visões de mundo, símbolos e também pelas práticas alternativas ou não convencionais, com o objetivo primordial de uma nova visão holística do mundo.

9.4.1 - As Diversas Doutrinas do Terceiro Milênio

A quantidade de doutrinas é praticamente incalculável. Católica, protestante tradicional, protestante pentecostal, espírita kardecista e espírita afro-brasileira, que sozinhas, já somam cerca de 20 linhas diferentes.

É grande a diversidade de tendências e linhas entre os que lidam com o oculto em Brasília. Nesse imenso caldeirão místico, convivem movimentos de origem indiana como o Hare Krishna, Ananda Marga, Suddha Dharma Mandalam, Jnana Mandiram, Brahma Kumaris; seitas criadas no Japão, como Seicho-No-Iê, Mahikari, Igreja Messiânica, Perfeita Liberdade; doutrinas nascidas nos Estados Unidos, como a Ponte para a Liberdade e a Summit Light-house, grupos de ufologia esotérica, como a Ordem dos 49 e o Orion; grandes comunidades espíritas com características únicas no Brasil, como o Vale do Amanhecer e a Cidade Eclética; movimentos que procuram unir a busca espiritual com os vários campos da ciência, como a Universidade Holística Internacional de Brasília – Cidade da Paz, com filiais pelo país – escolas de ioga, meditação, centros de estudos esotéricos e tradicionais escolas iniciáticas, como a Sociedade Brasileira de Eubiose, o Centro de Estudos Gnósticos, a secular Sociedade Teosófica, a Rosa-Cruz, a GFU (Grande Fraternidade Universal), a AGFU (Augusta Grande Fraternidade Universal), e a Escola de Ioga de Brasília. (SEBRAE, 1995)⁷⁷

A essa grande lista soma-se também diferentes movimentos nascidos no Brasil ou em Brasília. Seus nomes exóticos – Filhos da Deusa Lunar, Cultura

⁷⁷ Brasília – **Coração Brasileiro** – 2ª Ed.- 1995 – SEBRAE/DF.

Racional/Universo em Desencanto, Fraternidade da Cruz e do Lótus, Aglutinados da Nota Sol, entre outros – demonstram o quanto esses grupos são inclassificáveis.

Mas nem só as seitas e religiões crescem na capital do Terceiro Milênio. O terreno do oculto e do místico foi invadido também por uma grande quantidade de bruxos, autênticos ou não, que oferecem as mais variadas consultas através de búzios, tarôs, cartas, leituras, da numerologia, do oráculo musical, de runas. Ao lado desses astrólogos, tarólogos, quiromantes, radiestesistas, videntes, sensitivos e demais profissionais de “consultoria esotérica”, como alguns já se denominam, também se estabeleceram na cidade especialistas em uma longa lista de terapias alternativas, promovendo tratamento em níveis espiritual, mental ou físico, que representam uma alternativa às técnicas tradicionais da medicina.

9.5 - TURISMO E RELIGIOSIDADE

O conceito de turismo assim como as novas religiosidades vêm se formando com dificuldades entre as dubiedades e ambigüidades. Não se fazendo necessário aqui, rever todas as conceituações disponíveis. Um dos poucos consensos existentes move-se em torno da reiterada definição da Organização Mundial do Turismo (OMT). Esta destaca o deslocamento voluntário e temporário fora de sua residência habitual (superior a 24 horas, com pelos menos um pernoite e um período máximo de 90 dias), por uma razão diferente que a de exercer uma atividade remunerada. Ou seja, movida por razões

distintas de atividades de negócios ou profissionais. A ênfase é posta no aspecto recreacional⁷⁸.

Conforme avança o século XX, as definições crescentemente privilegiam o aspecto econômico, indicando a característica do turista como aquele que gasta o dinheiro ganho em outro lugar. Na atualidade, a economia turística compõe a maior parcela da bibliografia existente. Neste sentido, a ONU⁷⁹ se posiciona acrescentando um prazo maior de 6 meses, peregrinações religiosas, mas sem propósito de imigração.

A partir da década de 70 sob a crise do petróleo, na qual o setor de transportes e turismo foi significativamente afetado, implica numa retração do setor, revelando a partir daí, os efeitos negativos ou positivos para a população receptora tornam-se uma preocupação diante das dimensões sociais, econômicas e culturais, principalmente nos efeitos danosos do turismo (prostituição e violência).

Na contemporaneidade o turismo é atividade econômica com deslocamento momentâneo, implicando em gastos, com objetivo principal de obtenção de serviços, como lembra Paiva⁸⁰:

“ Na atualidade, o segmento das viagens movidas por negócios e suas variantes (congressos, comércio, entre outros) chega a ser mais representativo em algumas cidades como São Paulo, no Brasil, Milão, na Itália, do que as viagens motivadas por lazer”.

⁷⁸ Turismo enfatiza deslocamento, o lugar de hospedagem, a temporalidade da estadia, os motivos espirituais ou intelectuais, relacionados ao corpo ou a profissão, repouso, cura ou saúde; tráfico de viajantes de luxo (aqueles que têm condução própria), busca de satisfação de uma necessidade luxo; satisfação de necessidades vitais e de cultura ou para realização de desejos de diversas índoles, unicamente como consumidores de bens econômicos e culturais; motivos não profissionais e os naturais do lugar; o caráter de forasteiros ou estrangeiros e sem caráter lucrativo, oficial (de serviço) ou militar. BARRETO, M. – **Manual de Iniciação ao estudo do turismo** - 1985

⁷⁹ Organização das Nações Unidas, de 1954.

⁸⁰ PAIVA, M. – **Sociologia do Turismo** – 3 ed., Campinas: Papirus, 1999.

Nesse sentido reforça Andrade⁸¹, que define turismo em termos de “*um conjunto de serviços que teria como objetivo o planejamento, a promoção e a execução de viagens, além dos serviços de recepção, de hospedagem e atendimento, seja este individual ou grupal, de pessoas que estão fora de suas residências habituais*”.

Com base nestes conceitos contemporâneos de turismo, os viajantes são consumidores de serviços turísticos, quaisquer que sejam suas motivações, sejam eles turistas, excursionistas ou visitantes, segundo classificação da OMT⁸².

Siqueira⁸³ com base nas literaturas usuais, classifica os tipos de turista: alocentrico; messocêntrico ou mediocêntrico; psicocêntrico; não-institucionalizados (nômades ou exploradores); institucionalizados (massas individuais e massas organizadas); peregrinos modernos (existenciais e experimentais); buscadores de prazer (diversionários e recreacionais).

A produção do saber turístico tem se constituído no Brasil, a partir de necessidades e iniciativas do setor privado, sendo necessário então, fazer classificações, identificação de espécie, natureza, ou seja, conceitos. No caso do turismo religioso, por exemplo, dois conceitos se completam e elucidam o caráter descritivo na conceituação de

⁸¹ ANDRADE, J.V. – **Turismo – Fundamentos e Dimensões** – 2 ed., São Paulo: Ática, 1998.

⁸² Segundo a Conferência das Nações Unidas, de 1963, o turista seria aquele que permanece mais de 24 horas, e excursionista, aquele que permanece um tempo inferior a 24 horas. Surge uma quantidade indescritível de classificações: turismo emissivo ou receptivo; nacional ou estrangeiro; de exportação ou de importação; de minorias (seletivo) ou de massas; de classes privilegiadas, de classe média ou popular; livre ou dirigido; excursionista, de fim de semana, de férias, de tempo indeterminado; regular ou esporádico; hoteleiro ou extra-hoteleiro; de descanso, lazer, cura, desportivo, gastronômico, religioso, profissional (ou de eventos); de interesse específico, de negócios; cultural; coletivo ou particular; rodoviário, aéreo, ferroviário ou aquático; de litoral, rural, de montanha; auto-financiado, social, gratuito; infanto-juvenil, adulto para terceira idade, familiar. SIQUEIRA, Deis – **Curso de Especialização para Professores e Pesquisadores em Turismo e Hospitalidade** – Universidade de Brasília – Centro de Excelência em Turismo (CET). 6

p.
⁸³ Ibidem

espécies : Segundo Novaes (1999:125)⁸⁴ turismo religioso é uma modalidade que movimenta um grande número de peregrinos em uma viagem pelos mistérios da fé e da devoção a algum santo. Complementa Andrade(2000:77)⁸⁵: *“O conjunto de atividades com utilização parcial de equipamentos e a realização de visitas a receptivos que expressam sentimentos místicos ou suscitam a fé, a esperança e a capacidade aos crentes ou pessoas vinculadas a religiões, denomina-se turismo religioso”*.

É nesta direção que Moesh⁸⁶ afirma que *“o estudo do turismo requer um questionamento sistemático de tudo que envolve o fazer-saber turístico, e do que se quer fazer, o saber turismo é e será objeto de desconstrução”*.

Portanto Siqueira [19__]⁸⁷ afirma que religiosidade e turismo é uma interseção privilegiada, podendo a partir dela averiguar as múltiplas dimensões e aspectos fundamentais da sociedade moderna.

⁸⁴ NOVAES, M.H. – **Turismo religioso; Turismo: segmentação de mercado** – São Paulo: Futura, 1999. 125 p.

⁸⁵ ANDRADE, J.V. – **Turismo – Fundamentos e Dimensões** – 2 ed, São Paulo: Ática, 2000, 77 p.

⁸⁶ MOESCH, M.M. – **A produção do saber turístico** – São Paulo: Contexto, 2000, 13 e 135 p.

⁸⁷ SIQUEIRA, Deis – **Curso de Especialização para Professores e Pesquisadores em Turismo e Hospitalidade** – Universidade de Brasília – Centro de Excelência em Turismo (CET). 6 p.

10. BRASÍLIA EGÍPCIA

Sob o estudo da professora Iara Kern é feita inúmeras comparações entre Brasília e o Egito, desvencilhando os ocultos de Brasília e as inúmeras coincidências. Inicia-se tal análise com a questão no texto de Lúcio Costa, quando este apresentou o esboço do desenho de Brasília:

“Desejo inicialmente desculpar-me perante a direção da Companhia Urbanizadora e a Comissão Julgadora do Concurso pela apresentação sumária do partido aqui sugerido para a nova Capital, e também me justificar.

Não pretendia competir e, na verdade, não concorro – apenas me desvencilho de uma solução possível, que não foi procurada, mas surgiu, por assim dizer, já pronta”.

Lúcio Costa

(KERN, 2000:14)⁸⁸

Os detalhes que impressionam são⁸⁹:

1º) a “solução” não foi procurada pelo vencedor mas surgiu já “pronta” (de onde?);

2º) que o vencedor não pretendia concorrer, mas se sentira obrigado a “se desvencilhar” do que lhe fora transmitido (por quem?).

As análises e comparações que se seguem no livro da referida autora se fazem a partir não só do texto de Lúcio Costa, mas as explicações diante da ciência egípcia seguem após os estudos dos egiptólogos alemães Erman e Ranke, os quais

⁸⁸ KERN, Iara e PIMENTEL, Ernani Figueiras - **Brasília Secreta – Enigma do Antigo Egito** – Editora Pórtico – Brasília, 2000. 14p.

⁸⁹ Ibidem

desvencilham os segredos dos povos e civilizações egípcias e evidenciam estes na realidade contemporânea.

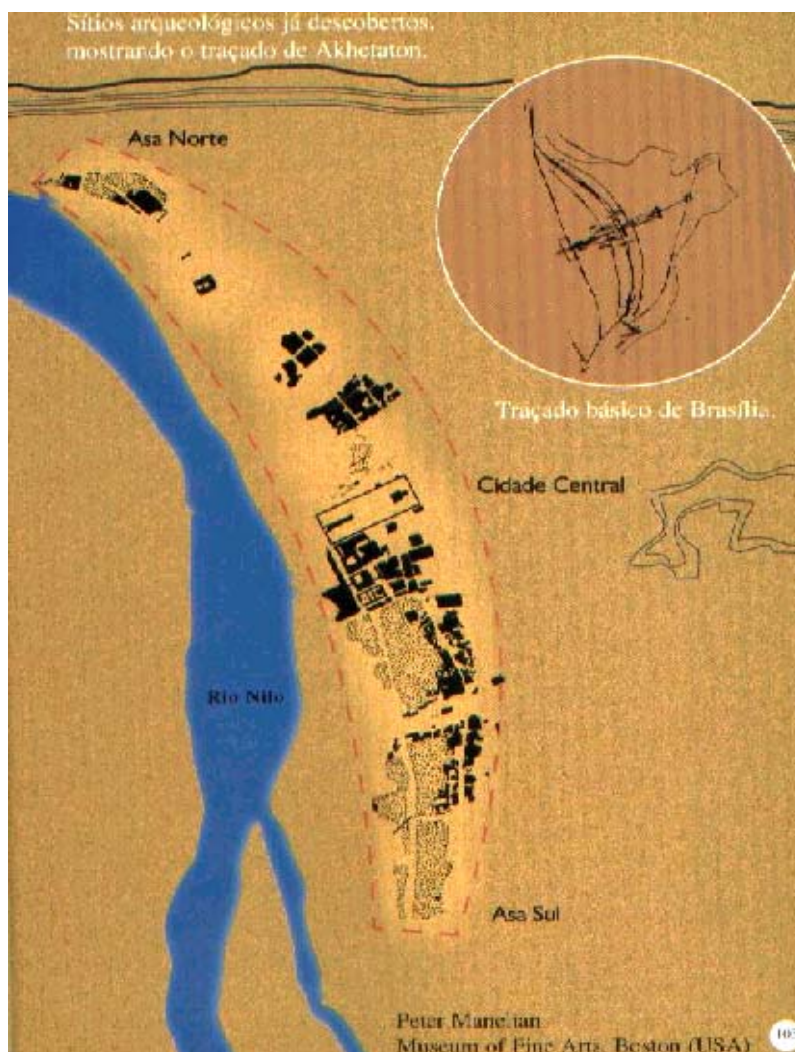
Os egípcios formaram uma grande Nação da antiguidade e, pelo cuidado que tiveram em preservar sua cultura e seus costumes, conseguiram chegar até os dias atuais, atravessando milênios e reavivando sua perturbadora e magnífica civilização. Essa cultura e costumes vivem latentes e patentes em várias partes do mundo atual, principalmente nesta Brasília do 3º Milênio.

10.1 - AKHETATON *VERSUS* BRASÍLIA

Brasília é hoje, a mais moderna capital do mundo, inscrita como patrimônio cultural da humanidade em 1987, época em que, na imprensa internacional, foi considerada a 8ª maravilha do mundo.

Segue as principais comparações da Capital brasileira com o Antigo Egito, especificamente com a cidade de Akhetaton⁹⁰.

⁹⁰ O Egito foi, por destino, o ponto de convergência no mundo antigo e é hoje a Terra Prometida dos historiadores. O faraó Akhenaton faraó da XVIII Dinastia do Antigo Egito, precursor de um novo ciclo civilizatório na cultura egípcia – há cerca de 3.400 anos. Governou o Egito durante 17 anos, de 1405 a 1352 a.C. Akhenaton inovou nos projetos de engenharia pois mandou que se cortassem as pedras em pequenos blocos de 30 a 40 centímetros, que lhe permitiram, por inacreditável que fosse, construir uma cidade inteira (Akhetaton) em apenas quatro anos, o que causou admiração e espanto em todo o mundo conhecido à sua época. Akhenaton, nome adotado por Amenhotep IV, promoveu uma profunda reforma na religião egípcia, instaurando a adoração ao deus Aton, representado pelo Sol. Ele é considerado o primeiro monoteísta da história.



Fonte: Brasília Secreta⁹¹

Brasília tem o seu plano em dois elementos básicos que se cruzam: o Eixo Rodoviário na posição norte-sul e o Eixo Monumental que aponta para leste e oeste, sob o traçado inicial de uma cruz, que se assemelha a um grande pássaro, dada a curvatura das asas. Este mesmo desenho de pássaro em vôo tem a cidade de Akhetaton. Ambos os

⁹¹ Desenho da cidade de Akhetaton em comparação com o esboço de Brasília. KERN, Iara; PIMENTEL, Ernani Figueiras – **Brasília Secreta – Enigma do Antigo Egito**. Brasília: Pórtico, 2000. p. 103

projetos apresentam soluções urbanísticas inovadoras, com avenidas largas, espaço amplo entre as construções, com grandes jardins e arvoredos planos este que permite ao homem, pleno contato com o céu e o deus Sol – para os egípcios. Brasília integra ainda construções de baixo gabarito, o que permite aos seus moradores e visitantes uma visão ampla do céu que este se integra necessariamente como elemento paisagístico, importante como o mar para as cidades litorâneas.

O céu é o mar de Brasília.....

Lúcio Costa

Tanto Akhetaton quanto Brasília foram projetadas para serem capital administrativa do país, dividida em setores, destinados cada qual a um determinado segmento social: sacerdotes, militares, artesãos, funcionários, etc.

O grande templo central de Akhetaton inovava arquitetonicamente com seu altar na parte mais baixa e menos iluminada da nave, localizando-se ao ar livre, a céu aberto⁹². O grande templo central de Brasília inova arquitetonicamente, pois também tem seu altar a céu aberto, permitindo a presença constate do sol em seu interior⁹³.

Akhetaton foi construída num previamente escolhido lugar, que era o centro geográfico do Antigo Egito⁹⁴. Brasília, construída no centro geográfico do Brasil.

Akhetaton: a cidade do horizonte do sol, ano Antigo Egito; Brasília: a cidade do horizonte do sol, no Brasil atual e futuro.

⁹² O culto era dirigido ao deus Sol.

⁹³ Hoje a Catedral de Brasília tem os vidros azuis, mas no início eram vidros transparentes.

⁹⁴ Ia do delta, ao norte, até a ilha de Philae, ao sul. KERN, Iara e PIMENTEL, Ernani Figueiras - **Brasília Secreta – Enigma do Antigo Egito** – Editora Pórtico – Brasília, 2000.p.27.

Em Akhetaton, o templo de Philae, era cercado por água, exceto na entrada. Essa água constituía o que os antigos egípcios chamavam de Lago Sagrado. Como monumento marcante em Brasília, existe a Ermida D. Bosco, forma piramidal patente, tranqüila e bela, junto ao Lago Paranoá, voltada para a cidade, partícipe da história de Brasília, situada na altura dos paralelos 15º a 20º⁹⁵.

10.2 - MOERIS E PARANOÁ

O Egito é, antes de tudo, o próprio Nilo. Os habitantes do Egito, no seu tempo, eram considerados o povo mais saudável do mundo. A região, com o seu sol claro, seu céu azul, o seu clima de inverno seco, sua fertilidade, atraía os mais longínquos povos, que chegavam sedentos daquele contínuo desenvolvimento.

Brasília parece representar, na atualidade, o mesmo imã que o Egito representou no passado. É uma cidade cosmopolita para onde afluem pessoas de todas as partes, de todos os credos.

Akhetaton contribuiu de forma decisiva para o desenvolvimento da humanidade. A autoridade monárquica atinge seu período áureo sob o antigo império, isto é, até a 6ª Dinastia⁹⁶. Dessa época datam inúmeros papiros como o Texto das Pirâmides, o Texto dos Sarcófagos, o Livro dos Mortos, a Sabedoria dos Contos e numerosos outros, de cujos hieróglifos são tirados ensinamento até hoje aplicados na medicina, na matemática, na lingüística, nas artes, na religião, na filosofia e nas ciências.

⁹⁵ Como predissera D. Bosco.

⁹⁶ A civilização egípcia teve 30 dinastias e 360 faraós.

Assim, como no Nilo se construiu o primeiro lago artificial do mundo, o lago Moeris, em Brasília se fez o grande lago artificial do Paranoá, para refrescar a cidade, devido ao clima causticante de deserto que possuía.

10.3 - A ARQUITETURA DAS CIDADES

A arquitetura egípcia inicia-se nas primeiras dinastias, especialmente a partir da terceira, quando a pedra começou a ser utilizada nas construções.

A mais antiga pirâmide de degraus de Sakara foi construída de pedra calcária⁹⁷, em pequenos blocos. Considerada uma maravilha na sua época, continha um museu de objetos preciosos, murais de tijolos azuis vidrados, grandes estátuas do rei Djoser, sentado ou em pé, mais de 30 mil belos vasos de pedra de toda forma e tamanho e telas de delicado baixo-relevo, mostrando o eterno jubileu de Djoser.

⁹⁷ Os egípcios tiveram desde o princípio, necessidade de construir as “eternas moradas” dos seus dignitários em material durável e, para isto, surgiram de toda parte amplos suprimentos de boa pedra de construção, desde as calcárias do Alto e Médio Egito até as arenosas da Baixa Núbia. Além disso, o egípcio empregou pedras duras e de difícil talha: granito, basalto e quartzito, que vinham de distantes regiões, como Wadi Hamamate e dos desertos núbios.



Foto: Martin Fiegl⁹⁸

Nesse único monumento convivem construções que normalmente seriam separadas: a casa do morto, a casa do vivo e o templo de cura. Vê-se assim, a expressão arquitetônica de uma integração de idéias complementares e reconciliação de facções opostas. Faz-se aqui, uma comparação deste monumento funerário de Djoser com a forma piramidal da eterna morada do presidente Juscelino Kubitschek.

⁹⁸ RICHTER e FIEGL – **Brasília 60 Colorfotos**. p. 53.



Foto: Platô Filmes⁹⁹

Assim como no Antigo Egito existia uma pirâmide de degraus destinada à guarda da energia cósmica e controle da energia vital (uso medicinal da energia), em Brasília, há uma pirâmide escalonada¹⁰⁰, a pirâmide da CEB¹⁰¹ – Centrais Elétricas de Brasília, construída para controlar e supervisionar o sistema de energia elétrica da cidade, coincidentemente, e não intencionalmente nas mesmas dimensões da de Sakara.

⁹⁹ Editora das fotos: Vestcon – in: KERN, Iara; PIMENTEL, Ernani Figueiras – **Brasília Secreta – Enigma do Antigo Egito**. Brasília: Pórtico, 2000. p. 42.

¹⁰⁰ Investigadores supõem que, na falta da cumeeira, ou seja, o ápice, significa que somente Deus é completo. A pedra cumeeira é comparada ao homem e a pirâmide ao universo. Muitas pirâmides de Brasília têm respeitado essa construção, deixando também o lugar reservado ao segredo de Todas as Eras.

¹⁰¹ O arquiteto da pirâmide da CEB, Gladson da Rocha, a convite de Oscar Niemeyer, fez parte da equipe inicial de arquitetos do Departamento de Urbanismo e Arquitetura – DUA – da NOVACAP.

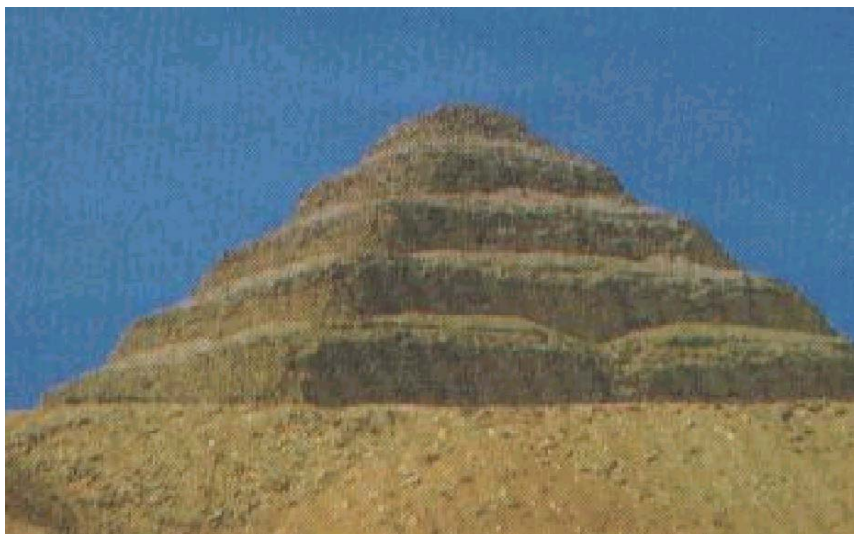


Foto: Platô Filmes¹⁰²

¹⁰² Editora das fotos: Vestcon – in: KERN, Iara; PIMENTEL, Ernani Figueiras – **Brasília Secreta – Enigma do Antigo Egito**. Brasília: Pórtico, 2000. p. 43.



Foto: Platô Filmes¹⁰³

Na pirâmide da CEB, no seu estacionamento, é possível ainda, visualizar do alto, o pássaro Íbis, que no Antigo Egito, era o guardião das Pirâmides, especialmente em Sakara, onde se encontraram mil múmias dessa ave sagrada, que inspirou a forma das vestes sacerdotais de seu arquiteto I-Em-Hotep.

¹⁰³ Ibidem p. 45.

10.4 – OCULTISMO e SIMBOLOGIA

O traçado e a arquitetura de Brasília podem ser vistos sob o ponto de vista da Numerologia, do Tarot Egípcio e da Cabala Hebraica.



Foto: Platô Filmes¹⁰⁴

Duas construções próximas apresentam interessante singularidade: a Rodoviária do Plano Piloto, que tem a forma de um H deitado¹⁰⁵, representativo do homem mortal, e o Congresso Nacional, cujas torres desenhavam no espaço um H em pé¹⁰⁶, simbolizando o homem imortal, o homem espiritual.

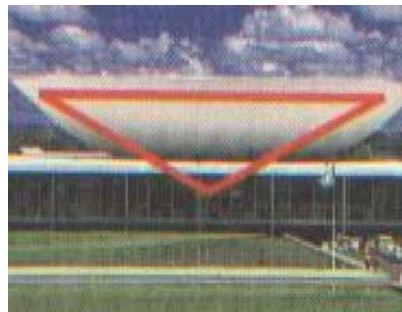
¹⁰⁴ Ibidem p. 46.

¹⁰⁵ O H deitado da Rodoviária, se repete em três planos: o subterrâneo, o rés do chão, e o aéreo ou superior, como três são os planos psíquicos do homem terreno: Id, Ego e Superego.

¹⁰⁶ O H do Congresso Nacional situa-se entre duas conchas ou semi-esferas, cujos pólos ou vértices apontam para direções opostas e funcionam como captadores de energia de “cima” e de “baixo” ou energia cósmica e telúrica. As secções dessas duas conchas, se superpostas, forma um círculo, símbolo do equilíbrio universal. Essas observações remetem ao Hermes Trimegistro “assim como está em cima, está em baixo”, referindo-se à manifestação dos dois mundos: o espiritual e o terreno. Outras conchas ou triângulos de vértices opostos podem ser vistos nas formas da Catedral de Brasília, no Centro de Convenções, nas colunas do Palácio da Alvorada, do Palácio do Planalto e no Supremo Tribunal Federal. KERN, Iara e PIMENTEL, Ernani Figueiras - **Brasília Secreta – Enigma do Antigo Egito** – Editora Pórtico – Brasília, 2000.p.48.



Captação de energia telúrica
Foto: Platô Filmes¹⁰⁷



Captação de energia cósmica

10.4.1 – Estrela de David

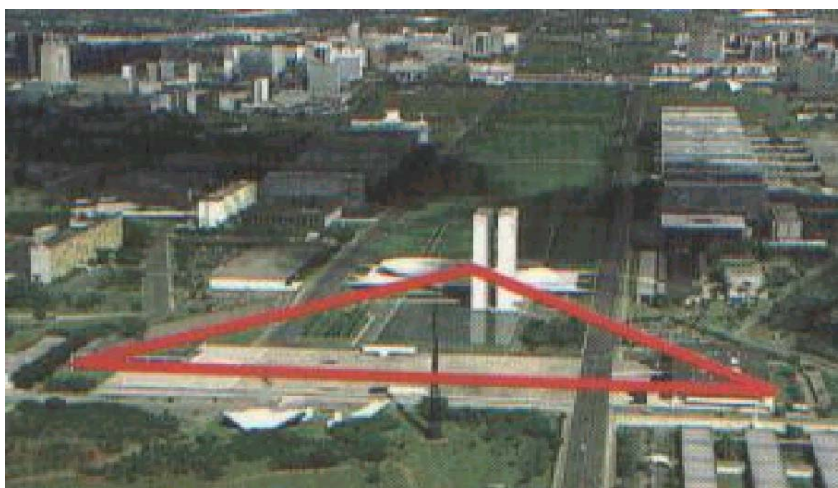


Foto: Platô Filmes¹⁰⁸
Vista do Eixo Monumental (sentido leste-oeste)

Triângulo Nacional - A Praça dos Três Poderes tem também a forma de um triângulo em cujos ângulos se situam os poderes constituídos da República: o Executivo, o

¹⁰⁷ Ibidem. p. 47.

¹⁰⁸ Ibidem p. 49.

Legislativo e o Judiciário, representados, respectivamente, pelo Palácio do Planalto, Congresso Nacional e Supremo Tribunal Federal. A forma de triângulo escolhida, o equilátero, é importante na medida em que sugere eqüidistância, igualdade e independência dos poderes. Essa figura geométrica, associada ao número 3, sugere equilíbrio¹⁰⁹.

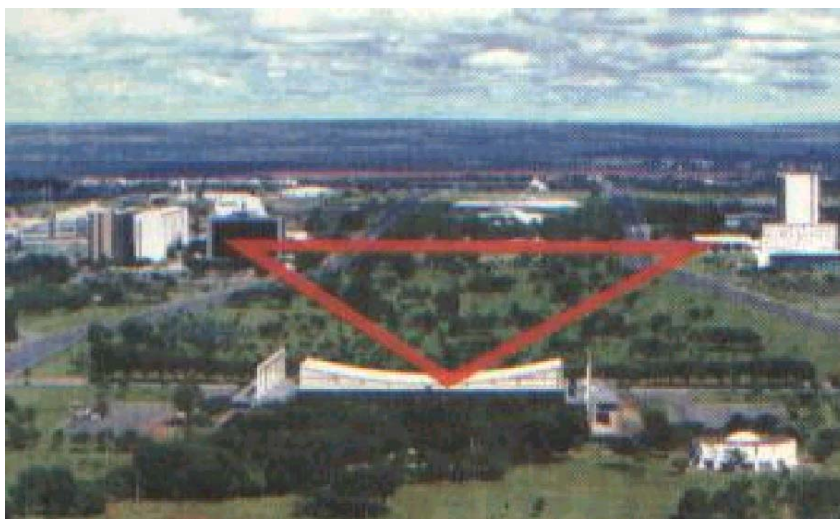
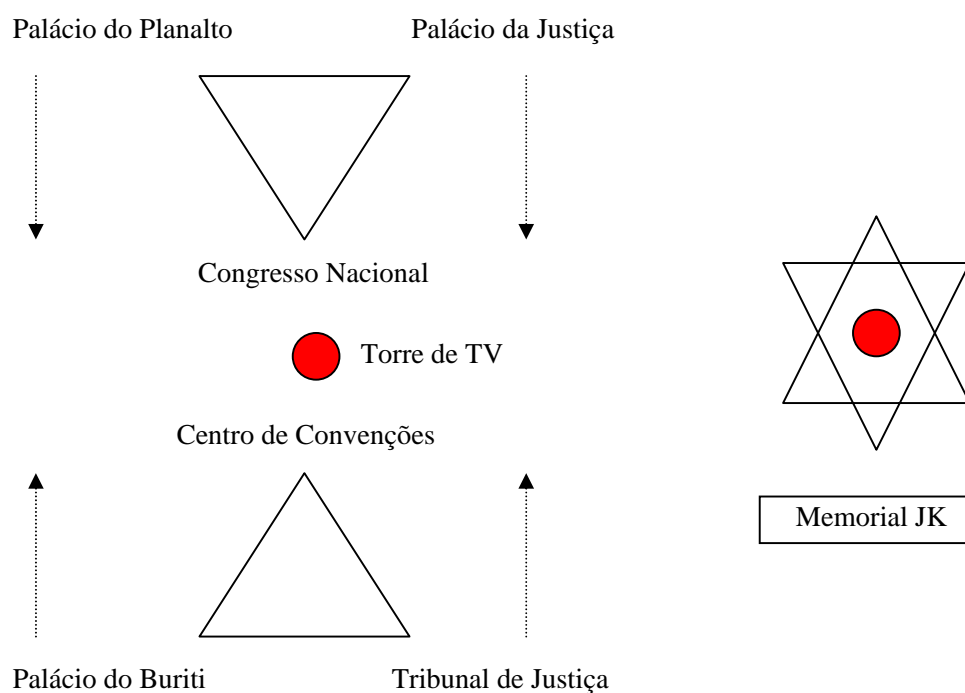


Foto: Platô Filmes¹¹⁰
Vista do Eixo Monumental (sentido oeste-leste)

Triângulo Local - No eixo Monumental, três outras importantes construções configuram um outro triângulo: o Centro de Convenções, o Tribunal de Justiça do DF e o Palácio do Buriti.

¹⁰⁹ Ibidem 48p.

¹¹⁰ Editora das fotos: Vestcon – in: KERN, Iara; PIMENTEL, Ernani Figueiras – **Brasília Secreta – Enigma do Antigo Egito**. Brasília: Pórtico, 2000. 49 p..



Observe-se que o Triângulo Nacional tem um vértice que aponta para a Torre de TV. O Triângulo Local tem um vértice que aponta para a mesma torre. Um deslocamento desses dois triângulos até pairarem sobre a Torre, tem-se uma estrela de David, representando o equilíbrio entre os interesses nacionais e locais.

10.4.2 - O Triângulo das Comunicações

A Torre de TV, situada eqüidistante dos Triângulos Nacional e Local, tem também base triangular e representa as comunicações com suas três correspondentes linguagens: escrita, falada e mímica (letra, som e imagem).

10.4.3 - O 4 na Praça dos Três Poderes



Foto: Platô Filmes¹¹¹

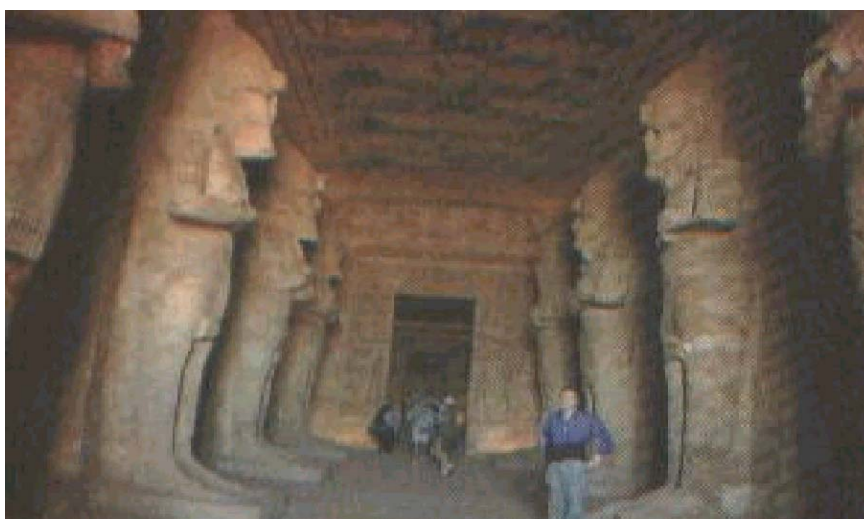
O número 4 representa no Tarot Egípcio e na Cabala hebraica a estabilidade; quatro bases de uma casa, quatro pontos cardeais, quatro estações do ano.

¹¹¹ Editora das fotos: Vestcon – in: KERN, Iara; PIMENTEL, Ernani Figueiras – **Brasília Secreta – Enigma do Antigo Egito**. Brasília: Pórtico, 2000. p. 52

As pistas de asfalto na Praça dos Três Poderes desenhavam um 4 com o Palácio da Alvorada na intercessão.

10.4.4 – A Catedral

A Catedral de linhas moderníssimas, mas concebida dentro da simbologia antiga, igual às Pirâmides tem uma parte subterrânea¹¹² e passagens ligando a Cúria, a Sacristia e o Batistério. É circulada de água e tem á sua entrada estátuas dos 4 evangelistas.



Templo de Abu-Simbel
Foto: Platô Filmes¹¹³

¹¹² Como no Antigo Egito, quase tudo era subterrâneo, em Brasília há muitos templos, igrejas e edifícios subterrâneos.

¹¹³ Editora das fotos: Vestcon – in: KERN, Iara; PIMENTEL, Ernani Figueiras – **Brasília Secreta – Enigma do Antigo Egito**. Brasília: Pórtico, 2000. p. 55.

No Antigo Egito, na entrada dos templos, que eram cercados por água, postavam-se estátuas de deuses, como vêem nos templos de Abu-Simbel, de Set I, do Rei Unas do faraó Miquerinos.

A sua entrada é um túnel escuro que no final a iluminação eclode da nave em todo seu esplendor, o que significa que o homem parte das trevas para a luz.



Vista do interior da nave
Foto: Rinaldo Morelli ¹¹⁴

Do infinito macrocosmo descem três anjos em planos diferentes que representam as mais altas hierarquias da consciência humana, isto é, a Santíssima Trindade: Pai, Filho, Espírito Santo, correspondentes no Egito Antigo a Ísis, Horus e Osíris.

¹¹⁴ KERN, Iara e PIMENTEL, Ernani Figueiras - **Brasília Secreta – Enigma do Antigo Egito** – Editora Pórtico – Brasília, 2000.p.118.

10.4.5 – O Cemitério

O cemitério de Brasília é espiralado, que por concepção de Pietro Ubaldi, tem a finalidade de fornecer ao homem uma nova consciência cósmica, uma consciência de que representa uma força e tem um papel no funcionamento orgânico do Universo; demonstra a união perfeita entre fé e ciência, intuição e razão; o rumo de uma nova ciência. Sugerindo por fim, a evolução e a transcendência do ser humano.

“A evolução corresponde a um conceito de libertação de limites que fecham, de liames que estreitam e a um conceito de expansão que, do nível físico ao dinâmico, ao conceptual, é sempre mais vasta. Esta força unificante, a encontrais expressa na concentricidade de todas as volutas da espiral.

No campo da vida, a abertura da espiral não é um vértice físico-espacial, mas dinâmico. Centro, expansão, limites e retornos são de características exclusivamente dinâmicas.

Também é vida é um ciclo, com sua fase evolutiva e o inexorável retorno a ponto de partida”.

Pietro Ubaldi¹¹⁵

10.5 - NUMEROLOGIA

Os prédios de cada lado do H do Congresso Nacional têm 28 andares. Somando-se $28 + 28 = 56$, que é o número dos menores arcanos do Tarot Egípcio e da Cabala Hebraica, indicando interesses e vontades.

O número 56 desdobra-se em $5 + 6 = 11$, número mestre que indica evolução superior e sugere altíssima responsabilidade na decisão dos destinos do país.

¹¹⁵ KERN, Iara e PIMENTEL, Ernani Figueiras - **Brasília Secreta – Enigma do Antigo Egito** – Editora Pórtico – Brasília, 2000.p.57.

Coincidentemente, o Plano Piloto inteiro forma 4 grupos de 32 superquadras $4 \times 32 = 128$, $1 + 2 + 8 = 11$.

O número 12 rege o universo, sugerindo completude, equilíbrio, totalidade. Doze é os signos do zodíaco, os meses do ano, o som das notas musicais, os apóstolos, os cavaleiros da Távola Redonda, do rei Arthur.....A bandeira nacional, em frente à Praça dos Três Poderes, hasteia-se sobre um gigantesco mastro de 12 pares de vigas.

Há ainda na história da cidade uma relação com o número 22, que aparece com frequência: o resultado do concurso foi divulgado em 1957, cuja soma dos numerais dá 22, e Lúcio Costa era o 22º inscrito; JK morreu em 22 de agosto de 1976; Os edifícios de Brasília têm andares com números submúltiplos de 12. Em cada superquadra existem 11 edifícios de 6 andares. $11 \times 6 = 66$; $6 + 6 = 12$. e as quadras, junto à L2, têm 22 edifícios de três andares ($22 \times 3 = 66$ e $6 + 6 = 12$).

As superquadras de cada Asa são 64; $6 + 4 = 10$. Dez é o maior número da Cabala Hebraica e sugere fortuna e boa sorte. No norte e no sul, no leste e no oeste há um mesmo número de quadras, 64, o que indica compromisso com o equilíbrio, a estabilidade.

A Catedral de Brasília é sustentada por 16 colunas, número esse que tanto na Cabala Hebraica quanto no Tarot Egípcio é o número destinado ao Templo.

10.5.1 – O Santuário Dom Bosco

O Santuário Dom Bosco projetado por Carlos Alberto Neves, tem 16 metros de altura, 80 colunas (8 é múltiplo de 16). A cruz externa, aprofundada no cimento, mede 8 metros. O lustre pesa 2.600 Kg ($2 + 6 = 8$). O número 8 indica infinito, união, ligação de duas esferas, de dois mundos.

O lustre tem 7.400 copos de vidro Murano ($7 + 4 = 11$) e os vitrais se desenham com 12 tonalidades de azul. O número 11 é o número mestre e indica evolução superior; o número 12 rege o universo.

10.6 – OUTROS DADOS

Uma grande semelhança existe entre o presidente Juscelino Kubitschek, fundador de Brasília, e Akhenaton. Akhenaton construiu em 4 anos Akhetaton (cidade do horizonte de Aton), cidade planejada que serviu de transição religiosa e política do país.

No mundo moderno, Juscelino construiu em 4 anos Brasília, cidade que serviu para transição política e social do Brasil.

Os dois eram empreendedores destemidos, não tiveram filhos varões e levaram adiante uma idéia tão magnífica que não podia ser compreendida pelos céticos: fundar uma nova capital, destinada a mudar de vida de um povo.

Tanto Akhenaton como JK viveram somente 16 anos após a inauguração de suas cidades e ambos tiveram morte violenta.

Segundo especialistas esotéricos, Juscelino e Brasília vieram nos dias atuais para consolidar o que Akhenaton e Akhetaton não puderam fazer em sua época.

Espiritualistas de várias partes do mundo que se dedicam ao assunto, dizem que Brasília representará no Terceiro Milênio, o que a cidade Akhetaton deveria representar em sua época. A cidade de Brasília seria uma reencarnação de Akhetaton e seu destino será o de resgatar o que se projetou no passado remoto para o futuro da humanidade.

10.7 – TEMPLO DA BOA VONTADE

O Templo da Boa Vontade – TBV – construído e dirigido por José Paiva Netto é o único centro irrestritamente ecumênico conhecido no mundo.

O Terceiro Milênio é o período do belo, das ciências, das artes e da espiritualidade. Todos esses ingredientes compõem o Templo da Boa Vontade.

A entrada negra e subterrânea do templo lembra a das pirâmides do Egito. Após ela, uma explosão de luz maravilhosa na nave. Luz energizada por um límpido cristal gigante fixado no topo da pirâmide. Esse cristal de 21 quilos, extraído do subsolo do Planalto Central, catalisando as energias cósmicas e telúricas, simboliza a presença das forças divinas.

No piso da pirâmide-templo, o mármore de duas cores revela uma espiral tal como em Sakara, cujo centro está situado exatamente embaixo do grande cristal. A espiral do piso lembra a idéia de evolução e transformação conforme a filosofia de Pietro Ubaldi, que se casa ao transcendentalismo da cosmovisão do Antigo Egito, tão presente neste templo.

Os sensitivos descrevem de uma maneira mágica a cachoeira que canta dentro do TBV, com suas águas energizadas, guardadas por uma imagem centenária de Jesus, que oferecem cura para o corpo físico e espiritual. Descrevem também a resplandescência da aura e da fisionomia dos que lá trabalham, cheios de amor e devoção.

No dia 20 de outubro de 1995, inaugurou-se o salão Nobre, com estátuas monumentais, negras e fortes guardiãs da Sala Egípcia do TBV¹¹⁶. A Sala Egípcia em seu subsolo vem a ser a mais nova contribuição da entidade ao desenvolvimento e à preservação da arte universal.

¹¹⁶ Na Sala Egípcia pode-se ver desde os atos do cotidiano, como a colheita do trigo, o pisar das uvas, a transformação dos vegetais em adorno e cosmético, até o templo de Ramsés II, as grandes pirâmides de Keóps, Kefrén e Miquerinos, a esfinge, Akhenaton e Nefertiti, Rutankamon e o seu trono, réplica vinda do Egito, os canopos da mumificação, a deus a Ísis Alada, a deusa Nut – deusa do céu. Na escada que dá acesso à Sala Egípcia do TBV, está pintada a figura carismática de Akhenaton.

10.8 – DE KEÓPS AO TEATRO NACIONAL

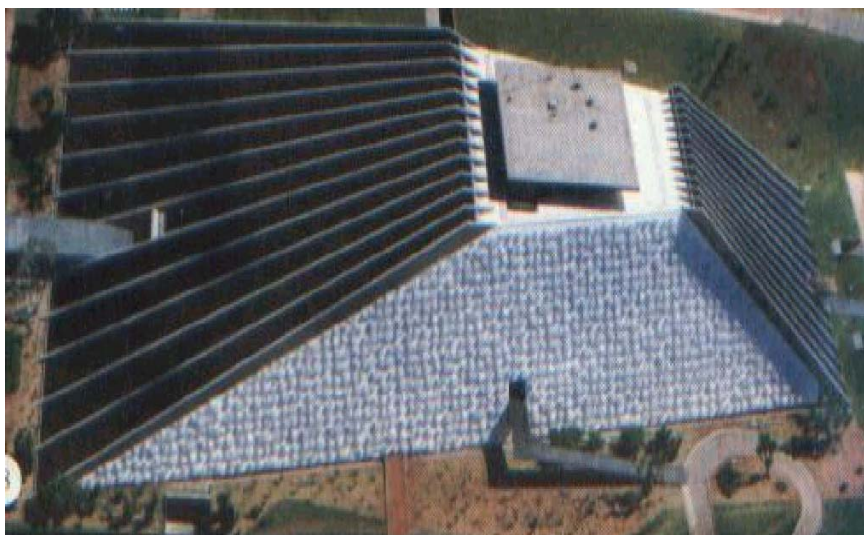


Foto: Platô Filmes¹¹⁷

O ponto alto no Egito foi a construção da grande pirâmide de Keóps, com mais de dois milhões de blocos de pedras, que pesam em torno de setenta toneladas. Esses blocos foram arrastados sobre rampas que flanqueavam os lados da base. Os blocos do interior eram obtidos localmente, mas as pedras de mármore fino eram cortadas em Turah, do outro lado rio, próximo às montanhas de Hamamate, a 400 km do vale de Gizeh, e levadas para ali, para o local de trabalho, nas épocas cheias do Nilo.

“Soldados, do alto destas pirâmides quarenta séculos vos contemplam”.

Napoleão Bonaparte

¹¹⁷ Editora das fotos: Vestcon – in: KERN, Iara; PIMENTEL, Ernani Figueiras – **Brasília Secreta – Enigma do Antigo Egito**. Brasília: Pórtico, 2000. p. 78

Durante séculos, ninguém penetrou na Grande Pirâmide. Keóps foi construída como local de iniciação pela Escola de Mistério¹¹⁸.

Os campos de energia gerados ou amplificados pela Pirâmide contribuem para uma elevação da consciência, motivo de sua finalidade iniciática.

Maully Palmer Hall, considera a Grande Pirâmide como pacto entre a sabedoria eterna e o mundo.

Os ângulos representam o silêncio, a profundidade, a inteligência e a verdade. As faces triangulares são o símbolo da Trindade espiritual. A face sul da Pirâmide representa o frio; a norte, o calor; a oeste, a escuridão; e a leste, a luz.

A Grande Pirâmide é considerada o primeiro “Templo dos Mistérios”, um repositório de verdades secretas.

Brasília possui o seu maior monumento piramidal que é o Teatro Nacional, principal casa de espetáculos artísticos. No exterior do Teatro Nacional, apresenta-se 78 espécies de formas piramidais¹¹⁹.

Roteiro das Pirâmides: Colégio Minas Gerais (SGAN, Q. 906), Conselho Nacional de Pesquisas (SEPN, Q. 511), Igreja Messiânica (EQN 315/316), Templo da Ordem Rosa-Cruz (SGAN, Q. 607), Companhia de Eletricidade de Brasília (SGAN, Q.; 602), Teatro Nacional (Via N2 Norte), Igreja Adventista do 7º dia (SGAS, Q. 611), Templo da Boa Vontade (SGAS, Q. 915), Torre de Televisão (Eixo Monumental), Cidade da Paz, Vale do Amanhecer e Cidade Eclética.

¹¹⁸ Ninguém foi lá enterrado. Dentro do sarcófago foi encontrado somente uma flor seca que floresce apenas no mês de maio no Egito.

¹¹⁹ De acordo com o matemático, Júlio Lociks.

11. ROTEIRO TURÍSTICO DA BRASÍLIA MÍSTICA¹²⁰

I - CATEDRAL



Foto: Autor

A catedral é batizada de Catedral Metropolitana Nossa Senhora Aparecida¹²¹. Seu projeto é resultado do arquiteto Oscar Niemeyer. Sua planta é circular a fim de evitar ter fachada principal. O acesso ao seu interior é feito através de uma passagem subterrânea, o que é entendido pelos estudiosos, como uma alegoria às catacumbas romanas do início do cristianismo. Da mesma forma, os 16 pilares curvos, de concreto aparente, que se unem no topo representariam uma alegoria à coroa de espinhos de Jesus, ou ainda, a um cálice ou mãos postas em prece. A catedral possui um expressivo

¹²⁰ Acompanhar este capítulo com os anexos III e IV.

¹²¹ Localização: Eixo Monumental Leste

acervo de obras de arte: no lado externo as esculturas dos quatro evangelistas, de Alfredo Ceschiatti, e os sinos doados pelo governo espanhol; no interior, os anjos de Ceschiatti, as pinturas de Di Cavalcanti, os vitrais de Marianne Peretti e um painel em cerâmica de Athos Bulcão no batistério.

II - SANTUÁRIO DOM BOSCO



Foto: Autor

O Santuário Dom Bosco¹²² foi construído em homenagem ao padroeiro de Brasília, São João Belchior Bosco, o santo italiano que teve uma visão sobre a Terra Prometida entre os paralelos 15º e 20º Sul. No exterior, 80 colunas de concreto aparente de 16 metros fecham-se em arcos ogivais que lembram o Palácio do Itamaraty.

¹²² Localização: W-3 Sul, Quadra 702.

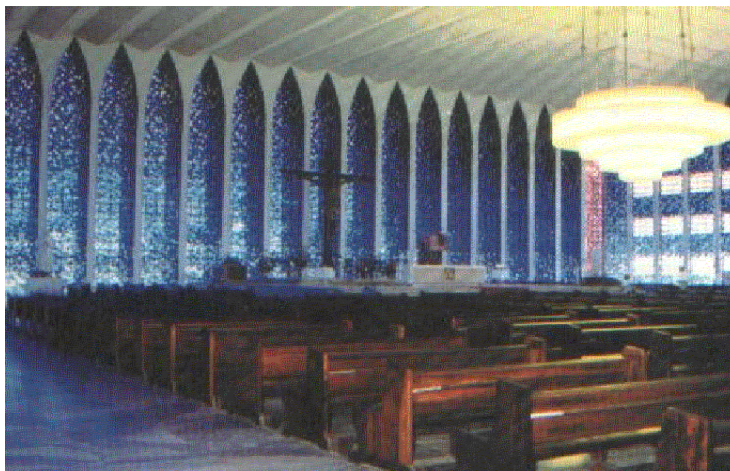


Foto: Platô Filmes¹²³

Vista do interior do Santuário Dom Bosco – vitrais e lustre

No interior, no centro da nave, um lustre de 3,5 m de altura, formado por 7.400 peças de vidro murano, simboliza Jesus, a luz do mundo. Os vitrais, de autoria de Cláudio Naves e executados por Hubert Van Doorne, são em 12 tonalidades de azul.



Foto: Autor

As portas, em ferro e bronze, com baixos-relevos que descrevem a vida de dom Bosco, e foram feitas pelo escultor Gianfranco Cerri.

¹²³ Editora das fotos: Vestcon – in: KERN, Iara; PIMENTEL, Ernani Figueiras – **Brasília Secreta – Enigma do Antigo Egito**. Brasília: Pórtico, 2000. p. 61.

III - IGREJINHA



Foto: Autor

A Igreja Nossa Senhora de Fátima¹²⁴ foi projetada por Oscar Niemeyer, sendo construída em 1958 a pedido de dona Sarah Kubtschek, mulher de JK¹²⁵. Sua arquitetura lembra um chapéu de freira. Os anjos e as estrelas dos azulejos, de Athos Bulcão, representam o Espírito Santo e a Estrela da Natividade. Hoje, a Igrejinha é tombada pelo Patrimônio Artístico e Histórico do Distrito Federal.

¹²⁴ Localização: Entrequadra 307/308 Sul.

¹²⁵ Conta os moradores mais antigos, os pioneiros, que uma das filhas de Dona Sarah, estava com uma doença não identificada e portanto os médicos não conseguiam cura-la. Para tanto, Dona Sarah, fez a promessa a Nossa Senhora de Fátima, se sua filha sarasse, ela construiria a Igrejinha para pagamento da promessa.

IV - MESQUITA DO CENTRO ISLÂMICO DO BRASIL



Foto: Autor

É a maior da América Latina, e a única mesquita existente em Brasília, com capacidade para mil pessoas, ocupando uma área de 2.800 m². Construída em autêntica arquitetura árabe, possui um minarete de 37 metros de altura – torre de onde o sacerdote chama os fiéis para as cinco orações diárias.

V - TEMPLO BUDISTA DA TERRA PURA



Foto: Autor

O Templo Budista¹²⁶ é exemplo de arquitetura tradicional japonesa; o templo é uma réplica do templo de Fukui, no Japão. A construção quebra o estilo moderno do Plano Piloto. O interior é todo dourado e dominado por uma estátua de Buda que domina o altar central, e um monge comanda as orações em trajes litúrgicos japoneses.

¹²⁶ Localização: Entrequadra 315/316 Sul.

VI - SEICHO-NO-IÊ



Foto: Autor

Outro exemplo de arquitetura religiosa japonesa. Um dos fundamentos da seita, fundada pelo mestre Masaharu Taniguchi, é a de que o homem é o filho perfeito de Deus. A Seicho-no-iê está no Brasil desde 1930, e em Brasília, desde o começo da sua construção¹²⁷.

¹²⁷ Localização: Entrequadra 403/404 Sul.

VII - CATEDRAL SANTA MAIRA DOS MILITARES, RAINHA DA PAZ



Foto: Autor

Um projeto de Oscar Niemeyer, tem o formato original de uma barraca de campanha. Durante visita feita a Brasília, em 1991, o papa João Paulo II abençoou a pedra fundamental da catedral, que ficou pronta em 1994¹²⁸.

¹²⁸ Localização: Eixo Monumental Oeste, na altura do Setor Militar Urbano.

VIII - ORATÓRIO DO SOLDADO



Foto: Autor

Um templo ecumênico construído pelo Exército Brasileiro para tender ao público militar¹²⁹. Nele, católicos, evangélicos e representantes de outras religiões podem realizar cultos em harmonia. Fica localizado no centro de um espelho d'água. A construção circular apoiada em pórticos de concreto completa o conjunto arquitetônico do Quartel General do Exército. No Oratório, respeita-se a religião de cada um como princípio básico para a paz.

¹²⁹ Localização: Setor Militar Urbano.

IX - COMUNHÃO ESPÍRITA



Foto: Autor

Voltada para o espiritismo kardecista, foi criada em 1961, logo após a inauguração de Brasília, mas a sede só foi concluída em 1964¹³⁰. Seus seguidores realizam trabalhos sociais em asilos e creches e prestam assistência a famílias de presidiários. Durante a semana, realizam sessões de passes, fazem atendimento individual e promovem cursos sobre a doutrina de Alan Kardec.

¹³⁰ Localização: Setor de Grandes Áreas Sul – L-2 Sul, Quadra 604.

X - ERMIDA DOM BOSCO

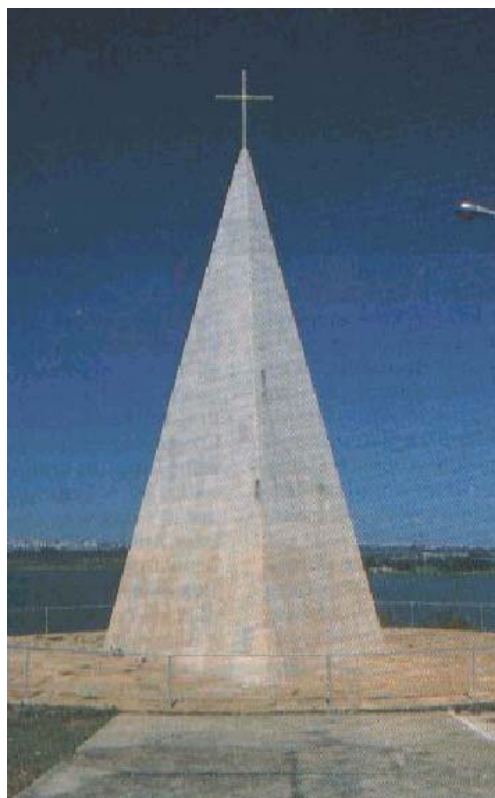


Foto: Rui Faquini ¹³¹

Capela em forma de pirâmide, a Ermida foi construída às margens do Lago Paranoá¹³² em homenagem ao santo italiano João Belchior Bosco, que previu, em 1883, o surgimento de uma nova civilização, “a terra prometida de onde emana o leite e o mel”. É um ponto de rara beleza, com uma visão privilegiada de toda a cidade. Hoje, a ermida faz parte de uma parque de preservação ecológica, com pista para ciclismo e caminhadas.

¹³¹ SEBRAE/DF – Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Distrito Federal – Turismo e Serviços – **Brasília Coração Brasileiro** – 2 ed, 1995. p. 121.

¹³² Localização: Estrada Parque Dom Bosco, QI 29 - Lago Sul.

XI - IGREJA MESSIÂNICA MUNDIAL



Foto: Autor

A arquitetura da sede central é em forma de tumba faraônica, toda em mármore branco. A igreja foi fundada em 1935 por Mokito Okada, também chamado de Meishu-Sama, e sua doutrina prega a purificação do homem pelo contato com a luz divina por meio do Johrei¹³³.

¹³³ Localização: entrequadra 315/316 Norte.

XII - TEMPLO DA ORDEM ROSA-CRUZ



Foto: Autor

A sede¹³⁴, em Brasília, de uma das mais antigas fraternidades do mundo é outro exemplo da arquitetura em forma de pirâmide. Os leões à frente do monumento completam o cenário egípcio. As cerimônias são em geral fechadas ao público, mas existem palestras e cursos de iniciação para os interessados.

¹³⁴ Localização: L-2 Norte, Quadra 607.

XIII - IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA



Foto: Autor

Um dos primeiros templos em forma de pirâmide da cidade. Construído em 1968, ele representa o tabernáculo do povo judeu, que é o símbolo do encontro entre Deus e o homem.

XIV - TEMPLO DA BOA VONTADE

Apesar da Catedral de Brasília ser reconhecida mundialmente por sua originalidade, o TBV é o monumento mais visitado da cidade, segundo dados da Secretaria de Turismo do Distrito Federal.



Foto: autor

O Templo da Boa Vontade, TBV, “uma viagem ao Terceiro Milênio”, como é definida em suas próprias publicações, é uma pirâmide branca de sete lados encimada por um cristal gigantesco, o maior já visto no centro-oeste, pesa 21 quilos, tem 40 centímetros de altura e está depositado no ápice da pirâmide. O complexo arquitetônico construído pela Legião da Boa Vontade, LBV, foi inaugurado em 1989. Desde então, tem permanecido aberto ao público ininterruptamente. É definido pela LBV, como um teto sob o qual os seres humanos e espirituais se sintam em paz. Ela singulariza, pioneiramente, o ideal de promover o ecumenismo¹³⁵ sem restrições, tendo como supremo objetivo confraternizar pessoas de todas as raças, filosofias, credos religiosos e também ateus e materialistas. O complexo, situado, privilegiadamente, no final da Asa Sul do Plano Piloto de Brasília, possui, além do Templo, uma Biblioteca e o Parlamundi, que, na prática, é um

¹³⁵ Diz-se do crente que manifesta disposição à convivência e diálogo com outras confissões religiosas.

grande e bem aparelhado centro de convenções cujas salas estão disponíveis para a realização de congressos e eventos do gênero.



Foto: Autor

Quanto ao espaço, a pirâmide é oca tem 21 metros de altura. Há na nave uma mesa com um vaso de vidro que guarda a água fluidificada pelo cristal que vem de um veio d'água subterrâneo, e alimenta uma fonte que brota no interior da nave¹³⁶ além de alguns bancos nas laterais. São sete os locais de visitação: a sala egípcia, o salão nobre, a galeria de arte, o Memorial Alziro Zarur, a loja de souvenirs, a nave principal e o ParlaMundi, também revestido de mármore branco.¹³⁷ Há também uma obra de arte que simboliza os quatro elementos da natureza – terra, fogo, ar e água – na qual se pode ler a inscrição “*Todo dia é dia de mudar seu destino*”. No topo há uma estrutura metálica cumprindo a dupla função de clarabóia e suporte do cristal; o piso possui duas espirais,

¹³⁶ Brasília – **Coração Brasileiro** – 2ª Ed.- 1995 – SEBRAE/DF.

¹³⁷ Folheto Turismo Místico – Brasília, Brasil – **Muito mais do que você imagina** – Secretaria de Turismo – GDF.

uma clara e outra escura, cujos centros coincidem com o da pirâmide. Normalmente, o visitante percorre descalço, lentamente a espiral preta rumo ao centro, meditando ou orando (a escolha é livre, por se tratar de um santuário ecumênico), e volta pela espiral branca, (“energizado”, “mais leve”, mais limpo”) terminando o trajeto em frente à obra de arte já mencionada.

Apesar da grande diversidade de grupos, de rituais, de doutrinas e de suas origens, há uma série de elementos, de significados ou de visões de mundo que são comuns, que transversalizam os diversos grupos.

Essa transversalidade de significados, de visões e de valores apresenta-se por trás da enorme diversidade de origem das doutrinas, das práticas e dos rituais, surgindo uma riqueza de coincidência de significados.

Trata-se, principalmente, das noções de carma e de reencarnação; da ênfase dada ao desenvolvimento da espiritualidade; da destituição da centralidade do Ego e do desejo; do desapego da materialidade e do mundo de ilusões que a caracterizam; do trabalho e do esforço de se encontrar, individualmente, o divino que estaria em toda e qualquer pessoa, holismo e ecumenismo.

XV - CIDADE ECLÉTICA



Foto: Rui Faquini ¹³⁸

Também conhecida como Fraternidade Eclética Espiritualista Universal, ela foi idealizada por Yokanaan, um médium espírita que pregava a unificação de todas as seitas. Foi construída em Santo Antônio do Descoberto em 1956 e seu culto divide-se entre missas e sessões de espiritismo. A comunidade de 1.500 pessoas é administrada por um prefeito, e as tarefas são divididas entre todos.

¹³⁸ SEBRAE/DF – Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Distrito Federal – Turismo e Serviços – **Brasília Coração Brasileiro** – 2 ed, 1995. p. 115.

XVI - CIDADE DA PAZ

Idealizada pelo educador Pierre Weil, a Cidade da Paz¹³⁹ abriga a Universidade Holística Internacional de Brasília ou Unipaz, cujo principal objetivo é contribuir para o crescimento pessoal e espiritual de cada cidadão. No local, são realizados estudos, terapias, cursos e conferências. Recebeu da ONU uma réplica do Sino da Paz, que foi produzido com a fusão de moedas e medalhas doadas pelos países membros numa grande campanha mundial pela paz. O sino tem sido distribuído pela ONU desde 1972. A Universidade também ganhou um prêmio da Unesco por seus esforços de educação para a paz.

XVII - O VALE DO AMANHECER

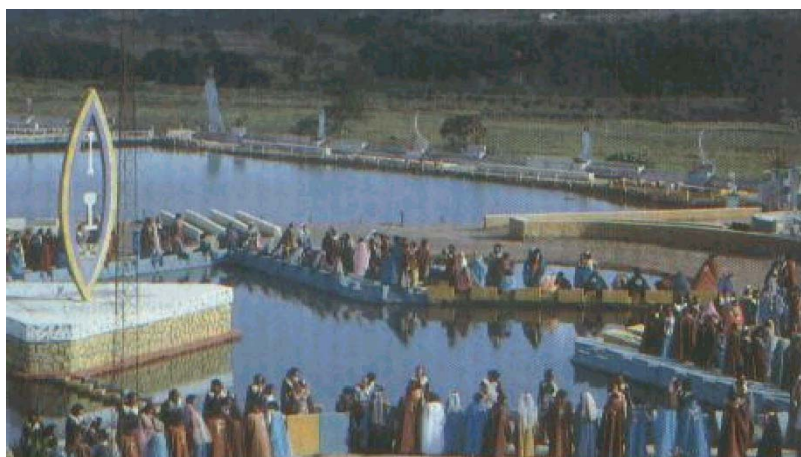


Foto: Internet

¹³⁹ Saída Sul, direção do Gama, Granja do Ipê, acesso pela BR-040, km 30.

O Vale do Amanhecer¹⁴⁰ é bastante procurado para visitação. Esta nova religiosidade surgiu junto com a cidade, em torno da liderança de Tia Neiva (Neiva Chaves Zelaya¹⁴¹).

O Vale do Amanhecer localiza-se a 40 Km do Plano Piloto, na zona rural de Planaltina, uma das cidades satélites da capital. Nela também vivem não adeptos.

O Vale do Amanhecer é identificado como centro religioso; trata-se de um arranjo espacial com atributos sagrados com ordenação cósmica, que atraí devotos e clientes da religião e, também, pela singularidade, o turista. (Rosendahl – 1996;1999; e Storck O. 1999; 136¹⁴²).

Há no Vale do Amanhecer três tipos de visitantes: a) adeptos, b) clientes (não adeptos, buscadores de cura ou de apoio espiritual); c) turistas¹⁴³. Os turistas têm um comportamento típico, passa o tempo da visita fotografando, filmando e fazendo perguntas. Geralmente são atraídos pela curiosidade e beleza estética da paisagem “sagrada”.

O poder atrativo dessa paisagem religiosa não se esgota e avança nos sistemas de símbolos, coerentes e articulados, propiciando ao adepto a possibilidade de estar num outro mundo de cosmos perfeito, afastando o caos.

¹⁴⁰ Localização: Cidade de Planaltina, acesso pela DF-230 e DF-130, a 42 km de Brasília.

¹⁴¹ Ex-caminhoneira, de formação católica, que começou a ter visões e contatos com os mortos, a partir de 1958.

¹⁴² Segundo STORCK, em um mês, no conjunto de Espaços Sagrados em torno do Templo, foi registrado aproximadamente um número de 3.000 turistas. Quartas, Sábados e Domingos, são os dias mais visitados. No dia primeiro de maio, data mais importante festa-ritual da cidade, cerca de 5.000 pessoas visitam a cidade. Segundo ainda , STORCK, somando-se os visitantes-adeptos, com os residentes-adeptos, nesta data reuni-se aproximadamente 12.000 pessoas.

¹⁴³ STORCK define os turistas como pessoas que visitam o Vale do Amanhecer em busca do exótico, e uma associação com o lazer. STORCK O. – **O poder de atração da paisagem religiosa Vale do Amanhecer sobre peregrinos religiosos e peregrinos de turismo**, in Espaço e Geografia – Departamento de Geografia, Brasília: Universidade de Brasília, 1999. 137 p.

SIQUEIRA¹⁴⁴, demonstra em seus estudos que há uma fronteira imperceptível quando se trata do turista-religioso. A religião tende a se conformar enquanto a religiosidade, num processo de secularização que implica seu próprio processo de psicologização e de recuperação da magia.

Esse processo de psicologização e de recuperação da magia, faz com que:

“a individualidade se desvaneça e é absorvida pelo oceano da divindade.....os padecimentos e a morte do indivíduo se tornam insignificantes trivialidades, fundamentalmente irreais comparados com a esmagadora realidade da experiência mística da união”.

BERGER¹⁴⁵

Neste termos,

“o turismo pode hoje, transformar.....a idéia de paraíso perdido numa forma terrena e atraente ao alcance de todos.....ressurge, assim, o turismo como um mago que, com poderes especiais, consegue promover o reencontro do indivíduo com o paraíso, e realiza, dessa forma, o antigo e acalentado desejo de voltar ao jardim do Éden, ao lugar da origem humana. O paraíso no universo do turismo não é mais um sonho impossível ou outra utopia fantástica, inventada no século XX”.

AOUN¹⁴⁶

¹⁴⁴ SIQUEIRA, Deis – **Curso de Especialização para Professores e Pesquisadores em Turismo e Hospitalidade** – Universidade de Brasília – Centro de Excelência em Turismo (CET). 20 p.

¹⁴⁵ BERGER, P., **O dossel sagrado. Elementos para uma teoria sociológica da religião**. Paulinas:São Paulo, 1985. 75p.

¹⁴⁶ AOUN, S. **A procura do paraíso no universo do turismo**. Campinas: Papirus, 2001. 116 p.

XVIII - PLANALTINA (DF)

O turista pode se surpreender ao visitar a secular cidade de Planaltina¹⁴⁷, cidade histórica. Conserva em suas ruas estreitas, centenários casarões que testemunharam, e, 1892 a passagem da Missão Cruls, encarregada de estudar a localização da nova capital do país. O local, na época chamado de Vila Mestre D'Armas devido a um armeiro que morou na região, era ponto de escoamento do ouro retirado de Goiás.

Batizada de Planaltina em 1917, a cidade assistiu, em 1922, ano do centenário da independência do Brasil – 7 de setembro, o lançamento da pedra fundamental da futura capital, no Morro do Centenário, pelo então presidente Epitácio Pessoa. O lançamento causou, na época, um surto de desenvolvimento na região. Atualmente, o local é um dos pontos turísticos da cidade, que já abriga cerca de 90 mil habitantes em uma área de 1.537,16 quilômetros. Planaltina foi incorporada ao Distrito Federal com a inauguração de Brasília.

Privilegiada em pontos turísticos, a região de Planaltina oferece ao visitante, atrações como a Lagoa Bonita, a Cachoeira do Pipiripau e o Vale do Amanhecer, uma das maiores comunidades místicas do país.

¹⁴⁷ No Distrito Federal, a 42 km do Plano Piloto, acesso pela DF-230 e DF-130, seguindo Saída Norte. É a mais antiga das regiões administrativas do Distrito Federal.

A mais importante reserva ambiental da América do Sul, a Estação Ecológica de Águas Emendadas¹⁴⁸, também se localiza próximo à cidade. Na área urbana, as maiores atrações são a Igreja de São Sebastião, a Igreja Matriz e o Museu Histórico e Artístico de Planaltina, que conserva a memória da cidade.

Os visitantes podem apreciar também festas tradicionais como a Folia do Divino, realizada no sétimo domingo após a Páscoa, e a Folia dos Santos Reis, no dia 6 de janeiro.

Sua festa mais importante é a da encenação da Via-Sacra no Morro da Capelinha, com cerca de 1.250 atores e figurantes, atraindo um público de cerca de 200 mil pessoas. É realizada todos os anos na Sexta-Feira da Paixão.

¹⁴⁸ Segundo os místicos-esotéricos, ali se concentram as energias cósmicas, para fazer brotar da terra, num mesmo vale, as fontes originais das águas que vão inserir-se nas três grandes bacias do continente latino-americano: a Bacia Amazônica através do Rio Tocantins, a Bacia do São Francisco através do Rio Grande e a Bacia do Prata pelas cabeceiras do rio Paraná: as imensas reservas das águas do Planeta em suas nascentes, numa só concha ou planície da terra, transbordando há milênios, energizando a terra. GIUSTINA, Osvaldo Della. Roteiro Místico para o Centro do Mundo. Palmas, Tocantins, 2003. p.17.

XIX - PIRENÓPOLIS (GO)



Foto: Juan Pratginestós ¹⁴⁹

Cidade histórica, foi fundada em 1725 pelos bandeirantes, durante o ciclo da mineração, com o nome de Minas de Nossa Senhora do Rosário de Meia Ponte, porque metade de sua ponte foi levada por uma enchente do Rio das almas. Passou a se chamar Pirenópolis em 1890, por estar entre duas grandes elevações que formam a Serra dos Pireneus. Em 1989, foi tombada pela Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico, para conservar seu traçado original, com casas coloniais e igrejas com mais de 200 anos. Cercada por vegetação abundante e cerca de 26 cachoeiras, a cidade possui muitos pontos turísticos. Um dos mais curiosos é a Fazenda Babilônia, a 26 quilômetros do centro, um exemplo autêntico de casa grande e engenho do século XVIII. Na cidade, os

¹⁴⁹ SEBRAE/DF – Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Distrito Federal – Turismo e Serviços – **Brasília Coração Brasileiro** – 2 ed, 1995. p. 147.

monumentos mais visitados são a Igreja Matriz, a mais antiga do estado de Goiás, construída entre 1728 e 1732; Igreja Nossa Senhora do Bonfim, de 1750; Igreja Nossa Senhora do Carmo, transformada em Museu das Artes Sacras, com suas imagens trazidas de Portugal; Teatro Pirenópolis, construído em 1899; e a Casa da Rua Direita, de 1852. No centro da cidade, o Rio das Almas oferece um bom local para banhos. Outro ponto procurado pelos turistas é o pico central dos Pireneus, a 18 quilômetros da cidade, com 1.385 metros de altura, e uma pequena ermida construída em seu topo, de onde se pode observar o panorama da região.



Foto: Juan Pratginestós¹⁵⁰

A tradicional Festa do Divino Espírito Santo, que acontece 45 dias após a Semana Santa, desde 1819, é considerada uma das maiores atrações folclóricas da América do Sul, com suas cavalcadas acompanhadas de cantos e músicas, revivendo a

¹⁵⁰ SEBRAE/DF – Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Distrito Federal – Turismo e Serviços – **Brasília Coração Brasileiro** – 2 ed, 1995. p. 128.

luta entre mouros e cristãos. Outras festas e feriados importantes são a data da emancipação da cidade, 10 de julho; a Romaria à Serra dos Pirineus, na primeira lua cheia de julho, e o aniversário da cidade, em 7 de outubro. A história da cidade faz parte dos tempos do ciclo do ouro da Província de Goyaz. Serviu de rota para contrabandistas, que, contrariando as determinações da Corte, não enviavam para São Paulo, o minério. Suas atrações são os edifícios históricos de arquitetura colonial, como a igreja matriz, as inúmeras e belas cachoeiras e as festas populares tradicionais¹⁵¹. Distante 168 km de Brasília, com acesso pela BR – 070, Pirenópolis possui cerca de 6.700 habitantes na área urbana e 22.700 na área rural.

¹⁵¹ Festa do Divino Espírito Santo: Acontece 45 dias após a Semana Santa. A festa, com suas cavalhadas, é considerada uma das maiores atrações folclóricas da América do Sul.

Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário: Construída entre 1728 e 1732, por escravos, é a igreja mais antiga de Goiás. Foi destruída por um incêndio e encontra-se em restauração.

XX - CIDADE DE GOIÁS (GO)



Foto: Rui Faquini – Brasil Central

Conhecida antigamente por Goiás Velho, localiza-se a 340 km de Brasília, com acesso pela BR – 070. A cidade permanece praticamente intocada há mais de 200 anos e se confunde com a própria história do estado¹⁵². A festa mais conhecida é a Procissão do Fogaréu, na quarta-feira da Semana Santa.

¹⁵² Igreja Boa Morte: Esse é o nome de uma das mais importantes igrejas de Goiás, tanto que é dela que toda quarta-feira de trevas da Semana Santa sai a famosa Procissão do Fogaréu, a manifestação folclórica mais importante da cidade. Concluída em 1779, ela é o único edifício da antiga capital que apresenta elementos característicos do barroco. Atualmente, abriga o Museu de Arte Sacra da Boa Morte, com um acervo que inclui peças de origem portuguesa, coroas, cálices, castiçais, tocheiros e lampadários dos séculos XVIII e XIX.

Igreja de Santa Bárbara: Construída de 1775 a 1780, a igreja é extremamente simples, mas oferece uma das mais belas vistas da cidade de Goiás, antiga capital do estado. Para chegar até seu mirante é preciso ter fôlego para subir a escadaria de 52 degraus.

Igreja São Francisco de Assis: Foi a terceira a ser construída na antiga capital do estado, tendo sido concluída em 1761. O aspecto mais interessante da obra são as pinturas da nave e da capela-mor, feitas por André Antônio da Conceição, em 1869.

XXI - CORUMBÁ DE GOIÁS (GO)

Terra de dois grandes escritores nacionais – Bernardo Elis e J.J. Veiga -, a histórica Corumbá de Goiás foi fundada em 1774, durante o ciclo da mineração, quando os bandeirantes descobriram ouro na região. Emancipada em 1875, como vila, elevada à categoria de cidade em 1902, Corumbá de Goiás foi construída no sopé dos Pireneus, ponto de atração de comunidades e grupos místicos, e possui, além da beleza da paisagem, antigas construções coloniais que dão um encanto especial à cidade.

Com uma população urbana de cerca de nove mil habitantes e aproximadamente 20 mil na área rural, Corumbá oferece atrações turísticas importantes aos visitantes: o Salto do Corumbá, a 10 quilômetros da cidade, onde o rio desce de uma parede de pedra de 50 metros de altura, formando várias piscinas naturais; e o Pico dos Pireneus, entre Corumbá e Pirenópolis. No município está, ainda, o maior lago subterrâneo do mundo, localizado na Caverna dos Ecos, a uma profundidade de 142 metros.

Corumbá é, também, uma das raras cidades brasileiras que contam com uma banda de música tradicional. Com um acervo de mais de 700 peças musicais, a maior parte de músicos da cidade, a Corporação Musical 13 de maio foi fundada em 1890, é composta por 32 músicos e já recebeu prêmios nacionais. As principais festas da cidade são a de São Sebastião, em 20 de janeiro, com leilão de gado; a festa do Divino Espírito Santo, 45 dias após a quaresma, com folias e catiras; a Semana Santa, com procissões; o

aniversário da cidade, em 9 de julho; e a festa de Nossa Senhora da Penha¹⁵³, padroeira das cavalhadas de Goiás, em 8 de setembro, com apresentação de grupos folclóricos.

Corumbá fica a 150 quilômetros de Brasília, com acesso pela Via Estrutural e BR 024.

XXII - LUZIÂNIA (GO)



Foto: Alexandre Magno¹⁵⁴

Fundada em 1746 pelo bandeirante Antônio Bueno de Azeveno, às margens do rio São Bartolomeu, onde ele encontrou ouro, montou acampamento e ergueu uma

¹⁵³ Igreja Matriz de Nossa Senhora da Penha: Construída em 1751, é um dos mais antigos patrimônios de Goiás. O templo é uma relíquia do século XVIII, quando os numerosos garimpos de Corumbá forneciam ouro para a coroa portuguesa. Bem conservada e considerada um dos pilares da história da cidade, a igreja guarda em seu interior imagens barrocas e neoclássicas de beleza impressionante, em sua maioria trazidas da Europa.

¹⁵⁴ SEBRAE/DF – Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Distrito Federal – Turismo e Serviços – **Brasília Coração Brasileiro** – 2 ed, 1995. p. 146.

cruz em homenagem a Santa Luzia, Luziânia foi transformada em cidade em 1943. Hoje, suas construções coloniais, que somam mais de cem casarões¹⁵⁵ e uma igreja do século XVIII, representam importantes atrações turísticas. A cidade tem 174 mil habitantes e tem acesso pela BR 040, a 60 km de Brasília, pela Saída Sul. Mantém as tradições religiosas, com as festas da Folia e da Alvorada. Suas duas principais igrejas¹⁵⁶ foram construídas para atender aos senhores e aos escravos.

¹⁵⁵ Instalado em um desses casarões, o restaurante Antigamente tornou-se o local mais procurado pelos visitantes, pela qualidade de sua comida e pelo ambiente típico. Fica na Rua do Rosário, 329.

¹⁵⁶ Igreja Matriz: A Igreja da Matriz começou a ser construída em 1º de maio de 1765 e a obra durou até 1772. Para tal evento, participaram mais de 200 pessoas da região, entre elas o bandeirante Antônio Bueno de Azevedo. Essa Igreja foi erguida com o propósito de atender à população branca.

Igreja do Rosário: A Igreja do Rosário teve sua construção iniciada em 2 de junho de 1769. Foi construída para a população negra com o objetivo de evitar revoltas possíveis, incentivando a manifestação religiosa dos negros. Essa igreja é a que mais mexe com a curiosidade dos moradores e visitantes por causa de lendas que dizem que há ou havia outro debaixo dela – não se sabe se era ouro enterrado pelos escravos ou se era ouro não garimpado -, além de existirem restos mortais de escravos.

Festa da Circuncisão: A Festa da Circuncisão foi instituída pela primeira vez em 1775. Foi realizada na alvorada do dia 1º de janeiro quando a Irmandade do Rosário levou a imagem de Jesus da Igreja do Rosário, passou pela Igreja da Matriz – onde foi celebrada missa -, percorreu todas as casas do arraial e retornou ao ponto de saída. O festejo comemora a circuncisão de Jesus Cristo e realiza-se sempre no primeiro dia do ano.

Folia de Alvorada: Realizada no meio rural, os foliões procuram sair em grupo de 12 pessoas simbolizando os 12 apóstolos da Bíblia. Esse grupo tem a função de arrecadar fundos para a Igreja da Matriz e de pregar a doutrina da Igreja Católica pela reza e pelo canto. Os foliões saem a cavalo pelas fazendas, efetuando o “giro” e levando consigo a bandeira do Divino Espírito santo – vermelha com um pombo branco desenhado ao centro – e instrumentos (viola, violão e caixa), além de objetos pessoais. Realiza-se sempre no primeiro dia do ano.

11. 1 - OUTROS LUGARES COMPLETAM O CONCEITO MÍSTICO DE BRASÍLIA

I – PLANETÁRIO

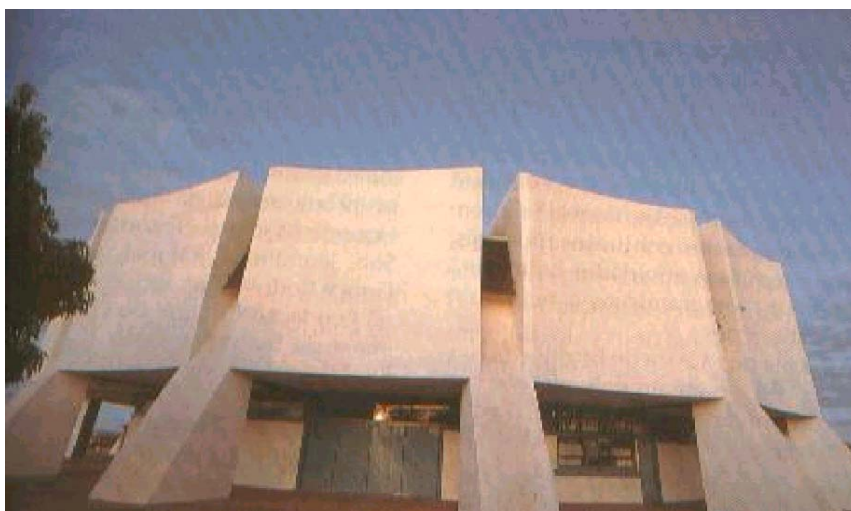


Foto: Juan Pratginestós¹⁵⁷

Projetado pelo arquiteto Sérgio Bernardes, o Planetário¹⁵⁸ tem a aparência de um disco voador pousado sobre o gramado do Eixo Monumental. Sua ampla sala redonda, com 140 poltronas anatômicas e reclináveis, oferece o ângulo necessário para a visualização do espetáculo projetado no teto.

Em sua cúpula de alumínio, medindo 12,5 metros de diâmetro e construída de modo a reproduzir a abóbada celeste, são projetadas as imagens da Via Láctea, das nuvens de Magalhães, dos 18 cúmulos estelares, do Sistema Solar, da lua, etc. O

¹⁵⁷ SEBRAE/DF – Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Distrito Federal – Turismo e Serviços – **Brasília Coração Brasileiro** – 2 ed, 1995. p. 99.

¹⁵⁸ Localização: Setor de Divulgação Cultural – Eixo Monumental.

Planetário pode, também, reconstituir o céu de Jerusalém de dois mil anos atrás, na época de Jesus Cristo, bem como projetar o céu do ano 2050.

II - MUSEUS

Catetinho, Espaço Lúcio Costa, Memorial Assis Chateaubriand, Memorial JK, Museu da Academia Nacional de Polícia, Museus da Caixa Econômica Federal, Museu da Farmácia, Museu da Fundação Nacional de Saúde, Museu da Imprensa Nacional, Museu de Anatomia Humana da UnB, Museu de Armas do Distrito Federal, Museu de Arte de Brasília, Museu de Drogas da Polícia Civil do DF, Museu de Geociências da Universidade de Brasília, Museu de Valores do Banco Central, Museu do Senado Federal, Museu do Supremo Tribunal Federal, Museu Etnográfico Antrophos do Brasil, Museu Histórico de Brasília, Museu Histórico e Artístico de Planaltina, Museu Postal e Telegráfico da ECT e Museu Vivo da Memória Candanga.

11.2 - ALÉM DA FRONTEIRA

Abadiânia, Água Fria (antigo distrito de Planaltina de Goiás), Alexânia, Cabeceiras, Cristalina, Formosa, Mimoso, Padre Bernado, Santo Antônio do Descoberto,

Unai, Alto Paraíso de Goiás com a beleza surpreendente da Chapada dos Veadeiros¹⁵⁹, e também São Domingos, o maior sistema de cavernas do Brasil.

Os lugares de monumentos naturais são na verdade grandes imãs de comunidades místicas-esotéricas. Acrescenta-se então, ao roteiro aqui proposto, as cachoeiras Saia Velha¹⁶⁰, Cachoeira e Gruta Rio do Sal¹⁶¹, do Arrojado¹⁶². Gruta do Tamboril, Lagoa Feia, Lagoa Formosa, Linda Serra dos Topázios¹⁶³, Painéis Rupestres da Serra do Bisnau¹⁶⁴, Pedra do Chapéu do Sol¹⁶⁵, Salto do Corumbá, Salto do Itiquira, Lagoa Bonita ou Mestre D'Armas¹⁶⁶, Lago e Barragem do Paranoá, Morro do Cemitério¹⁶⁷, Mumunhas¹⁶⁸, Pipiripau, Poço Azul¹⁶⁹, Salto do Tororó.

¹⁵⁹ A Chapada dos Veadeiros localiza-se numa região de indescritível beleza, formada por extensas chapadas e uma farta rede hidrográfica, que oferecem um número surpreendente de cachoeiras e de poços de águas cristalinas, excelentes para banhos. O parque é supervisionado pelo Ibama e possui temperatura média anual entre 24 e 26°, uma vegetação rica e diversificada, marcada por extensas veredas de buritis, matas ciliares, árvores de grande porte e plantas típicas de campos de altitude, como as bromélias, orquídeas e sempre-vivas. Uma trilha de cerca de 5 quilômetros leva os visitantes aos *canyons* e à Cachoeira das Cariocas. Entre as cachoeiras mais conhecidas estão, ainda, as de João de Melo, Almácegas e Pequizeiro. Outra grande atração é o Poço de Água Quente, com temperatura em torno de 33°.

¹⁶⁰ Localização: 35 quilômetros de Brasília, com acesso pela BR 040, até o monumento Solarius.

¹⁶¹ O rio forma várias quedas, que variam de seis a 12 metros de altura. A gruta possui várias galerias e salas cobertas de estalactites de cores impressionantes, e um grande salão com cerca de 15 metros de largura a 30 de profundidade. Fica perto de Brazlândia, a 68 quilômetros do Plano Piloto. O acesso é pela DF 002 e 003 e BR 070.

¹⁶² Cachoeira em semicírculo, com 10 metros de altura e 50 metros de comprimento, forma da pelo Ribeirão do Arrojado. Localizada no município de Cristalina, Goiás. Acesso pela BR 040.

¹⁶³ Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN), com diploma do Ibama e apoio da Fundação Pró-Natureza (FUNATURA). Considerada um paraíso energético na região dos cristais, fica a 11 quilômetros de Cristalina e a 100 de Brasília.

¹⁶⁴ São rochas que, por sua posição inclinada, favoreceram a conservação das pinturas rupestres em baixo relevo, peças importantes do acervo arqueológico do país. Suas composições, esculpidas sobre um fundo ocre, são mandalas, estrelas e símbolos criptográficos. Acesso pela BR 020 a 120 quilômetros de Brasília – município de Formosa.

¹⁶⁵ É um grande bloco de pedra granítica, equilibrado sobre outro bloco, com inclinação de 30 graus em relação ao solo, e cujo nome originou-se da semelhança com um chapéu. Município de Cristalina, Goiás, a 150 quilômetros de Brasília.

¹⁶⁶ É a única lagoa natural do Distrito Federal. Tem valor histórico, por ter marcado a passagem da Missão Cruls, em 1892. Fica a seis quilômetros de Planaltina e a 39 do Plano Piloto. Acesso pela BR 020, saída norte, até a intersecção com a DF 13.

¹⁶⁷ Sua maior atração é a Pedra Fundamental, lançada em 1922, ano do Centenário da Independência do país, como um marco da mudança da capital para o Planalto Central, e hoje tombada pelo Patrimônio Histórico Nacional. Situado entre os rios Bartolomeu e Sobradinho, o seu acesso é pela BR 020, 10 quilômetros de Planaltina e a 50 quilômetros do Plano Piloto.

¹⁶⁸ Localiza-se a noroeste do DF, na APA da Cafuringa. É formada por cursos de águas límpidas que correm sobre lajeados e degraus de pedra, criando seis cachoeiras, um salto, dois poços e diversas piscinas e duchas naturais. Fica na Chapada da Vendinha, a 44 quilômetros do Plano Piloto.

CONCLUSÃO

O turismo de hoje constitui um fenômeno eminente do século XX. Constatase então, que no decorrer da história as viagens sempre acompanharam o homem que na busca da própria sobrevivência: alimentação e vestimenta, expandiu-se pela fé, e alcançou o conhecimento e como prêmio teve o lazer. A tudo isso, denominou-se turismo.

As viagens constituíam uma atividade enriquecedora, propiciando trocas culturais entre os diferentes povos: gregos, chineses, egípcios, romanos. Os exemplos do enriquecimento das viagens são numerosos.

Não apenas as atividades consideradas como integrantes do setor (hotelaria, agências de viagens, bares e restaurantes, casas de espetáculo e diversão noturnas, parques temáticos, entre tantas outras) se beneficiam do desenvolvimento do turismo.

O governo, gestor do orçamento público e responsável pelas ações provedoras da infra-estrutura necessária ao funcionamento social, deve participar, em igualdade de condições com os demais integrantes, na definição das medidas a serem adotadas. O Plano Nacional de Turismo, adotado no atual governo de Luiz Inácio Lula da Silva, aponta para construir, transformar e gerir o desenvolvimento do turismo, defrontando-se com novas concepções, na incessante busca da qualidade, mostrando que o turismo é de fato um instrumento de organização e valorização da sociedade, além de articular interesses econômicos.

¹⁶⁹ O rio que percorre a Chapada da Vendinha rompe uma rocha de quartzo e forma um grande poço de águas límpidas e azuladas, cascatas, corredeiras, cachoeiras e uma caverna inundada pelas águas.

O turismo pode amenizar a atual necessidade de criar empregos, fazendo com que se gerem divisas para o país, e assim reduzir as desigualdades regionais e distribuir melhor a renda, por meio da regionalização, interiorização e segmentação da atividade turística. Essas questões são eminentes na sociedade brasileira.

O Brasil indubitavelmente é um lugar único pela sua riqueza natural, cultural, econômica e histórica. O Brasil é o espaço maravilha com inúmeros atrativos turísticos, praias, florestas, montanhas, rios, festivais, culinária diferenciada, parques nacionais, cidades históricas e a tradicional hospitalidade brasileira – essa diversidade é o instrumento principal de sua potencialização do turismo, que somado ao traço marcante de receber, ao crescimento econômico, à posição estratégica do país no continente americano, torna-se um ponto nodal de atração de eventos, caracterizando o Brasil como um país especial em oferecer múltiplas possibilidades de viagens.

Para a economia o setor de turismo é visto com diferenciação, pois para criar postos de trabalho, exige menor vulto de investimentos se comparados com outros setores de atividade econômica. O turismo processa a qualificação dos recursos humanos, pois a impossibilidade da substituição da prestação de serviços por máquinas e equipamentos, faz do Turismo um setor fundamental para o desenvolvimento de toda uma sociedade.

Quando se concretizam esses investimentos no turismo, estabelecem-se compromissos e metas a serem alcançadas, o turismo torna-se uma estratégia governamental e passa a integrar-se a macroestratégias de governo na intenção de cumprimento de papel fundamental no desenvolvimento econômico e na redução das desigualdades sociais.

Mas se todos de uma sociedade passar a ver o turismo como fator de integração de objetivos, otimização de recursos, na junção de esforços para incrementar a qualidade e a competitividade, aumentará a oferta de produtos brasileiros no mercado nacional e internacional. Desta maneira, o turismo ampliará as oportunidades e a utilização sustentável dos recursos naturais e culturais, proporcionando um desenvolvimento conseqüente e equilibrado em todo o território nacional.

O turismo pode ser visto como uma questão de esforços na intenção de eliminar obstáculos. E assim, o turismo leva a pensar no futuro, olhar para frente e construir o que deverá ser esta atividade nos anos vindouros.

A partir do reconhecimento do Turismo como atividade econômica relevante, com base em um pensamento estratégico, planejamento, análise, pesquisa e informações consistentes, o resultado é uma sociedade fortalecida economicamente, com maior cidadania e integração social.

Em se tratando de ações governamentais, o Turismo abre com boas perspectivas diante dos propósitos colocados pelo novo Ministério do Turismo, reavivando o entusiasmo e espírito de determinação, resumidos estes no Plano Nacional do Turismo que vem com a intenção de eliminar a falta de articulações entre os setores governamentais, as quais fazem com que os recursos destinados ao setor se percam em ações que se sobrepõem ou que não estão direcionadas a objetivos comuns. A falta de articulação também se faz presente entre o setor público e privado.

Por meio do turismo é possível contribuir para o desenvolvimento do país gerando um amplo processo de mudanças que envolvem o cidadão, o Estado e o setor

produtivo. Nessa harmonização de forças é possível o crescimento do mercado, dos campos econômico-sociais, políticos e ambientais, e por fim a distribuição de riquezas.

O aumento da competitividade do setor, o seu impacto na melhoria das condições de vida da população, a descentralização das decisões e o respeito ao meio ambiente, são pilares para a construção de um novo padrão de desenvolvimento, no qual todas as regiões possam crescer de forma integrada. Assim surgirá um Brasil melhor, guiado por princípios universais da ética.

Por permitir o turismo vários enfoques, é possível a sua atualização de peregrinação, ocorrendo uma interseção entre peregrinação e turismo nas estruturas de valores e sentidos, o que torna a fronteira entre estes fluidas e indefinidas, produzindo a partir daí, um outro evento, o turismo religioso, ou peregrinação turística.

O turismo religioso ou peregrinação turística busca a separação do tempo de trabalho e do tempo livre, revelando assim, a necessidade de criar mecanismos materiais, simbólicos e ideológicos para ocupar, o último com lazer. Essa partição é recente, do ponto de vista da história da humanidade.

Desde a década de 1970 a viagem lúdica, de férias, recreacional é vista como viagem turística. A peregrinação não exclui o turismo, pelo contrário, caracteriza-o, dado que um local de romaria ou peregrinação vai se transformando em receptivo turístico na medida que o processo de modernização avança, criando condições e serviços, e as representações sociais e simbólicas do turismo, passam a dar a sustentação necessária.

A visita ao templo, o pagar a promessa, a viagem para a realização de um milagre, da devoção, transformam-se em turismo. Sendo admitido, depois deste trabalho,

o sentido contrário, posto que, na viagem, rompe-se com o cotidiano, buscando algo que transcenda no sagrado, numinoso, misterioso, integração com o todo – experiência holística. Na situação do buscador de novas religiosidades, trata-se de uma forma mais harmônica, integrada com a natureza e com o todo.

É importante lembrar que tanto na peregrinação quanto no turismo, é permitido a experiência de enfrentar o estranho, o distanciamento crítico em relação aos valores, regras, práticas, papéis que norteiam o cotidiano.

Na Capital Federal e região, que nasce sob o manto do mito místico e da modernidade, observa-se o crescimento das novas religiosidades e amplificação da sociedade envolvente destas, com seus valores, significados, simultaneamente, o turismo, e os elementos que constituem este, transversalizam a interseção. E os adeptos ou freqüentadores das novas religiosidades ou grupos místicos-esotéricos são identificados como buscadores de maior vitalidade, de experiências emocionais, de desenvolvimento das potencialidades individuais, de experiências pessoais e interiores e de caminhos da subjetividade emocional. O campo é caracterizado por uma sacralidade não religiosa, pela exploração de sentido, provisoriedade, fluidez das práticas e crenças e pelo trânsito entre tradições; pelo experimentalismo emocional e cultural. Pelos efeitos especiais de breve duração. Religião do mercado sem fronteiras.

Daí, a conexão turismo-religiosidade é nodal para se refletir as mudanças culturais na sociedade moderna. Constroem-se e se reconstroem práticas, valores, representações, a partir da expansão dos símbolos, dos signos e da materialidade (instalações e serviços) da modernidade.

Finalizando, é parte da condição humana a busca pelo sagrado, numinoso, misteriosos, ou divino, transcendendo o cotidiano, ou o profano. As manifestações das realidades sagradas ou sacralizadas sempre tiveram sua especificidade em cada religião, e estas, são geralmente orientadas por uma vivência orientada por uma força cósmica que ordena, um território, um espaço e um tempo qualitativamente diferentes. Transcendentais. E isto é tão antigo quanto à condição humana, reafirmando o privilégio da interseção turismo e religiosidade.

Explorar o potencial turístico é hoje uma máxima que se impõe a Brasília, cidade que reúne condições ideais para crescer a partir do desenvolvimento desta atividade. São muitas as possibilidades que se abrem para incrementar a visitação na capital do país, mas sem dúvida alguma, a mais interessante e como diferencial de outras capitais, é Turismo Místico e Religioso.

Em todas as vertentes do turismo, Brasília apresenta potencial para consolidar roteiros interessantes que atraiam não apenas os visitantes internos como também os do exterior. A capital brasileira, construída por JK e planejada por Niemeyer e Lúcio Costa, já conquistou o mundo com sua imagem de cidade moderna, de arquitetura arrojada, com grandes espaços verdes e um céu esplendoroso. E agora, desbrava um perfil místico-religioso.

As características privilegiadas podem transformar Brasília num grande pólo de atração para estudantes e profissionais de todas as partes do mundo.

A intensa integração social e econômica entre Brasília e as cidades limítrofes com o Distrito Federal é de importância vital para o desenvolvimento tanto turístico quanto

econômico. Os municípios do Entorno recebem, atualmente, a influência do crescimento acelerado de Brasília, que superou as expectativas dos planejadores na década de 50 e, hoje, abre novas perspectivas de desenvolvimento para a região Centro-Oeste e para o país. Na verdade, na busca pela melhor qualidade de vida, surge um novo estilo de vida que acompanha um processo de privatização da fé ou da religião da modernidade.

A capital e o planalto central do Brasil constituem-se, portanto, em local privilegiado, laboratório vivo de experimentações, religiões e religiosidades de todas as origens, matizes e combinações, tornando-se um múltiplo atrativo, desembocando no turismo religioso, quanto para o arquitetônico e cívico.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, J.V. **Turismo: Fundamentos e Dimensões**. 2 ed., Ática: São Paulo, 1998.

AOUN, S. **A procura do paraíso no universo do turismo**. Campinas: Papirus, 2001.

BARBOSA, Ycarim. **O Despertar do Turismo - Um olhar crítico sobre os não-lugares**. Papirus: Campinas, 2002.

_____. **Turismo: competitividade sustentável**. Verbo Editorial: Lisboa, 1997.

BARRETO, M. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. 7 ed., Papirus: Campinas, 1985.

BERGER, P., **O dossel sagrado. Elementos para uma teoria sociológica da religião**. Paulinas: São Paulo, 1985.

BERMUDEZ, Fernandez. **História, Cultura e Turismo**, 1997. Disponível em: www.abih.com.br/principal/historia-php >. Acesso em: 11 nov. 2003.

BINGEMER, Maria Clara. **O sistema ritual iurdiano**. O impacto da modernidade sobre a religião. UERJ: Rio de Janeiro, 1998.

BOITEUX, Bayard. **Ética no Turismo**. Disponível em: < www.estudosturisticos.com.br. > Acesso em: 23 nov. 2003.

BRASÍLIA CONVENTION & VISITORS BUREAU. Turismo. Jornal Correio Braziliense. Caderno de Economia. Brasília. set., 2003.

BRASÍLIA TOURIST GUIDE, 2003/2004.

BRITO, R.F. – **Turismo e misticismo em Brasília** – Dissertação de Mestrado, Pós-graduação em Geografia, Brasília: Universidade de Brasília, 2002.

CÓDIGO MUNDIAL DE ÉTICA DO TURISMO

COHEN, E. – **A sociologia do turismo** – Jerusalém: *The Hebrew University*, 1983.

EMBRATUR. **O turismo como atividade estratégica**. Brasília, 2000.

FEIFER, Alberto. **Carta Internacional** – Fundação Alexandre Gusmão. nº 82, ano VII – Política Internacional. São Paulo, 1986.

Folheto Turismo Místico – Brasília, Brasil – **Muito mais do que você imagina** – Secretaria de Turismo – GDF.

GAMA, James. **O setor de turismo**. Disponível em: <www.Semarth.df.gov.br/site/cap13/06.htm>. Acesso em: 07 out. 2003.

GIUSTINA, Osvaldo Della. **Roteiro Místico para o Centro do Mundo**. Palmas: Tocantins, 2003.

GÓIS, Fernando – **Bahiatursa** - Disponível em: < www.estudosturisticos.com.br > Acesso em: 18 out. 2003.

WALKER, John R. **Introdução à Hospitalidade**. 2ª ed. São Paulo: Manole, 2002.

KERN, Iara e PIMENTEL, Ernani Figueiras - **Brasília Secreta – Enigma do Antigo Egito** – Editora Pórtico – Brasília, 2000.

LAGE & MILONE. **Turismo: teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 2000.

LOPES, Ataíde Rodrigues. **O ABC do Turismo**. Noções Básicas. Brasília, 1994.

MACCANNEL, Dean. **Stage authenticity: arregaments of social space in tourist settings**. *American Journal of Sociology*, n. 79, 1973.

_____. **The tourist: a new theory of leisure class**. New York: Schocken Books, 1976.

MCINTOSH, **O valor turístico define a economia**. Revista Turismo 1975. Disponível em: < <http://revistaturismo.cidadeinternet.com.br/artigos/valortur.html>> Acesso em: 16 out. 2003.

MELLO, Cristina. **Desenvolvimento Local e Turismo – Busca de modos de turismo alternativo**, 1989. Disponível em: < www.unesco.org/most/tarrafal.pdf> . Acesso em: 24 set. 2003.

MESQUITA, Manuel Henrique. **Direito do Turismo** - Enciclopédia Verbo da Sociedade e do Estado, 4.º Vol., cols. 1427-1433: Verbo: Lisboa, 1986.

MOESCH, M.M. **A produção do saber turístico**. Contexto : São Paulo, 2000.

NOVAES, M.H. **Turismo religioso; Turismo: segmentação de mercado** – São Paulo: Futura, 1999.

PAIVA, M. – **Sociologia do Turismo** – 3 ed.,Papirus: Campinas, 1999.

PARKER, C – **Globalização e religião: o caso chileno** – in Globalização e religião, Oro, Ari Pedro e Steil, Carlos Aberto (org.), Vozes: Petrópolis, 1997.

PLANO NACIONAL DO TURISMO – Diretrizes, Metas e Programas – 2003 – 2007.
Ministério do Turismo: Brasília, 2003 .

PRANDI, R. – **A religião do planeta global**, in Oro, Ari Pedro e Steil, Carlos Alberto (org.), Petrópolis: Vozes, 1997.

RICHTER e FIEGL – **Brasília 60 Colorfotos**. [19__]

RIFKIN, Jeremy. **Turismo em Análise**. v. 12, nº. 1, ECA - Escola de Comunicações e Artes da USP: São Paulo, mai/2001.

ROSENDAHL, Z. – **Hierópolis: o sagrado e o urbano** – Universidade Estadual do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 1999.

RUSCHMANN, Dóris. **Turismo e planejamento sustentável**. Papirus: Campinas, 1997.

SANCHIS, P. **O campo religioso contemporâneo no Brasil**, in Globalização e religião, Oro, Ari Pedro e Steil, Carlos Alberto (org), Petrópolis: Vozes, 1997.

SEBRAE/DF – Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Distrito Federal – **Turismo e Serviços – Brasília Coração Brasileiro** – 2 ed, 1995.

SIQUEIRA, Deis. **As Novas Religiosidades no Ocidente**. Brasília, Cidade Mística. Universidade de Brasília: Brasília, 2003.

A labiríntica busca religiosa na atualidade: crenças e práticas místico-esotéricas na capital do Brasil. Série Sociológica, nº 185. Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília: Brasília, 2001.

_____ **Curso de Especialização para Professores e Pesquisadores em Turismo e Hospitalidade** – Universidade de Brasília – Centro de Excelência em Turismo (CET).[19__].

STEIL, C. A. – **Peregrinação e turismo: o Natal em Gramado e Canela** – 22ª Reunião da ANPOCS, GT – Religião e Sociedade, 1998.

STORCK O. – **O poder de atração da paisagem religiosa Vale do Amanhecer sobre peregrinos religiosos e peregrinos de turismo**, in Espaço e Geografia – Departamento de Geografia, Brasília: Universidade de Brasília, 1999.

WALKER, John R. **Introdução à hospitalidade**. Manole: São Paulo, 2002.

WITHEY, 1997. Disponível em: < www.ccei.urcamp.tche.br/disserta/disserta1_lunelli.pdf >
Acesso em: 17 out. 2003.

THEOBALD, William F. (org.) **Turismo Global**. Ed SENAC: São Paulo, 2001.

_____ **Crítica da estética da mercadoria**. UNESP: São Paulo, 1997.

URBAIN. **Teoria econômica do turismo**. (org) Universidade Federal do Paraná, 1993.

ANEXOS

ANEXO I

CÓDIGO MUNDIAL DE ÉTICA DO TURISMO

Artigo 1

Contribuição do Turismo para a compreensão e respeito mútuo entre homens e sociedades

1. A compreensão e a promoção dos valores éticos comuns à humanidade, num espírito de tolerância e de respeito pela diversidade das crenças religiosas, filosóficas e morais, são ao mesmo tempo fundamento e consequência de um turismo responsável; os atores do desenvolvimento turístico e os próprios turistas devem ter em conta as tradições ou práticas sociais e culturais de todos os povos, incluindo as das minorias e populações autóctones, reconhecendo a sua riqueza;
2. As atividades turísticas devem conduzir-se em harmonia com as especificidades e tradições das regiões e países de acolhimento, e observando as suas leis, usos e costumes;
3. As comunidades de acolhimento por um lado, e os atores profissionais locais por outro, devem aprender a conhecer e respeitar os turistas que os visitam, e informar-se sobre os seus modos de vida, gostos e expectativas; a educação e formação ministradas aos profissionais contribuem para um acolhimento hospitaleiro;
4. As autoridades públicas têm por missão assegurar a proteção dos turistas e visitantes, bem como dos seus bens; devem conceder especial atenção à segurança dos turistas estrangeiros, por causa da particular vulnerabilidade que pode ser a sua; põem à sua disposição meios específicos de informação, de prevenção, de proteção, de seguros e de assistência, correspondendo às necessidades deles; os atentados, agressões, raptos ou ameaças visando os turistas e os trabalhadores da indústria turística, bem como as destruições voluntárias de instalações turísticas ou de elementos do património cultural ou natural, devem ser severamente condenadas e reprimidas em conformidade com as respectivas legislações nacionais;
5. Os turistas e visitantes devem evitar, quando das suas deslocações, praticar todo o ato criminoso ou considerado delituoso pelas leis do país visitado, e todo o comportamento considerado chocante ou que fira as populações locais, ou ainda

susceptível de atentar contra o meio ambiente local; devem abster-se de todo o tráfico de droga, armas, antiguidades, espécies protegidas, bem como de produtos ou substâncias perigosas ou proibidas pelas regulamentações nacionais;

6. Os turistas e visitantes têm a responsabilidade de procurar informar-se, antes mesmo da sua partida, sobre as características dos países que se aprestam a visitar; devem ter consciência dos riscos em matéria de saúde e segurança inerentes a toda a deslocação para fora do seu meio habitual, e comportar-se de maneira a minimizar esses riscos.

Artigo 2

O turismo, vetor de desenvolvimento individual e coletivo

1. O turismo, atividade a maior parte das vezes associada ao repouso, à descontração, ao desporto, ao acesso à cultura e à natureza, deve ser concebido e praticado como meio privilegiado de desenvolvimento individual e coletivo; praticado com a necessária abertura de espírito, constitui um fator insubstituível de auto-educação, de tolerância mútua e de aprendizagem das diferenças legítimas entre povos e culturas, e da sua diversidade;

2. As atividades turísticas devem respeitar a igualdade entre homens e mulheres; devem tender a promover os direitos do homem e, especialmente, os particulares direitos dos grupos mais vulneráveis, nomeadamente as crianças, os idosos ou deficientes, as minorias étnicas e os povos autóctones;

3. A exploração dos seres humanos sob todas as suas formas, nomeadamente sexual, e especialmente no caso das crianças, vai contra os objetivos fundamentais do turismo e constitui a sua própria negação; a esse título, em conformidade com o direito internacional, ela deve ser rigorosamente combatida com a cooperação de todos os Estados envolvidos e sancionada sem concessões pelas legislações nacionais, quer dos países visitados, quer dos de origem dos autores desses atos, mesmo quando estes são executados no estrangeiro;

4. As deslocações por motivos de religião, de saúde, de educação e de intercâmbios culturais ou lingüísticos constituem formas particularmente interessantes de turismo, que merecem ser encorajadas;

5. A introdução nos programas de educação de um ensino sobre o valor dos intercâmbios turísticos, dos seus benefícios económicos, sociais e culturais, mas também dos seus riscos, deve ser encorajada.

Artigo 3

O turismo, fator de desenvolvimento sustentável

1. O conjunto dos atores do desenvolvimento turístico têm o dever de salvaguardar o ambiente e os recursos naturais, na perspectiva de um crescimento econômico são, contínuo e sustentável, capaz de satisfazer eqüitativamente as necessidades e as aspirações das gerações presentes e futuras;
2. Todos os tipos de desenvolvimento turístico que permitam economizar os recursos naturais raros e preciosos, nomeadamente a água e a energia, bem como evitar na medida do possível a produção de dejetos devem ser privilegiados e encorajados pelas autoridades públicas nacionais, regionais e locais;
3. A repartição no tempo e no espaço dos fluxos de turistas e de visitantes, especialmente o que resulta das licenças de férias e das férias escolares, e um melhor equilíbrio entre locais freqüentados devem ser procurados por forma a reduzir a pressão da atividade turística sobre o meio ambiente, e a aumentar o seu impacto benéfico na indústria turística e na economia local;

4. As infraestruturas devem estar concebidas e as atividades turísticas ser programadas por forma a que seja protegido o património natural constituído pelos ecossistemas e a biodiversidade, e que sejam preservadas as espécies ameaçadas da fauna e flora selvagens; os atores do desenvolvimento turístico, nomeadamente os profissionais, devem permitir que lhes sejam impostas limitações ou obstáculos às suas atividades quando elas sejam exercidas em zonas particularmente sensíveis: regiões desérticas, polares ou de alta montanha, zonas costeiras, florestas tropicais ou zonas úmidas, propícias à criação de parques naturais ou reservas protegidas;

5. O turismo de natureza e o ecoturismo são reconhecidos como formas especialmente enriquecedoras e valorizadoras do turismo, sempre que inscritos no respeito pelo património natural e populações locais e respeitem a capacidade de acolhimento dos lugares.

Artigo 4

O turismo, utilizador do património cultural da humanidade e contribuindo para o seu enriquecimento

1. Os recursos turísticos pertencem ao património comum da humanidade; as comunidades dos territórios onde eles se situam têm face a eles direitos e obrigações especiais;

2. As políticas e atividades turísticas são desenvolvidas no respeito pelo património artístico, arqueológico e cultural, competindo-lhes a sua preservação e transmissão às gerações futuras; um cuidado especial deve ser concedido à preservação e transmissão às gerações futuras; um cuidado especial deve ser concedido à preservação e valorização dos monumentos, santuários e museus, bem como de locais históricos e arqueológicos, quando estejam em grande parte abertos à frequência turística; deve ser encorajado o acesso do público aos bens e monumentos culturais privados, no respeito pelos direitos dos seus proprietários, bem como aos edifícios religiosos, sem prejudicar as necessidades do culto;

3. Os recursos obtidos pela frequência dos locais e monumentos culturais estão vocacionados, pelo menos em parte, para ser utilizados na manutenção, salvaguarda, valorização e enriquecimento desse património;

4. A atividade turística deve ser concebida por forma a permitir a sobrevivência e desenvolvimento de produções culturais e artesanais tradicionais, bem como o folclore, e não para provocar a sua padronização e empobrecimento.

Artigo 5

O turismo, atividade benéfica para os países e comunidades de acolhimento.

1. As populações locais estão associadas às atividades turísticas e participam eqüitativamente nos benefícios econômicos, sociais e culturais que geram, e nomeadamente na criação de emprego direto ou indireto que daí resulta;

2. As políticas turísticas devem ser conduzidas de tal forma que contribuam para a melhoria dos níveis de vida das populações das regiões visitadas e respondam às suas necessidades; a concepção urbanística e arquitetônica e o modo de exploração das estâncias e alojamentos devem visar a sua melhor integração possível no tecido económico e social local; em caso de iguais habilitações deve ser prioritariamente selecionado o emprego de mão de obra local;

3. Uma particular atenção deve ser dada aos problemas específicos das zonas costeiras e aos territórios insulares, bem como às regiões rurais ou de média montanha frágeis, para as quais o turismo representa muitas vezes uma das raras oportunidades de desenvolvimento face ao declínio das atividades económicas tradicionais;

4. Os profissionais do turismo, nomeadamente os investidores, devem, no quadro da regulamentação estabelecida pelas autoridades públicas, proceder aos estudos de impacto dos seus projetos de desenvolvimento no ambiente e meios naturais; devem de igual forma prestar, com a maior transparência e objetividade requerida, as informações quanto aos seus futuros programas e aos impactos previstos, abrindo-se ao diálogo nessas matérias com as populações interessadas.

Artigo 6

Obrigações dos atores do desenvolvimento turístico

1. Os atores profissionais do turismo têm por obrigação fornecer aos turistas uma informação objetiva e sincera sobre os destinos, sobre as condições de viagem, de acolhimento e de estadia; asseguram a transparência perfeita das cláusulas dos contratos propostos aos seus clientes, quer em matéria da natureza, do preço e da qualidade das

prestações que se comprometem fornecer, quer das contrapartidas financeiras que lhes incumbem em caso de ruptura unilateral por sua parte dos referidos contratos;

2. Os profissionais do turismo, quando isso depender de si, preocupam-se, em cooperação com as autoridades públicas, pela segurança, prevenção de acidentes, proteção sanitária e higiene alimentar dos que aos seus serviços recorrem; zelam pela existência de sistemas de seguro e assistência apropriados; aceitam a obrigação de prestar contas, atentas as modalidades previstas nas regulamentações nacionais, e, ser for preciso, pagar uma indenização eqüitativa no caso de desrespeito pelas suas obrigações contratuais;

3. Os profissionais do turismo, quando tal depender de si, contribuem para o pleno desenvolvimento cultural e espiritual dos turistas e permitem o exercício, durante as deslocações, do seu culto religiosos;

4. As autoridades públicas dos Estados de origem e dos países de acolhimento, em ligação com os profissionais interessados e suas associações, zelam pela existência dos necessários mecanismos ao repatriamento dos turistas no caso de falência das empresas que organizaram as suas viagens;

5. Os governos têm o direito- e o dever- especialmente em caso de crise, de informar os seus viajantes das condições difíceis, mesmo dos perigos, que podem encontrar por ocasião das suas deslocações ao estrangeiro; incumbe-lhes, no entanto, fornecer tais informações sem prejudicar de forma injustificada ou exagerada a indústria turística dos países de acolhimento e os profissionais interessados; as recomendações formuladas serão estritamente proporcionais à gravidade das situações e limitadas às zonas geográficas onde a insegurança estiver provada; deverão ser aligeiradas ou anuladas logo que o retorno à normalidade o permitir;

6. A imprensa, nomeadamente a imprensa turística especializada e os outros média, incluindo os modernos meios de comunicação eletrônica, devem fornecer uma informação honesta e equilibrada sobre os acontecimentos e situações susceptíveis de influir na frequência turística; têm igualmente por missão fornecer indicações precisas e fiáveis aos consumidores de serviços turísticos; as novas tecnologias de comunicação e comércio eletrónico devem ser igualmente desenvolvidas e utilizadas para esse fim; tal como a imprensa e os média elas não devem por alguma forma incentivar o turismo sexual.

Artigo 7

Direito ao turismo

1. A possibilidade de aceder, direta e pessoalmente, à descoberta das riquezas do planeta constitui um direito aberto a todos os habitantes do mundo; a participação cada vez mais alargada no turismo nacional e internacional deve ser considerada como uma das melhores expressões possíveis do crescimento contínuo do tempo livre, e não deve se impedida;
2. O direito ao turismo para todos deve ser visto como corolário do direito ao repouso e aos tempos livres, e nomeadamente do direito a uma razoável limitação da duração do trabalho e licenças periódicas pagas, garantido no artigo 24 da Declaração Universal dos Direitos do Homem, e no artigo 7.1 do Pacto internacional relativo aos direitos económicos, sociais e culturais;
3. O turismo social, e nomeadamente o turismo associativo, que permite o acesso do maior número aos tempos livres, às viagens e às férias, deve ser desenvolvido com o apoio das autoridades públicas;
4. O turismo das famílias, dos jovens e dos estudantes, das pessoas de idade e dos deficientes deve ser encorajado e facilitado.

Artigo 8

Liberdade das deslocações turísticas

1. Os turistas e visitantes beneficiam, no respeito pelo direito internacional e legislações nacionais, da liberdade de circulação, quer no interior do seu país, quer de um para outro para outro Estado, em conformidade com o artigo 13 de Declaração Universal dos Direitos do Homem; devem poder aceder às zonas de trânsito e estadia, bem como aos locais turísticos e culturais sem exageradas formalidades, nem discriminação;
2. Os turistas e visitantes devem ver-lhes reconhecida a faculdade de utilizar todos os meios de comunicação disponíveis, interiores ou exteriores; devem beneficiar de um pronto e fácil acesso aos serviços administrativos, judiciários e de saúde locais; podem livremente contactar as autoridades consulares do seu país de origem em conformidade com as convenções diplomáticas em vigor;

3. Os turistas e visitantes beneficiam dos mesmos direitos que os cidadãos do país visitado quanto à confidencialidade dos dados e informações pessoais que lhes respeitem, nomeadamente as armazenadas sob forma eletrônica;
4. Os procedimentos administrativos de passagem das fronteiras, impostos pelos Estados ou resultantes de acordos internacionais, como os vistos, ou as formalidades sanitárias e aduaneiras, devem ser adaptados de modo a facilitar a liberdade de viajar e o acesso do maior número ao turismo internacional; os acordos entre grupos de países visando harmonizar e simplificar tais procedimentos devem ser encorajados; os impostos e encargos específicos penalizando a indústria turística e atentando contra a competitividade devem ser progressivamente eliminados ou corrigidos
5. Os viajantes devem poder dispor, desde que a situação econômica dos países donde são originários o permita, do abono em divisas convertíveis necessário às suas deslocações

Artigo 9

Direito dos trabalhadores e dos empresários da indústria turística

1. Os direitos fundamentais dos trabalhadores assalariados e independentes da indústria turística e actividades conexas devem ser assegurados sob controle das administrações, quer dos Estados de origem, quer dos países de acolhimento, com especial atenção dados os obstáculos específicos ligados especialmente à sazonalidade da sua actividade, à dimensão global da sua indústria a à flexibilidade que a natureza do seu trabalho impõe;
2. Os trabalhadores assalariados e independentes da indústria e das actividades conexas têm o direito e o dever de adquirir uma formação ajustada, inicial e contínua; é-lhes assegurada uma protecção social adequada; a precaridade do emprego deve ser limitada ao máximo possível; um estatuto especial, nomeadamente no que diz respeito à sua protecção social, deve ser proposto aos trabalhadores sazonais do sector;
3. Toda a pessoa física e moral desde que cumpra as imposições e disponha das qualificações necessárias, deve ver-se reconhecido o direito de desenvolver uma actividade profissional no domínio do turismo, no quadro das legislações nacionais em vigor; os empresários e os investidores – especialmente no domínio das pequenas e médias empresas devem ver-lhes reconhecido o livre acesso ao sector turístico com um

mínimo de restrições legais ou administrativas;

4. As trocas de experiência oferecidas aos quadros e trabalhadores, assalariados ou não, de diferentes países, contribuem para o desenvolvimento da indústria turística mundial; devem ser incentivadas desde que possível, no respeito pelas legislações nacionais e convenções internacionais aplicáveis;

5. Factor insubstituível de solidariedade no desenvolvimento e dinamismo das trocas internacionais, as empresas multinacionais da indústria turística não devem abusar das situações de posição dominante que por vezes detêm; devem evitar tornar-se vector de modelos culturais e sociais artificialmente impostos às comunidades de acolhimento; em troca de liberdade de investir e operar comercialmente que lhes deve ser plenamente reconhecida, devem comprometer-se com o desenvolvimento local evitando, pelo repatriamento excessivo dos seus benefícios ou pelas suas importações induzidas, reduzir a contribuição que dão às economias onde estão implantadas;

6. O partenariatio e o estabelecimento de relações equilibradas entre empresas dos países emissores e receptores concorrem para o desenvolvimento sustentável do turismo e para uma repartição equitativa dos benefícios do seu crescimento.

Artigo

10

A aplicação dos princípios do Código mundial de ética do turismo

1. Os actores públicos e privados do desenvolvimento turístico cooperam na aplicação dos presentes princípios e devem zelar pelo controle da sua efectivação;

2. Os actores do desenvolvimento turístico reconhecem o papel das Instituições internacionais, na primeira linha das quais a Organização Mundial do Turismo, e das organizações não governamentais competentes em matéria de promoção e desenvolvimento do turismo na protecção dos direitos do homem, do ambiente ou da saúde, no respeito dos princípios gerais do direito internacional;

3. Os mesmos actores manifestam a intenção de submeter, para efeitos de conciliação, os litígios relativos à aplicação ou interpretação do Código Mundial de Ética do Turismo a um organismo terceiro imparcial denominado: Comité Mundial de Ética do Turismo.

ANEXO II

MENSAGEM DE SUA SANTIDADE JOÃO PAULO II POR OCASIÃO DO XXII DIA MUNDIAL DO TURISMO

1. Por ocasião do XXII Dia Mundial do Turismo, que tem por tema: "O turismo, um instrumento ao serviço da paz e do diálogo entre as civilizações", envio de bom grado a minha saudação a todos os que, de várias formas, trabalham neste importante campo social. De fato, o turismo diz cada vez mais respeito à vida das pessoas e das nações. Os modernos meios de comunicação facilitam a deslocação de milhões de viajantes em busca de repouso ou de um contacto com a natureza ou desejosos de um conhecimento mais aprofundado da cultura de outros povos. A indústria turística, que vai ao encontro destes desejos, multiplica a oferta de itinerários que dão a possibilidade de novas experiências. Pode dizer-se que praticamente caíram as barreiras que isolavam os povos e os tornavam desconhecidos uns aos outros.

Em sintonia com a decisão das Nações Unidas de proclamar o ano 2001 "Ano internacional do diálogo entre as civilizações", o tema escolhido pela Organização Mundial do Turismo para o Dia deste ano representa um convite a refletir acerca da contribuição que o turismo pode dar ao diálogo entre as civilizações. Eu próprio dediquei a este tema alguns trechos da Mensagem para o Dia Mundial da Paz deste ano. Com efeito, trata-se de um assunto que merece atenção, a partir do momento em que no diálogo entre as culturas se encontra "o caminho que é necessário seguir para a edificação de um mundo reconciliado, capaz de olhar com serenidade o seu futuro" (*Mensagem para o Dia Mundial da Paz de 2001*, n. 3).

2. A indústria turística revela como é o mundo: cada vez mais global e sempre interdependente. O desenvolvimento do turismo, sobretudo do turismo cultural, constitui sem dúvida um benefício para quem o pratica e para a comunidade que recebe os visitantes e os turistas. Existe uma consciência

generalizada da importância das grandes obras de arte, como sinais da identidade das civilizações, e aumenta sempre mais a exigência da sua proteção também por parte da comunidade internacional.

Mas em alguns lugares, o turismo em massa gerou uma forma de subcultura que degrada quer o turista, quer a comunidade que o recebe: há uma tendência a instrumentalizar para fins comerciais os vestígios de "civilizações primitivas" e os "ritos de iniciação ainda praticados" nalgumas sociedades tradicionais.

Para as comunidades que recebem, muitas vezes o turismo torna-se uma oportunidade para vender produtos chamados "exóticos". Desta forma, surgem sofisticados centros de férias, distantes de um contacto real com a cultura do País que recebe ou caracterizados por um "exotismo superficial" para uso dos curiosos, sequiosos de novas sensações. Infelizmente este desejo desenfreado atinge algumas vezes aberrações humilhantes como a exploração de mulheres e de crianças para um comércio sexual sem escrúpulos, que constitui um escândalo intolerável. É necessário fazer quanto for possível para que o turismo não se torne em nenhum caso uma moderna forma de exploração, mas sim ocasião para um útil intercâmbio de experiências e para um proveitoso diálogo entre civilizações diferentes.

Numa humanidade globalizada, por vezes o turismo é importante fator de mundialização, capaz de provocar mudanças radicais e irreversíveis nas culturas das comunidades que recebem. Sob o estímulo do consumismo pode transformar em bens de consumo a cultura, as cerimônias religiosas e as festas étnicas, que se empobrecem cada vez mais para responder aos desejos de um maior número de turistas. Para satisfazer estas exigências recorre-se a uma "etnicidade reconstruída", o contrário daquilo que deveria ser um verdadeiro diálogo entre as civilizações, respeitador da autenticidade e da realidade de cada um.

3. Não há dúvida de que, se for corretamente orientado, o turismo torna-se uma oportunidade para o diálogo entre as civilizações e as culturas e, definitivamente, um precioso serviço à paz. A própria natureza do turismo inclui algumas circunstâncias que predispõem para este diálogo. De fato, na prática do turismo torna-se possível uma interrupção da vida quotidiana, do trabalho, das obrigações a que somos necessariamente obrigados. Nesta situação o homem consegue "considerar com olhos diferentes a própria existência e a dos outros: libertando das impelentes ocupações quotidianas, ele

tem a oportunidade de redescobrir a própria dimensão contemplativa, reconhecendo os vestígios de Deus na natureza e sobretudo nos outros seres humanos" (*Angelus* de 21 de Julho de 1996, ed. port. de *L'Osservatore Romano* de 27/7/1996, pág. 1).

O turismo põe em contacto com as outras formas de viver, com outras religiões, com outras formas de ver o mundo e a sua história. Isto leva o homem a descobrir-se a si mesmo e aos outros, como indivíduos e como coletividade, imersos na vasta história da humanidade, herdeiros e solidários de um universo familiar e ao mesmo tempo desconhecido. Surge uma nova visão dos outros, que liberta do risco de permanecer fechados em si próprios.

Ao viajar, o turista descobre outros lugares, novas cores, formas diferentes, modos diversos de sentir e viver a natureza. Habitado à própria casa, à sua cidade, às paisagens de sempre e às vozes familiares, o turista adapta o seu olhar a outras imagens, aprende novas palavras, admira a diversidade de um mundo que ninguém pode abraçar completamente. Neste esforço crescerá, sem dúvida, o seu apreço por tudo o que o circunda e a consciência de que é necessário protegê-lo.

O viajante, em contacto com as maravilhas da criação, sente no seu coração a presença do Criador e é levado a exclamar com sentimentos de profunda gratidão: "Quão amáveis são todas as Suas obras! E todavia não podemos ver delas mais que uma centelha" (*Ecli.* 42, 22).

Em vez de se fechar na sua cultura, os povos são convidados, hoje mais do que nunca, a abrirem-se a outros povos, confrontando-se com os diferentes modos de pensar e de viver. O turismo constitui uma ocasião favorável para este diálogo entre as civilizações, porque promove o inventário das riquezas específicas que distinguem uma civilização de outra; favorece a recordação de uma memória viva da história e das suas tradições sociais, religiosas e espirituais e um aprofundamento recíproco das riquezas na humanidade.

4. Por conseguinte, por ocasião do Dia Mundial do Turismo, convido todos os crentes a refletir sobre os aspectos positivos e negativos do turismo, para testemunhar de maneira eficaz a própria fé neste âmbito tão importante da realidade humana.

Que ninguém caia na tentação de fazer do tempo livre um tempo de "repouso dos valores" (cf. *Angelus* de 4 de Julho de 1993). Pelo contrário, é um dever promover uma ética do turismo. Neste

contexto, merece atenção o "Código ético mundial para o turismo", que representa a convergência de uma ampla reflexão realizada pelas nações, por várias associações do turismo e pela Organização Mundial do Turismo (OMT). Este documento constitui um importante passo dado em frente para considerar o turismo não só como uma das numerosas atividades econômicas, mas como um instrumento privilegiado para o progresso individual e coletivo. Com efeito, graças a ele pode ser mais bem utilizado o patrimônio cultural da humanidade em benefício sobretudo do diálogo entre as civilizações e da promoção de uma paz estável.

Merece ser realçado que este Código ético mundial tem em consideração os diversos motivos que levam os homens a percorrer o planeta em todas as direções, com especial referência às viagens por motivos religiosos, como as peregrinações e as visitas aos santuários.

5. O conhecimento recíproco entre indivíduos e povos, graças a encontros e a intercâmbios culturais, contribui sem dúvida para a construção de uma sociedade mais solidária e fraterna. O turismo requer a convivência passageira com outras pessoas, a recolha de informações acerca das condições de vida, dos problemas e da religião; pressupõe a partilha das aspirações legítimas de outros povos; favorece as condições para o seu reconhecimento pacífico.

Uma justa ética do turismo influi sobre o comportamento do turista, faz com que ele seja um colaborador solidário, exigente consigo mesmo e com quantos organizam a sua viagem; agente de diálogo entre as civilizações e as culturas para construir uma civilização do amor e da paz. Estes contactos facilitam o aparecimento daquelas relações de paz entre os povos que podem brotar apenas de um "turismo solidário", baseado na participação de todos. Unicamente a participação de "igual para igual" pode fazer com que os contactos interculturais sejam uma oportunidade para a compreensão, o conhecimento recíproco e a distensão entre os homens. Por isso, devem ser encorajadas todas as formas de participação eficazes entre as culturas. É necessário garantir aos habitantes das localidades turísticas um devido envolvimento na planificação das atividades turísticas, esclarecendo bem os limites econômicos, ecológicos ou culturais.

Será também útil que todas as estruturas do País que recebe sejam destinadas a realizar uma atividade turística sempre ao serviço das pessoas e das comunidades.

Desta forma, o turismo põe-se ao serviço da solidariedade entre todos os homens, do encontro entre as civilizações; facilita a compreensão entre indivíduos e nações, constitui uma oportunidade para realizar um futuro de paz.

Os cristãos, que trabalham ou fazem uso do turismo, assinalem sempre a atividade turística com um espírito evangélico, recordando-se da exortação do Senhor: "Em qualquer casa que entrardes, dizei primeiro: "A paz seja nesta casa!" E, se lá houver um homem de paz, sobre ele repousará a vossa paz" (Lc 10, 5-6). Sejam testemunhas de paz e levem serenidade a todos os que encontram.

Peço ao Senhor para que este fundamental âmbito da atividade humana esteja sempre imbuído de valores cristãos e se torne meio de evangelização. Para esta finalidade, invoco a proteção maternal de Maria, Mãe da humanidade inteira, enquanto de coração envio a todos os que estão empenhados no campo turístico uma especial Bênção apostólica.

Vaticano, 9 de Junho de 2001.

ANEXO III e IV

